



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPG-GEO

CASTRO COSTA DA SILVA

**TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DAS COMUNIDADES INDÍGENAS  
YE'KUANA E SANUMÃ NA REGIÃO DE AUARÍS – RORAIMA**

BOA VISTA, RR  
2017

CASTRO COSTA DA SILVA

**TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DAS COMUNIDADES INDÍGENAS  
YE'KUANA E SANUMÃ NA REGIÃO DE AUARÍS – RORAIMA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Geografia: Linha de pesquisa: Produção do Território Amazônico.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Bárbara de Magalhães Bethonico.

Co-orientador: Prof. Dr. Artur Rosa Filho

BOA VISTA, RR  
2017

CASTRO COSTA DA SILVA

TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DAS COMUNIDADES INDÍGENAS  
YE'KUANA E SANUMÃ NA REGIÃO DE AUARIS – RORAIMA

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima. Linha de pesquisa: Produção do Território Amazônico. Defendida em 09 de março de 2017 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dra. Maria Bárbara de Magalhães Bethonico  
Orientadora - UFRR

---

Prof. Dra. Elaine Moreira  
Membro - UFRR

---

Prof. Dra. Altiva Barbosa da Silva  
Membro - UFRR

---

Prof. Dr. Maxim Repetto  
Membro – UFRR

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiro lugar agradecer nosso criador Wanaaseduume, por ter dado minha saúde e para vencer obstáculos.

Agradeço meus pais Sr. Barrada e Sra. Luana que me deram apoio e incentivo.

À Professora Jandyra Dominoni, não poderia deixar de agradecer, por ter dado os primeiros passos para minha formação.

Aos meus irmãos Flávio e Saul pelo apoio. Minhas irmãs Ana, Cristina e Marlene. Agradeço ainda nosso irmão caçula Sandro, pela colaboração com este trabalho.

À minha parceira Célia Gimenes pela colaboração, seu apoio e grande incentivadora nesta caminhada.

Ao meu avô Sr. Pery, grande pai de família, grande líder da comunidade, pelas entrevistas concedidas e pelos seus ensinamentos.

Ao tuxaua da comunidade Fuduwaadunha Sr. Davi Kayuwai e todos meus parentes Ye'kuana.

Às lideranças da comunidade Ashikamau, Paulo Illo, Carlos Sanumã e Moises por conceder entrevistas.

Aos professores da Escola Indígena Apolinário Gimenes por ter dado espaço para realizar atividades. Ao professor, liderança e atual presidente APYB Sr. Reinaldo Wadedyuuna pelo incentivo e pelo apoio dado durante o curso.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Barbara de Magalhães Bethonico, um exemplo de competência, ética e rigor profissional, apontou os caminhos e me encorajou a fazer este trabalho de pesquisa. Ela foi uma grande incentivadora para fazer o curso de mestrado e paciente nos momentos difíceis e principalmente pela orientação acadêmica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia PPG – GEO que me deu oportunidade, minha formação superior. Aos professores do programa, todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigado.

Agradeço à CAPES pela bolsa de auxílio à pesquisa e incentivo para a realização dessa pesquisa e também ao Observatório da Educação Escolar Indígena (OEEI).

Importância do território para os povos indígenas cabe destacar que, apesar de uma grande variedade em seus modos de vida, na maior parte de seus modelos de sustentabilidade há uma relação de profunda interdependência entre povos indígenas, seu território e recursos naturais.

(Inglez de Souza)

## RESUMO

Esta dissertação é um estudo sobre as comunidades indígenas, Ashikamau dos Sanumã e do Fuduwaadunha dos Ye'kuana, que estão localizadas na Terra Indígena Yanomami, no município de Amajari – RR. O nosso estudo está relacionado às mudanças culturais, socioeconômicas e socioambientais na região de Auarís, após o contato com os não-indígenas. As mudanças de comportamentos dos indígenas de ambas as etnias trouxeram prejuízo, pois atualmente enfrentam sérios desafios, como a falta de recursos naturais, essenciais para a sua sobrevivência. O modo de vida destes grupos indígenas depende desses recursos naturais e, com o aumento demográfico na região, agrava-se a pressão sobre os recursos naturais. Diante deste fato, o objetivo do estudo é compreender os usos do território na região de Auarís, considerando a ocupação por dois grupos: os Ye'kuana e os Sanumã. Entre os objetivos específicos estão: a caracterização da região de Auarís em seus aspectos físicos (localização geográfica, geologia, relevo, solos, rede de drenagem, cobertura vegetal, clima, fauna); a análise do processo humano de ocupação da região e a caracterização da atual forma de ocupação do espaço; identificação e mapeamento dos usos do território pelos povos Ye'kuana e Sanumã; análise das consequências e desafios destas formas de uso e gestão do território pelos dois povos. Para alcançar esses objetivos foram realizadas reuniões e entrevistas nas comunidades, foram elaborados o calendário socionatural e os mapas de uso do espaço; e feita participação em debates que envolvem o tema da gestão territorial, realizados pelas comunidades e organizações indígenas e não indígenas. Este trabalho pode contribuir para criar instrumentos de discussões entre os povos que são moradores da região e o poder público, de modo a apontar alternativas que ofereçam suporte a uma sustentabilidade, uma organização da ocupação do espaço e gestão do território.

**Palavras-chave:** Indígena. Território. Humano. Auarís

## RESUMEN

Esta disertación se ocupa del estudio de las comunidades indígenas Ashikamau, de los Sanumá, y Fuduwaadunha, de los Ye'kuana, ubicadas en la Tierra Indígena Yanomami, municipio de Amajari en Roraima. Nuestra investigación analiza los cambios culturales, socioeconómicos y ambientales que ocurrieran en la región Auaris después del contacto con los no indígenas. Los cambios en el comportamiento de los indígenas en ambos grupos étnicos trajeron daño a su modo de vivir y actualmente enfrentan serios problemas, como la falta de recursos naturales esenciales para su supervivencia. Estos grupos indígenas dependen de estos recursos naturales para vivir y con el crecimiento de la población de la región la presión sobre los recursos naturales aumentó. El propósito desta investigación es comprender los usos del territorio en la región de Auarís teniendo en cuenta la ocupación de los Ye'kuana y de los Sanumá, dos grupos distintos. Los objetivos específicos son: hacer la caracterización física de la región de Auarís (ubicación geográfica, la geología, el relieve, las condiciones del suelo, red de drenaje, la cubierta vegetal, clima, recursos naturales); analizar el proceso humano de la ocupación de la región y caracterizar la forma actual de ocupación del espacio; identificar y mapear los diferentes usos del territorio por los Ye'kuana y Sanumá; analizar las consecuencias y los retos de las formas de uso y manejo del territorio por los dos grupos. Para lograr estos objetivos, fueron realizadas reuniones y entrevistas en las comunidades, el calendario socionatural y mapas sobre el uso del espacio y la participación en los debates relacionados con el tema de la gestión territorial llevados a cabo por las comunidades y organizaciones indígenas y no indígenas. Este trabajo puede aportar instrumentos de diálogo entre los pueblos habitantes de la región y el poder público y colaborar en la construcción de alternativas que sean sustentables para la organización de la ocupación del espacio y el manejo del territorio.

Palabras-clave: Indígena, Territorio. Humano. Auarís

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa de localização da pesquisa .....	16
Figura 2 Imagem aérea da comunidade Fuduwaadunha 1 .....	17
Figura 3 Imagem aérea da comunidade Fuduwaadunha 2 .....	18
Figura 4 Imagem da comunidade Ashikamau .....	19
Figura 5 Pista de Auarís .....	20
Figura 6 Mapa de classificação Köppen.....	21
Figura 7 Mapa da bacia hidrográfica do rio Auarís.....	23
Figura 8 Mapa da distribuição espacial dos grandes grupos de vegetação de Roraima.....	24
Figura 9 Imagem aérea da floresta na região de Auarís .....	25
Figura 10 Árvores nativas da região de Auarís .....	25
Figura 11 Peixes do rio Auaris .....	27
Figura 12 Serras da região de Auarís .....	28
Figura 13 Mapa de Terra Indígena Yanomami.....	45
Figura 14 Mapas indicando a localização das cabeceiras dos rios .....	51
Figura 15 Imagem aérea da pista de Auarís .....	54
Figura 16 Imagem de aviões na pista de Auarís .....	55
Figura 17 Representação de uma comunidade Ye'kuana.....	63
Figura 18 representação de casa tradicional Ye'kuana (ättä) .....	64
Figura 19 Casa Famaakadi da década de 1980.....	65
Figura 20 Imagem de uma ättä .....	66
Figura 21 Imagem atual das casas dos Ye'kuana.....	67
Figura 22 Imagem da festa de äuddajä edeemi'jödö.....	68
Figura 23 Imagem de madeira pintada para a construção de casa.....	69
Figura 24 Imagem da festa de inauguração casa nova.....	70
Figura 25 Imagem construção de uma ättä .....	71
Figura 26 mapa de expansão Yanomami.....	72
Figura 27 Mapa de classificação linguística dos Yanomami .....	73
Figura 28 Casa da família Sanumã .....	79
Figura 29 Imagem de casa Sanumã coberta com telha de zinco.....	79
Figura 30 mapa da trajetória dos moradores da comunidade Fuduwaadunha .....	83
Figura 31 Mapa de trajetória dos moradores comunidade Ashikamau .....	84

Figura 32 Calendário Socionatural da comunidade Fuduwaadunha .....	91
Figura 33 Gráfico de calendário socionatural da comunidade Fuduwaadunha .....	92
Figura 34 Gráfico do calendário socionatural de comunidade Ashikamau .....	94
Figura 35 Localização das roças dos Ye'kuana e dos Sanumã .....	96
Figura 36 Imagem de uma roça Ye'kuana.....	97
Figura 37 Mapa de lugares de caça .....	103
Figura 38 Imagem de portão sobre igarapé Dejoko .....	104
Figura 39 Mapa de localização retirada de madeiras e palhas .....	106
Figura 40 mapa de área limites de fragilidades territoriais .....	108

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Subgrupo Yanomami-etnônimos por região .....	73
Tabela 2 população Sanumã em 1968 a 1970.....	74

## **LISTA DE SIGLAS**

AIS- Agente Indígena de Saúde

APYB- Associação do Povo Ye'kuana do Brasil

CCPY- Comissão Pró-Yanomami

CASAI- Casa de Saúde Indígena

EMSI- Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena

FAB- Força Aérea Brasileira

FUNAI- Fundação Nacional do Índio.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

ISA- Instituto Socioambiental

MEVA- Missão Evangélica da Amazônia

ONGS- Organizações não governamentais

SESAI- Secretaria Especial de Saúde Indígena

5º PEF- Quinto Pelotão Especial de Fronteira

7º BIS- Sétimo Batalhão de Infantaria de Selva

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 ÁREA DE PESQUISA – LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS .....	16
1.1.1 Solo .....	20
1.1.2 Clima .....	21
1.1.3 Geologia .....	22
1.1.4 Hidrografia .....	23
1.1.5 Vegetação .....	23
1.1.6 Fauna .....	26
1.1.7 Relevo .....	27
1.2 MATERIAIS E MÉTODOS .....	28
1.2.1 Construção de calendário .....	30
1.2.2 Entrevistas .....	32
<b>2. ESPAÇO, TERRITÓRIO E TERRA INDÍGENA .....</b>	<b>34</b>
2.1 ESPAÇO GEOGRÁFICO .....	34
2.2 TERRITÓRIO .....	38
2.2.1 Território para os Ye'kuana .....	39
2.3 TERRA INDÍGENA .....	43
2.4 A TERRA INDÍGENA YANOMAMI .....	45
<b>3. OCUPAÇÃO HUMANA EM AUARÍS .....</b>	<b>50</b>
3.1 OS POVOS QUE HABITAM A REGIÃO E A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO .....	51
3.1.1 Ye'kuana .....	56
3.1.1.1 Aspectos Culturais .....	57
3.1.1.2 Produção de alimento .....	58
3.1.1.3 Habitação .....	63
3.1.1.4 Manifestações Culturais .....	68
3.1.2 Sanumã .....	71
3.1.2.1 Cerimônias realizadas pelo povo .....	76
3.1.2.2 Produção de alimento .....	77
3.1.2.3 Habitação .....	77
3.2 HISTÓRIA DE COMUNIDADES FUDUWAADUNHA E ASHIKAMA .....	80
3.2.1 Fuduwaadunha .....	81
3.2.2 Ashikama .....	83
<b>4. ATIVIDADES E USOS DOS TERRITÓRIOS EM AUARÍS .....</b>	<b>86</b>
4.1 CALENDÁRIO SOCIONATURAL DA COMUNIDADE FUDUWAADUNHA .....	86
4.2 CALENDÁRIO SOCIONATURAL DA COMUNIDADE ASHIKAMAU .....	93
4.3 ESPAÇO DE PRODUÇÃO .....	95
4.4 ESPAÇO DE CAÇA E PESCA .....	101
4.5 ESPAÇO PARA RETIRADA DE PALHA E MADEIRA .....	105
4.6 AS FRAGILIDADES NOS LIMITES TERRITORIAIS ENTRE OS SANUMÃ E OS YE'KUANA .....	107
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>118</b>

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>123</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os povos indígenas passaram por vários processos desde a época da colonização europeia por portugueses, espanhóis, ingleses, holandeses e por outras nações. Muitos desses povos foram extintos, suas terras foram tomadas pelos novos ocupantes do continente americano. Diante desse cenário, alguns povos indígenas resistiram bravamente e são conhecidos guerreiros. Atualmente são protagonistas na defesa do seu território e de seu povo. Lutaram para serem reconhecidos pelo Estado, onde colocaram seus direitos garantidos na Constituição Federal de 1988. Nos últimos anos esses direitos são ameaçados constantemente pelos poderes legislativo e/ou executivo.

Atualmente, alguns povos indígenas conseguiram demarcar seus territórios com muita luta e resistência, porém, outros povos não conseguem reconhecimento de suas terras e ficam, cada vez mais, vulneráveis e ameaçados de desaparecerem.

Nosso trabalho trata a questão indígena, destes povos que sofrem com a invasão do seu território, pelos não indígenas, principalmente pelos garimpeiros nas décadas de 1980 e 1990 e, também, pela abertura de estrada Perimetral Norte/BR210. Essas invasões levaram a várias mortes da população nativa, com doenças levadas pelos invasores.

Diante deste cenário, era necessária a demarcação da terra indígena, para proteger os povos indígenas Yanomami e Ye'kuana, que ocupam o mesmo território. Com muita pressão, o governo brasileiro demarcou e homologou em 1992 a chamada Terra Indígena Yanomami. Depois do reconhecimento da terra, surgiram outros problemas para os povos indígenas Ye'kuana e Yanomami.

Após o contato com sociedade ocidental, esses povos sofreram mudanças culturais impostas pelo Estado Nacional. Destacamos dentre as mudanças, que afetam a maioria das comunidades indígena atualmente, a fixação das moradias e a presença de políticas públicas nas aldeias. Ao longo dos anos, a sedentarização das comunidades indígenas começou a trazer como consequência a escassez dos recursos naturais, como falta de caça, pesca e de solos férteis para as roças, palhas e madeiras que ficavam cada vez mais distantes das comunidades. O presente trabalho vai discutir nessas questões. Nosso estudo foi realizado na região de Auarís localizada no município de Amajari, na Terra Indígena Yanomami, estado de Roraima, especificamente nas comunidades indígenas: Fuduwaadunha dos

Ye'kuanas (Caribe) e Ashikamau dos Sanumã (Yanomami).

Estas duas comunidades indígenas estão ali, ocupando o mesmo espaço geográfico há mais de meio século, ou seja, desde a chegada do homem branco na região em 1963. Atualmente é um polo de atração para moradores de outras comunidades, devido à presença de políticas públicas implantadas neste lugar, como posto de saúde, escolas, presença dos missionários e dos militares. O carro-chefe de tudo isso foi a construção da pista de pouso que, na década de 1990, foi ampliada e asfaltada. A consequência disso, como mencionamos acima, foi que as comunidades sofrem com a falta de recursos naturais que são essenciais para a sobrevivência desses grupos e ocorre a pressão sobre os recursos ainda disponíveis. Além da fixação de novos moradores, também houve um aumento populacional na região de Auarís.

Quando não havia a presença não indígena em Auarís, a mobilidade das comunidades era frequente; assim, os recursos naturais não sofriam tanta pressão, pois não havia concentração das pessoas.

Neste contexto, o objetivo da pesquisa é compreender os usos do território na região de Auarís, considerando os dois grupos indígenas que as habitam, os Sanumã e os Ye'kuana. Para atingir nosso objetivo, estabelecemos os objetivos específicos: a) caracterizar a região de Auarís em seus aspectos físicos (localização geográfica, geologia, geomorfologia, pedologia, rede de drenagem, cobertura vegetal, clima, recursos naturais); b) resgatar o processo de ocupação humano da região e caracterizar a atual forma de ocupação do espaço; c) identificar e mapear os diversos usos do território pelos povos Ye'kuana e Sanumã; d) analisar as consequências e desafios das formas de uso e gestão do território pelos dois povos.

Durante o curso participamos dos grupos de estudos: Observatório Educação Escolar indígena (OBEDUC) e PET, coordenados pelos professores Maxim Repetto e Maria Bárbara, juntamente com os discentes de graduação Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena e outros alunos do curso da pós-graduação. No grupo de estudo discutia-se o Método Indutivo Intercultural. Os alunos de licenciatura intercultural da Insikiran e os alunos de mestrado apresentavam seus trabalhos de pesquisa e também as oficinas sobre o método indutivo intercultural como calendário socionatural ou calendário cultural das comunidades pesquisadas. A partir de encontros e as oficinas realizadas, nós decidimos construir o calendário cultural utilizando o método indutivo intercultural

para analisar o uso do território pelas comunidades indígenas Ashikamau e Fuduwaadunha.

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de se compreender a ocupação da região de Auarís, a partir da perspectiva “do morador da região” com o auxílio da ciência geográfica. Como morador da região eu precisava entender estes problemas que meu povo enfrenta no dia a dia; ainda se justifica pela necessidade de produção de instrumentos de análise e gestão do território indígena, como mapas e o calendário socionatural, no sentido de abordar os desafios territoriais na TI Yanomami. Esse trabalho se mostra importante para criar instrumentos de discussão entre os povos que são moradores da região e o poder público, de modo a apontar alternativas que ofereçam suporte a uma sustentabilidade e organização da ocupação do espaço e gestão do território. Nesse sentido, esta pesquisa poderá servir de base para as discussões nas comunidades e entre os moradores e os órgãos de apoio aos povos indígenas.

Esse trabalho se mostra, também, relevante pela possibilidade de ampliação das discussões sobre a questão indígena, porque a Geografia no Brasil tem produzido poucos estudos diretamente voltados às questões indígenas como: terras indígenas, as comunidades e seus territórios.

Também gostaria de ressaltar aqui o trabalho foi construído a partir da perspectiva Ye'kuana, o olhar Ye'kuana, o pensamento Ye'kuana, mas, foi feito um esforço no sentido de entender os dois povos que habitam Auarís. Mas, enquanto pesquisador Ye'kuana, que fala sua língua, conhece mais seu povo, a história do povo, eu tinha mais facilidade de interagir com a comunidade Fuduwaadunha do que a comunidade Ashikamau dos Sanumã, porque as duas etnias possuem línguas diferentes, por isso, eu tinha dificuldade de comunicar com a comunidade Ashikamau (dos Sanumã) e precisava de alguém para traduzir.

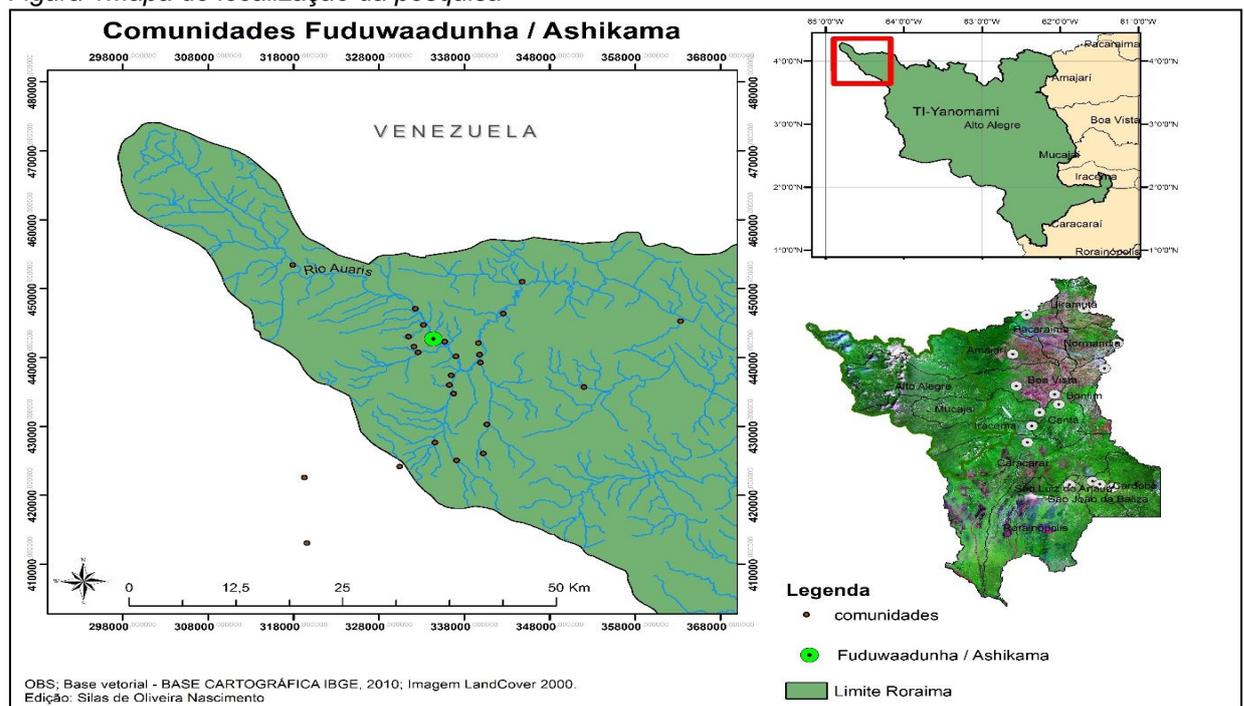
A dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo busca analisar as características da área do estudo, os materiais usados para nossa pesquisa e os métodos adotados para este trabalho. O segundo capítulo aborda os conceitos usados para fundamentar este trabalho: espaço geográfico, região, território, terra indígena e a Terra Indígena Yanomami. No terceiro capítulo analisamos a ocupação humana em Auarís e a formação do território atual pelos povos indígenas com abordagens sobre as culturas, produção de alimento, moradias e manifestações culturais dos povos que habitam na região de Auarís e, por fim, os

históricos das comunidades Ashikamau e Fuduwaadunha. No quarto capítulo procuramos analisar as atividades realizadas por cada comunidade ao longo do ano e o uso do território pelos moradores das duas comunidades estudadas: espaço de caça e pesca; espaço de retirada de madeiras e palhas; espaço de produção de alimentos; espaço de reclamação dos Ye'kuana. Por último, nas considerações finais retomamos de forma breve os temas discutidos ao longo da dissertação, apontando algumas sugestões para região de Auaris e algumas iniciativas que podem ser tomadas pelas organizações indígenas e não indígenas com apoio dos órgãos governamentais que apoiam os povos Yanomami.

### 1.1 ÁREA DE PESQUISA – LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

A região de Auaris está localizada a noroeste do estado de Roraima, no município de Amajari, na zona de fronteira do Brasil com a Venezuela e está inserida na Terra indígena Yanomami, a uma distância de 450 quilômetros da capital Boa Vista em linha reta. A referência na região é a existência de uma pista de pouso que tem como coordenadas geográficas N 03°00'.106" W 064°29'.364", e altitude 767metros (Figura 1).

Figura 1 Mapa de localização da pesquisa



Auarís está na bacia hidrográfica do rio com o mesmo nome e possui 36 comunidades indígenas, com uma população de 3.117, segundo dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena/SESAI de 2015.

Este estudo envolve apenas duas comunidades indígenas: a comunidade Fuduwaadunha, do povo Ye'kuana, e que tem uma população de 273 (SESAI, 2015), e a comunidade Ashikamau, do povo Sanumã, com população de 333 pessoas (SESAI, 2015). As duas comunidades indígenas têm características diferentes das outras comunidades da região, devido à sua ocupação e tratando-se, também, os povos diferentes ocupando um mesmo espaço geográfico. Esta região é única na terra indígena Yanomami pelo fato de existirem os povos do tronco linguístico caribe "Ye'kuana", sendo que o restante da terra indígena apresenta o tronco Yanomami.

Figura 2 Imagem aérea da comunidade Fuduwaadunha 1



Foto: Elena Fioretti, 2015

A comunidade Fuduwaadunha está localizada a uma distância de um quilômetro da margem direita do rio Auarís e da pista, com as coordenadas N 03° 59'.512" e W 064°29'.461" e altitude de 769 metros. Esta paisagem apresenta-se

como um mosaico, onde temos as casas e uma infraestrutura como posto de saúde, escola, área de lazer e uma casa para encontros dos anciãos; ao redor da aldeia temos áreas como clareiras em meio a floresta, onde se encontram as roças da comunidade. Porém, a comunidade Fuduwaadunha divide-se em duas comunidades, uma vez que existe outro agrupamento do outro lado do rio, que vou chamar de Fuduwaadunha 1 (Figura 02), devido ser a comunidade mais antiga, criada em 1989, e Fuduwaadunha 2 (Figura 03) que foi criada recentemente, a partir 2008.

Figura 3 Imagem aérea da comunidade Fuduwaadunha 2



Foto: Mimica, 2016

Na comunidade Fuduwaadunha 1, apenas cinco pais de família moram e algumas famílias da Venezuela mudaram para essa comunidade. Até 2008 os Ye'kuana moravam nesta comunidade e, a partir deste ano, mudaram para Fuduwaadunha 2.

A comunidade Ashikamau, dos Sanumã, está localizada à margem direita do rio Auarís (Figura 4), ao lado da pista de Auarís. As casas dos Sanumã ficam afastadas das outras casas, e cada conjunto de casas representam famílias próximas. A mesma fica próxima ao rio. Ao centro temos a Missão Evangélica da

Amazônia/MEVA que, atualmente, tem presença esporádica dos missionários.

Figura 4 Imagem da comunidade Ashikamau



Foto: Castro Costa, 2015

- CASAS SANUMÃ
- MEVA

A pista é a principal infraestrutura da região de Auarís, que tem comprimento de 1.200 metros e 30 metros de largura; está localizada à margem direita do rio Auarís, o principal da região (Figura 5). Ao lado esquerdo temos 5º Pelotão Especial de Fronteira/5ºPEF que é subordinado ao 7º Batalhão Infantaria de Selva (7ºBIS) e conta com 60 militares. Ao lado direito está o Polo-base Auarís, que possui uma Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena (EMSI) e conta com 12 profissionais. O Polo-base é um estabelecimento de referência para o conjunto de aldeias. Todos esses elementos compõem o espaço geográfico da região de Auarís e conferem uma dinâmica própria com grande movimentação de pessoas externas às comunidades.

Figura 5 Pista de Auarís



Foto: Natalino, 2015

### 1.1.1 Solo

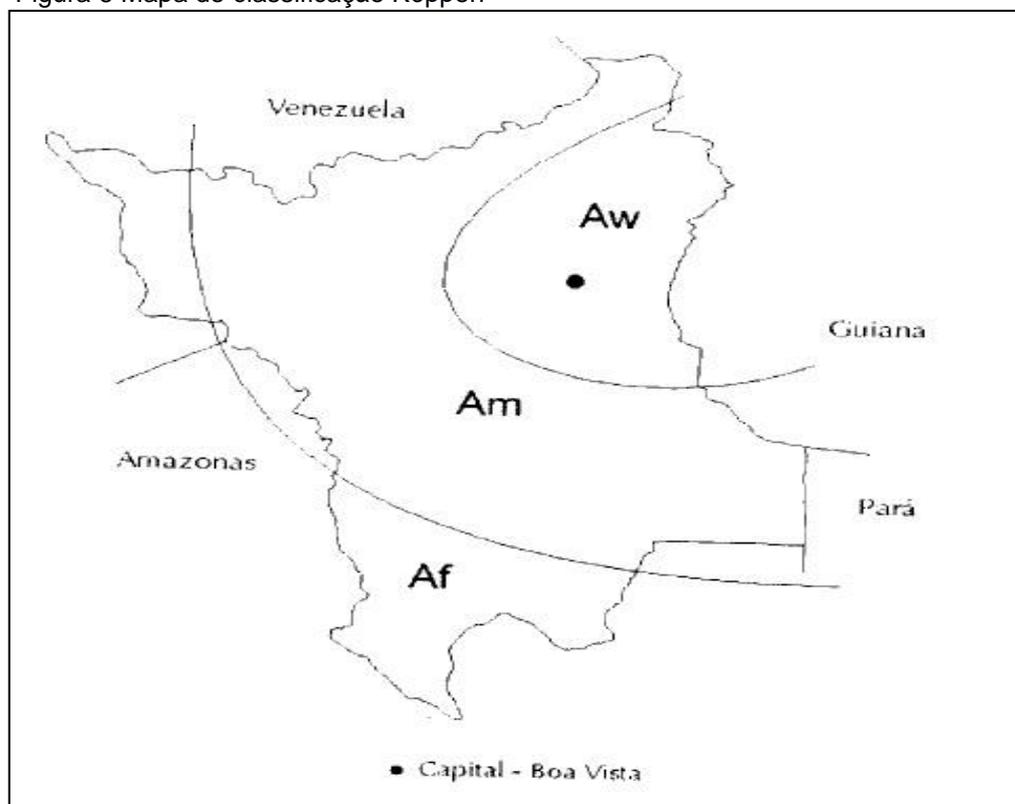
Os solos em Auarís, segundo os registros do Projeto RADAMBRASIL (1975), classificam-se como Podzólico vermelho amarelo + latossolo vermelho amarelo distrófico. Nesse sentido estes solos encontram-se, normalmente, em relevo plano e suave ondulado, ocorrendo, também, em áreas com relevo ondulado, forte ondulado e montanhoso. Segundo a classificação do IBGE (2005), a região apresenta uma mescla de Neossolo Litólico distrófico com presença de argila pouco cascalhenta com o Argissolo Amarelo distrófico + Cambissolo Háplico Tb distrófico com ocorrência de argila cascalhenta. Em geral a toda Terra indígena Yanomami tem formação geológica mais antiga e, em consequência disso, os solos em sua grande maioria são extremamente pobres e inadequados à agricultura intensiva. Segundo o relatório que integra o laudo antropológico da Terra Indígena Yanomami, a região de Auarís está inserida neste contexto de solos. Atualmente as roças das comunidades produzem basicamente mandioca e banana. De acordo com relatório CCPY (2012) foi verificado em Auarís que os solos das áreas das roças visitadas

apresentam características de Latossolo amarelo e uma característica deste tipo de solo é a inexistência de horizonte O superficial (faixa orgânica do solo, bastante escura). São solos sempre ácidos nunca hidromórficos, pobres em nutrientes. Além disso, foram verificadas, também, algumas plantas de mandioca e mudas que foram introduzidas nas roças e apresentavam os sinais de carência de nitrogênio e fósforo.

### 1.1.2 Clima

Utilizando a classificação de Köppen, Barbosa (1997), divide o estado de Roraima em três grupos dentro do clima tropical: o primeiro, Aw, está associado a área de savana e com precipitação média anuais de 1100 a 1700mm; Am é o segundo, isto é, tropical de monções, com precipitações entre 1700 a 2000mm e que engloba a transição entre floresta e savana e, por último, o Af que se traduz no equatorial da floresta do oeste e sul do estado com precipitação acima de 2000mm (Figura 6).

Figura 6 Mapa de classificação Köppen



Fonte: Barbosa, 1997

Auarís está na classificação Af e apresenta temperaturas podem variar durante o dia entre, no máximo, 30° a 35° C e, no mínimo, entorno de 20° a 25°C; em algumas situações podem chegar a 8° ou 10°C durante a noite em determinadas épocas do ano. A estação das chuvas ocorre nos meses de abril a setembro e a estação de seca, nos meses de outubro a março. Mas é menos acentuada do que em outros lugares da Terra Indígena Yanomami, como as áreas mais ao sul com relevo mais plano e vegetação de transição para o lavrado.

### 1.1.3 Geologia

O estado apresenta diversas características geológicas. Nosso estudo está situado na região de Auarís, no extremo noroeste do estado de Roraima, mais precisamente na Serra de Parima, divisor das águas entre bacia do rio Orinoco e do rio Amazonas. Esta serra faz parte do Complexo Guianense, também denominado por vários autores de acordo com RADAMBRASIL (1975), Craton Guianês (ISSLE et al., 1974), ou Craton das Guianas (NEVES, 1971), ou mesmo Núcleo Cratonico Guianês (SUSZCZYNSKY, 1970) e Escudo das Guianas (BELLIZZIA, 1972). Segundo o RADAMBRASIL (1975, p. 31), “este Craton representa uma parcela muito antiga da crosta terrestre, a cratonização deve ter sido efetuada em torno de 1800 MA”. O complexo Guianense é constituído por granulitos, gnaisses, migmatitos granitos, granodioritos, dioritos, trondjemitos e anfibolitos. A datação das rochas do rio Parima e do rio Auarís é, conforme o RADAMBRASIL (1975, p. 98),

O método Rb/Sr esbarrara na dificuldade de que essas rochas não apresentam razões Rb/Sr favoráveis a datação, sendo pobres em potássio e conseqüentemente em rubídio, os dados representativos disponíveis até o momento, são todos eles referentes a idade K/Ar em biotitas e anfibólios e concordantes ao redor de 1800 AM, idade esta que atribuímos ao resfriamento regional do Ciclo Transamazônico formador dessas rochas.

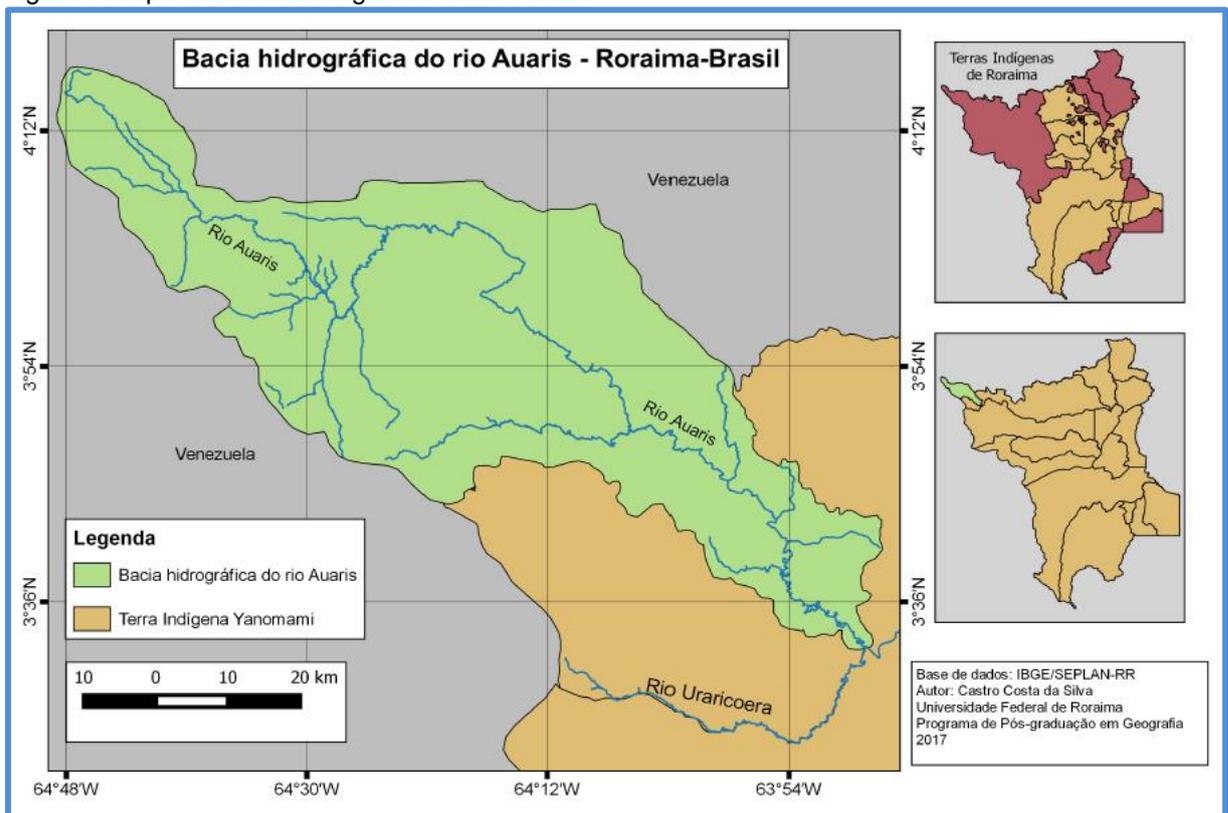
De acordo com essa mesma publicação, o complexo Guianense classifica-se no período de Pré-Cambriano inferior. Em uma publicação mais recente, o Grupo Parima constitui um cinturão paleoproterozóico de direção NW a WNW, formado, principalmente, por rochas de grau metamórfico baixo, como xistos, filitos e quartzitos (SILVA, 2014).

### 1.1.4 Hidrografia

O principal rio no estado de Roraima é o Branco, constituído a partir da formação dos rios Uraricoera e Tacutu. O rio Auarís pertence a bacia hidrográfica do rio Uraricoera localizado no seu alto curso. Os moradores locais denominam o rio Uraricoera localizado no seu alto curso. Os moradores locais denominam o Auarís como Yawaadi pelos Ye'kuana, e Ashikamau pelos Sanumã. O rio Auarís nasce na serra de Parima que, além de divisor de águas é, também, marco de fronteira entre o Brasil e a Venezuela.

A bacia hidrográfica do rio Auarís apresenta um padrão de drenagem, com vários afluentes e subafluentes, na margem esquerda existem quarenta e um afluentes e na margem esquerda tem quarenta sete afluentes (figura 7).

Figura 7 Mapa da bacia hidrográfica do rio Auarís



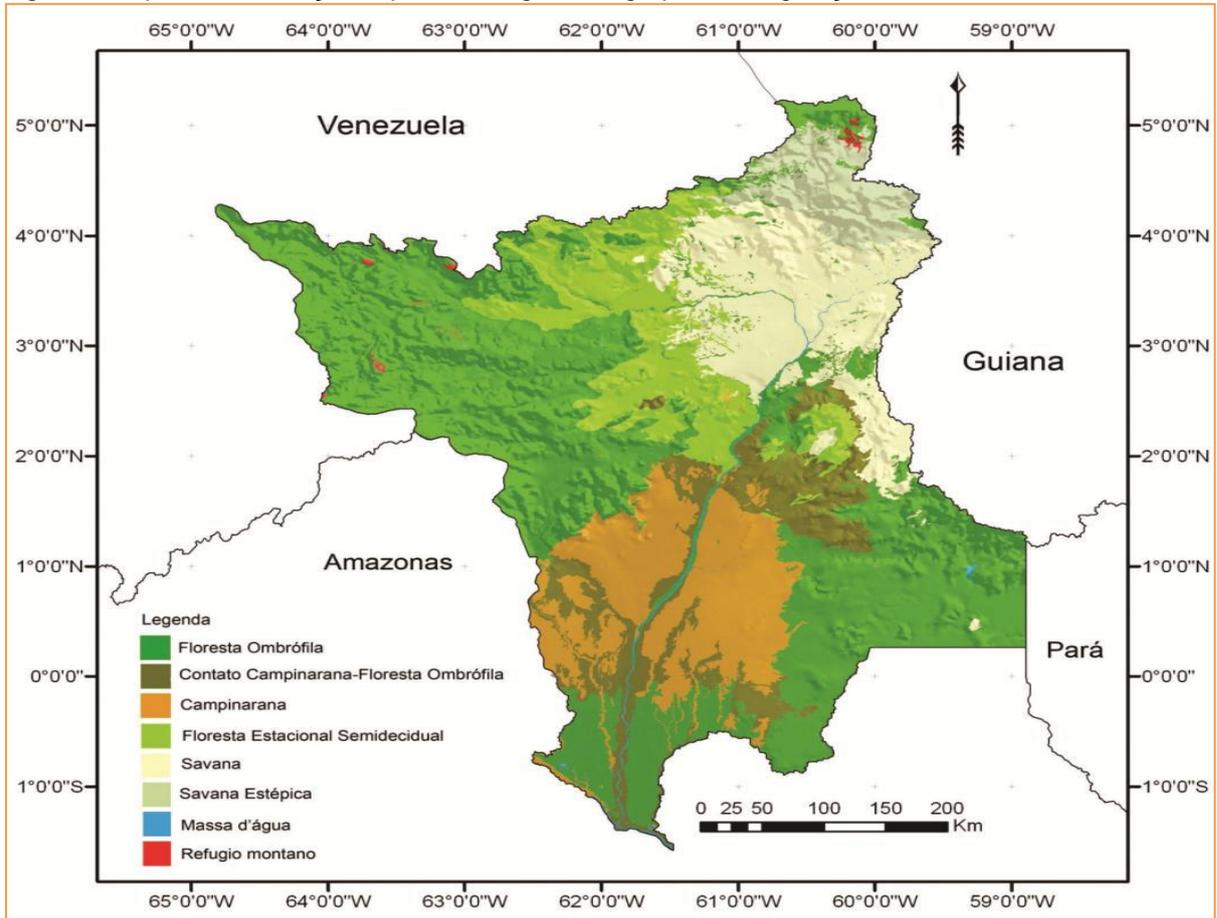
Organizado por Castro Costa, 2016

### 1.1.5 Vegetação

Segundo Barbosa (2010), o estado de Roraima apresenta um mosaico vegetal composto por Floresta Ombrófila Densa (42,76%), representando o

maior grupo, seguido das Florestas de Contato (23,44%), das Savanas (11,82%), e das Campinaranas Florestadas (9,52%) (Figura 8).

Figura 8 Mapa da distribuição espacial dos grandes grupos de vegetação de Roraima



Fonte: Barbosa, 2010

A vegetação da região de Auarís apresenta-se composta por Floresta Ombrófila Densa (Figura 9). A região é considerada rica em espécies de plantas como samambaia, ervas, arbustos e árvores que podem chegar entre 20 e 30 metros de altura. Existem poucos estudos científicos sobre biodiversidade local. Porém, é possível citar algumas árvores utilizadas pelos povos indígenas da região: wanaadi najoojodö, wakaadu, sukujiimä ewöötä, yadiija, tudukaani, momi, fidinha e maduudaimä (Figura 10).

Figura 9 Imagem aérea da floresta na região de Auarís



Foto: Elena Fioretti, 2015

Figura 10 Árvores nativas da região de Auarís



Foto: Castro costa, 2016

Estas madeiras são utilizadas para construção de casas e canos entre as outras. Nas matas ciliares encontramos a dujä, waju'näämä, kudaami, kadiiye, washuudu. Temos, também, as espécies frutíferas e consumidas pela população local: wöda, majanajaana, kudaami, kadiimani, waju'nä, bacaba e açai.

### 1.1.6 Fauna

O estado de Roraima faz parte da Amazônia, considerada como rica em biodiversidade e uma das mais importantes florestas do mundo, quando se fala de fauna e flora. Nosso objeto de estudo está localizado na Amazônia, em uma das regiões das mais preservadas: a Terra indígena Yanomami. A região de Auarís não tem estudo específico sobre sua fauna, porém, não é diferente das outras regiões da Amazônia. Apresenta algumas especificidades de acordo com o clima, o relevo e, principalmente a floresta, enquanto determinante da fauna local.

Nesta localidade encontram-se animais como onça-pintada, tatus, anta, caititu, jacaré, gato maracajá, veado, macacos, porco do mato, cutia, paca, yöwöödö, preguiça, mucura, sadoodo, yukuuni, entre outras espécies.

As aves como mutum, tucano, papagaio, arara, dodo, nambu, mutum marrom, tucano (kamani), ädöowo, wa'towa'jä, ajiisha, merculhão, kaichai, to'sede, tada'kwa, shayadu, kawaanadu, kujubim, jacu, pica pau, wanaatu, fakakai, fadiijadi. Várias espécies de passarinhos como widiisha, tukui yenö, kawayuumä, entre outras.

Em relação aos peixes, o rio Auaris é pobre em espécies grandes devido ser encachoeirado em todo seu percurso, impedindo os peixes maiores de subirem. Temos a cachoeira de Tödömade que, a montante, não tem mais peixes maiores. As espécies de peixes existentes, segundo a definição Ye'kuana são: muduukuku, maya'wana, ätööja, detuukä, kuniichai, koneedo, widiidi, fadeewa (cara), kudaakane, kömöödoi, tuuda, caranguejo, camarão da água doce (Figura 11).

Figura 11 Peixes do rio Auaris



Foto: Moreno, 2016

Na região de Auarís existem diversas espécies de serpentes. São mais comuns na região a jararaca, a surucucu, a cobra coral, entre outras. Temos, também, outras espécies venenosas como escorpião, aranhas e formigas. Das várias espécies de lagartas comuns na região, algumas são comestíveis, como oduukwä, masuiya, kantakaana, mäsamasaadi, como são denominadas e ingeridas pela população local. Os insetos também estão presentes na região e alguns são apreciados pelos indígenas como o sedi, köyakwa, mudemude, eiyoko, dimuuku etc. Dentre os reptéis da região destacamos o kommakä, shinhaawe, wa'wa, ju'juku, kudadai, köto, muduwenaashiyu, kunaawadu.

### 1.1.7 Relevô

O relevo do estado de Roraima apresenta 60% da área com altitude inferior a 200 metros; 25% apresenta elevação de entre 200 a 300 metros de altitude, 14% apresenta entre 300 a 900 metros e apenas 1% acima de 900 metros do nível do mar.

Figura 12 Serras da região de Auaris

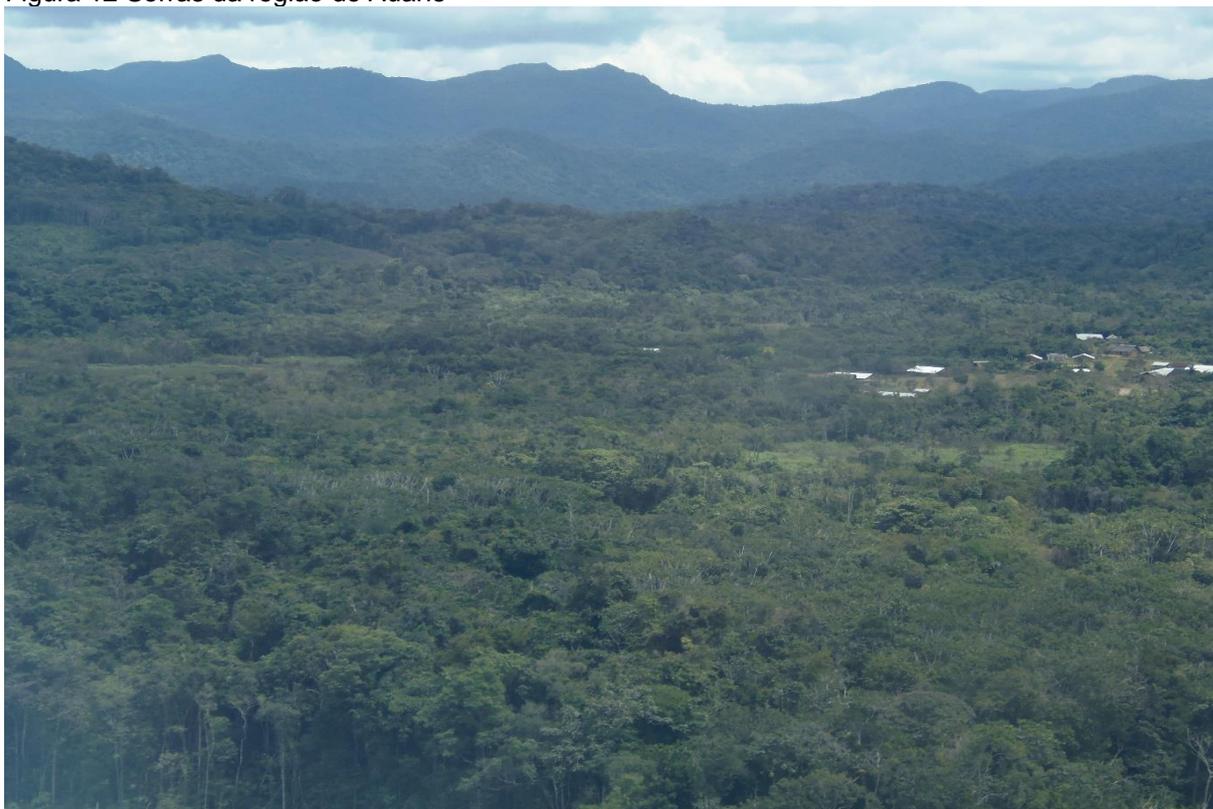


Foto: Elena Fioretti, 2015

Auaris está localizada no Planalto das Guianas, nas serras de Parima e Pacaraima, e a altitude da região é sempre superior a 600 metros, sendo que a pista de Auaris situa-se a, aproximadamente, 700 metros de altitude (Figura 12); as serras que dividem o território brasileiro e o território venezuelano exibem, ao sul, altitudes superiores a 1000 metros, sendo a linha divisória um pouco mais baixa na parte norte, mais próxima de 950 metros.

## 1.2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa iniciou-se com a definição das categorias de análise, sendo selecionadas, o espaço e o território. A partir desse ponto, buscamos literatura para sustentar nossa pesquisa, principalmente com os conceitos: espaço geográfico, território, região, terras indígenas e a concepção de território para o povo Ye'kuana, complementando com um levantamento sobre o processo de ocupação humana na região. Mas isso não é tudo: pretende-se, ainda, relacionar os conhecimentos que venho adquirindo na Geografia com os conhecimentos Ye'kuana acerca do espaço,

considerando o que aprendi ao longo de minha socialização da minha cultura e os diálogos que contribuí com a cultura não indígena. Fizemos, também, pesquisa bibliográfica nos trabalhos já escritos sobre os Ye'kuana, sobre os povos indígenas ali habitam. Nesse sentido, foi possível realizar um diálogo entre os conhecimentos de forma a compreender a realidade e as relações que se estabelecem entre o homem e o espaço.

Os conceitos são importantes para a ciência, através disso construímos nosso objeto de pesquisa. A cada ciência existem seus objetos de estudo. A Geografia, como ciência humana, estuda as relações entre a sociedade e a natureza, analisando o espaço ocupado por seres humanos, construído por eles e os símbolos, ou seja, obras do homem. A sociedade humana está inserida no espaço natural. O espaço geográfico é um conceito básico nos estudos da Geografia, uma vez que nele os seres humanos habitam, produzem e reproduzem sua sociedade e desenvolvem estratégias de sobrevivência. Através deste conceito conseguimos entender alguns dos fenômenos da sociedade humana.

Conceito de território nos trouxe luz para discutir as questões que envolvem as duas comunidades estudadas, áreas que são dominadas pelas comunidades indígenas, então, alguma forma o poder está atuando sobre o território. Para abordar esta questão foi preciso discutir a ocupação do território de cada comunidade estudada, em seus processos históricos que definiram a constituição de seus espaços de domínio.

O território para os Ye'kuana: este conceito não existe publicado, mas, tentamos construí-lo, porém não foi fácil. O conceito do território para os geógrafos se relaciona ao estado-nação, delimitado e com um poder definido. Mas para os povos indígenas, em geral, o significado do território tem outro sentido. Para estes povos, o território refere-se a lugares ocupados pelos seus ancestrais, simbólico do povo e, também, onde tiram o essencial para subsistência. Enfim, são significados que envolvem os donos invisíveis dos territórios e que atuam sobre o território na visão de vários povos indígenas.

A categoria terra indígena está na Constituição Federal do Brasil de 1988, onde refere terras de domínios dos indígenas. Nosso objeto de estudo está na terra indígena Yanomami e, por isso, tornou-se importante discutirmos este conceito.

Esses conhecimentos auxiliaram na compreensão dos fenômenos socioespaciais que ocorrem em Auarís.

### 1.2.1. Construção de calendário

A construção do calendário sacionatural foi muito importante para análise do uso do território pelas comunidades estudadas. Através dessa ferramenta foi possível fazer levantamento das atividades desenvolvidas pelas comunidades e, assim, podermos espacializar essas atividades em um mapa e compreender o atual uso do espaço pelos povos que residem na região de Auarís. O calendário sacionatural é uma proposta teórico-metodológica que permite um levantamento das atividades desenvolvidas por uma comunidade, relacionando-as a indicadores ambientais (animais, vegetais, astronômicos, climáticos) que servem de referência temporal para a ocorrência dessas atividades; permite, desta forma, visualizar as formas de uso do espaço geográfico e das relações que se estabelecem entre o homem e a natureza.

Segundo Gashé e Napoleão (2011) a cultura tem os seus procedimentos de sua produção e não pode pensar sem as relações sociais e os seus valores. Nosso objeto de estudo é como os povos indígenas, estes povos relacionam-se muito com a natureza, os autores Gashé e Mendoza chamam de sacionatureza, ou seja, sociedade e natureza. Utilizamos o método indutivo intercultural, a partir de experiências dos moradores das comunidades Fuduwaadunha e Ashikamau.

Para construir o calendário foi necessário muito esforço da minha parte, porque se tratavam de duas comunidades e dois povos diferentes. Para abordar este tipo de trabalho foi preciso avisar e solicitar autorização de cada comunidade numa reunião e esse procedimento foi realizado. O primeiro trabalho foi feito com os Ye'kuana, nos dias 06 e 07 de agosto de 2016. Antes desta data foi realizada uma reunião com os professores da comunidade para definir a data mais viável para eles, porque alguns tinham interesse em participar.

A seleção dos participantes foi definida por mim, visando atender aos objetivos da pesquisa. Assim, foram escolhidos: três sábios (homens), um agente indígena de saúde (homem), três professores (homens). Não foi possível ter um número maior de pessoas, até que eu gostaria de ter mais pessoas participando, mas a comunidade em geral estava ocupada. Na comunidade Fuduwaadunha estavam construindo a casa redonda "Ättä", por esta razão não foram convidados para participar. Só participaram sete pessoas e nenhuma mulher, por minha decisão mesmo, porque eu achei que ia atrapalhar andamento da construção de Ättä, uma

vez que cabe às mulheres oferecer a chibé ou Yadaaki<sup>1</sup> para os trabalhadores da casa.

Durante nossa atividade foi utilizado registro de imagem e gravação de áudio. O material para registro foi preparado anteriormente em folhas de cartolinas, sendo uma por mês e com quadros divididos por indicadores e atividades. Antes de iniciarmos nossa atividade foram feitos esclarecimentos aos participantes, sobre a proposta do encontro. Após esse momento, iniciamos a atividade programada de acordo com o quadro que produzimos antes de entrarmos para a reunião. Iniciamos nosso trabalho seguindo a ordem dos meses, isto é, primeiro foi mês de janeiro, fevereiro, março e assim por diante.

O primeiro levantamento foi sobre os indicadores astronômicos, segundo os climáticos, terceiro sobre os animais, seguido dos indicadores vegetais, os problemas sociais, ambientais e saúde e, por último apontaram as atividades desenvolvidas na comunidade. Os convidados foram falando e eu escrevendo no quadro, havia as discussões e conversas entre eles, mas um destacava mais que outros participantes, o senhor Pery, uma liderança mais idosa da comunidade; os outros convidados iam ajudando eles e ele perguntava também para outros convidados para tirar algumas dúvidas. Na verdade, foi um tipo de conversa entre eles, com o registro pelo pesquisador.

Na comunidade Ashikamau dos Sanumã foi construído o calendário sionatural, uma vez que este povo também ocupa mesmo espaço geográfico de Auarís. Houve dificuldades no que se refere à comunicação por se tratar de outra língua e, por isso, precisava de alguém para me ajudar com este trabalho. Procurei Moisés Ilo, um Agente Indígena de Saúde (AIS) e conselheiro distrital<sup>2</sup> da região. Através dele foi articulado um encontro com os Sanumã, mas, não foi tão fácil e demorou muito a acontecer. Quando conversei com ele, falou que maioria as lideranças estavam numa festa na comunidade Katana e que avisaria quando eles chegassem. Indiquei as pessoas que precisaria conversar e que são importantes para a pesquisa de forma que o Moisés já estabelecesse a comunicação, mas eu também falava quando encontrava algum deles. Depois de vários dias eu procurei

---

<sup>1</sup> Yadaaki, na língua Ye'kuana, é uma bebida fermentada tradicional feita à base de mandioca, mais conhecida como caxiri pela maioria dos povos indígenas de Roraima.

<sup>2</sup> Conselheiro distrital é uma pessoa escolhida pelas comunidades da região para representar no Conselho Distrital de Saúde Indígena, levando reivindicações e as demandas das comunidades na questão de saúde.

de novo, perguntei se eles chegaram e informou que sim, mas que não havia conversado com eles a respeito do trabalho. Comprometeu-se a conversar com eles e marcar a data para nos reunir. Assim, foi feito um acordo e disse para aguardar, considerando que, na minha visão não se deve atrapalhar o dia a dia deles, por isso eu estava esperando quando eles teriam a disponibilidade para reunirmos.

Depois de vários dias, finalmente, conseguimos reunir; estavam presentes três sábios, um professor, um agente indígena de saúde e um jovem, totalizando seis pessoas. Como sempre, eu explico antes de iniciar a atividade, respondendo às perguntas: do que se trata? Porque estava fazendo aquilo? Para que? Terminado minha fala, iniciamos nossas atividades. A reunião foi registrada com uma máquina fotográfica e um gravador de áudio; os registros das informações foram em uma folha de papel A4 e com tradução para o português. De acordo com o quadro do calendário, seguimos o roteiro iniciando com o mês de janeiro, fevereiro e assim sucessivamente. Utilizamos o mesmo método da reunião com os Ye'kuana, isto é, eu perguntava e eles respondiam. Segundo eles, não tem um indicador astronômico. Quem destacava desta vez foi o Carlos Sanumã e outros convidados só o ajudavam. O encontro com os Sanumã aconteceu foi de um dia.

### **1.2.2 Entrevistas**

Durante trabalho de campo utilizamos, também, a técnica de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de saber em quais localidades que eles viveram, as trajetórias de mudanças da sua comunidade, as mudanças ocorridas depois de contato com homem branco, os pontos positivos e negativos e se, atualmente, a comunidade enfrenta problemas. Buscou-se saber os lugares de caça, de pesca, lugares de retirada de palha para as casas, tanto nos de tempos passados como nos atuais. Foram entrevistadas apenas duas pessoas de cada comunidade (Ye'kuana e Sanumã). Selecionamos as pessoas de acordo com seu conhecimento e a idade.

Realizamos outros levantamentos sobre os povos Ye'kuana e Sanumã e as suas comunidades; buscamos os dados do censo populacional no Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena Yanomami/Ye'kuana (DSE-YY), com sede em Boa Vista. Conseguimos outras informações através do Instituto Socioambiental (ISA), como os mapas da região de Auarís, uma vez que o ISA tinha um projeto de levantamento dos problemas socioambientais em Auarís, contribuindo, assim, com

nosso trabalho. Na comunidade Fuduwaadunha teve o projeto de mapa realizado na escola Indígena Apolinário Gimenes em 2006; foi construído o etnomapa com a participação de toda a comunidade, material que, também, foi utilizado.

Tivemos, assim, quatro estratégias de coleta de dados e informações: o levantamento bibliográfico que serviu para fundamentar este trabalho e fazer discussões e permitiu refletir sobre a realidade do objeto de estudo. O calendário sicionatural nos permitiu a sistematização das atividades realizadas pelas comunidades indígenas estudadas e a organização das informações sobre as relações sociedade e natureza no uso do território. A observação de campo nos trouxe a possibilidade de verificar as transformações que ocorreram no espaço geográfico, onde tem objetos novos e a dinâmica, como é o caso da pista de pouso que mudou profundamente a realidade no espaço local. As entrevistas foram realizadas para resgatar os elementos da história da ocupação e compreender a dinâmica da vida na região de Auarís, a partir da visão dos moradores.

Tudo isso nos permitiu alcançar o objetivo geral do nosso estudo de forma a compreender o uso do território na região de Auarís, considerando a ocupação por dois grupos: os Ye'kuana e os Sanumã. Através de tudo isso, compreendemos as transformações socioespaciais sofridas por estas comunidades indígenas.

## 2. ESPAÇO, TERRITÓRIO e TERRA INDÍGENA

O rio Auarís forma uma região que recebe o mesmo nome, sendo ao longo de sua história, ocupada por diferentes grupos que possuem culturas e formas de ver o mundo, diferenciadas. De acordo com cada cultura, a relação com o espaço geográfico se diferencia constituindo-se territórios. Na visão do Estado, o espaço deve ser ordenado de acordo com as demandas sociais e interesses diversos, como os econômicos, os políticos, os ambientais e os dos povos tradicionais. Assim, para esse ordenamento foram constituídas as terras indígenas para a sobrevivência desses grupos. Dessa forma, compreender a realidade de Auarís remete a necessidade de abordar alguns conceitos.

### 2.1 ESPAÇO GEOGRÁFICO

Desde a antiguidade e ao longo do tempo, o pensamento geográfico passou por mudanças e avanços, resgatando os conceitos passados e superando seus próprios saberes. Também, desde sua existência, o homem deseja e necessita conhecer o seu espaço, bem como explorar outros, ajustando os conhecimentos vividos e adquiridos ao longo tempo. Esse conhecimento auxilia na compreensão dos fenômenos socioespaciais que ocorrem em Auarís.

A Geografia, como ciência humana, estuda as relações entre a sociedade e a natureza, analisando o espaço ocupado por seres humanos, construído por eles e os símbolos, ou seja, obras do homem. A sociedade humana está inserida no espaço natural. Segundo Dollfus (1991, p. 31), este espaço natural é a expressão visível de um meio que não sofreu alterações decorrentes da ação humana, pelo menos em data recente. A este espaço natural o autor chama de “paisagem natural ou virgem”. A existência de grupos ou sociedades humanas tem nestas paisagens naturais a base material de sua existência e, de acordo com Santos (2002, p. 235), o homem não promovia grandes transformações neste meio natural e “as técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem mediação”.

Os seres humanos agem de acordo com as suas necessidades para Max:

Para viver, é preciso antes de tudo beber, comer, morar, vestir-se e

algumas outras coisas mais. A partir das necessidades o homem inicia a transformação do meio onde está inserido e é a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; isso constitui um fato histórico, uma condição fundamental de toda história que deve, ainda hoje como há milhares de anos, preencher dia a dia, hora a hora, simplesmente para manter os homens com vida. (MARX; ENGELS, 1988, p.21).

Para o homem, uma vez satisfeita a primeira necessidade, ainda têm novas necessidades, a que chama de fato histórico; na terceira necessidade os homens se renovam a cada dia sua própria vida, passam a criar outros homens, a se reproduzir.

Produzir a vida, tanto a sua própria vida pelo trabalho, quanto a dos outros pela procriação, nos aparece, portanto, a partir de agora, como uma dupla relação: por um lado como uma relação natural, por outro como uma relação social –social no sentido em que se estende com isso a ação conjugada de vários indivíduos, sejam quais forem suas condições, forma e objetivos. Disso decorre que um modo de produção ou um estágio industrial determinado estão constantemente ligados a um modo de cooperação ou a um estágio social determinado, e que esse modo de cooperação é, ele próprio, uma “força produtiva”; decorre igualmente que a massa das forças produtivas acessíveis aos homens determina o estado social, e que se deve, por conseguinte estudar e elaborar incessantemente a “história dos homens” em conexão com a história de indústria e das trocas (MARX; ENGELS, 1988, p. 23).

A concepção de Marx relaciona-se mais com a vida ocidental, diferente dos povos indígenas em geral, uma vez que estes povos não estão inseridos no sistema de história da indústria, como focado pelo autor. Mas, isso não quer dizer que os indígenas não alteram o meio natural; qualquer ser humano modifica onde ele passa, independentemente de indígena ou não. Os povos indígenas fazem o mínimo de alterações na paisagem natural.

O espaço é anterior às ações dos seres humanos, ou seja, não dominado. No espaço existem duas faces: “uma é o plano da expressão, constituída por superfícies, distâncias e propriedades, e a outra é o plano do conteúdo, constituído pelas superfícies, pelas distâncias e propriedades reorganizadas, que têm seu significado dado pelos atores sociais” (RAFFESTIN, 1993, p. 48).

Muitos autores tentam diferenciar o espaço e, conforme Souza (2013, p. 30), Karl Marx utilizava expressões como “natureza primeira” e “natureza segunda”.

Espaço da “natureza primeira” a rigor, se refere a natureza completamente exterior ao homem e não captada por sua consciência [...] “natureza segunda” abrange desde a materialidade transformada pela sociedade (campos de cultivo, infraestrutura, cidades, etc.), até os espaços simbólicos

e as projeções espaciais do poder, que representam o entrelaçamento dos aspectos imateriais e material da espacialidade social.

Para o autor, o espaço geográfico seria mais complexo, enquanto o espaço social é mais específico ou mais centralizado em torno do homem. Segundo Moreira (2013, p. 32), o espaço social “a princípio, algo material, tangível e palpável. Campos de cultivo, pastagens; casas, prédios, cabanas, ocas; estradas, ruas, vielas, picadas; barragens, represas, usinas... são os objetos geográficos”. Esse espaço é constantemente produzido e reproduzido pelos homens. Para Lefebvre (2006) a produção do espaço reúne o mental, o cultural, o social e o histórico. Esta produção é a organização espacial própria a cada sociedade, como a criação de obras: a paisagem, a cidade como a monumentalidade. A atividade no espaço estabelece, nesse sentido, um sistema que corresponde ao sistema de palavras até certo ponto. A partir desta perspectiva, a análise tridimensional da produção do espaço aparece como se segue.

a) *A prática espacial*, que engloba produção e reprodução, lugares especificados e conjuntos espaciais próprios a cada formação social, que assegura a continuidade numa relativa coesão. Essa coesão implica, no que concerne ao espaço social e à relação de cada membro de determinada sociedade ao seu espaço, ao mesmo tempo uma *competência* certa e certa *performance*. b) *As representações do espaço*, ligadas às relações de produção, à “ordem” que elas impõem e, desse modo, ligadas aos conhecimentos, aos signos, aos códigos, às relações “frontais” c) *os espaços de representação*, apresentam (com ou sem código) simbolismos complexos, ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também à arte, que eventualmente poder-se-ia definir não como código do espaço, mas como código dos espaços de representação (LEFEVRE, 2006, p.36).

De acordo com esse esquema, o espaço (social) pode ser analisado em relação a essas três dimensões. Na primeira, o espaço social aparece na dimensão da prática espacial como uma cadeia ou rede de atividades ou interações interligadas, as quais por sua parte residem sobre uma base material determinada. Na segunda, esta prática espacial pode ser linguisticamente definida e demarcada como espaço e, neste caso, constitui uma representação do espaço. Esta representação serve como um esquema organizador ou um quadro de referência para a comunicação, que permite uma orientação espacial. Na terceira, a “ordem” material que aflora na superfície pode tornar-se ela mesma um veículo transmitindo significados. Dessa maneira, um simbolismo (espacial) se desenvolve expressando

e invocando normas, valores e experiências sociais.

O homem quando inserido no meio faz uso das técnicas; segundo Santos (2012, p.29), “um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Através destas técnicas é possível modificar ou mesmo transformar o espaço geográfico. Ao citar Simondon, este autor destaca que “quanto mais próximo da natureza é o objeto, mais ele é imperfeito e, quanto mais tecnicizada, mais perfeito, permitindo desse modo um comando mais eficaz do homem” (SANTOS, 2012, p.40).

O espaço é formado de objetos, porém, o objeto não determina o espaço e, sim, o espaço é que vai determinar os objetos. A distribuição de objetos e técnicas num espaço ocorreu em diversas épocas e em alguns lugares, chegou mais cedo.

Através dos objetos, a técnica é história no momento de sua criação e de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas [...], que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história. [...] Cada objeto é utilizado segundo equações de força originadas em diferentes escalas, mas que se realizam num lugar, onde vão mudando ao longo do tempo. Assim, a maneira como a unidade entre tempo e espaço vai se dando, ao longo do tempo, pode ser entendido através da história das técnicas: uma história geral, uma história local (SANTOS, 2012, p. 48-49).

Para este autor, o espaço é pensado enquanto sistemas de objetos e os sistemas de ações que se interagem, no sentido de que “os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objeto preexistente. É assim, que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma” (SANTOS, 2012, p. 63).

Quando tratamos a questão indígena, estes povos ainda não têm os objetos e técnicas capazes de modificar espaço geográfico em grande dimensão como ocorre nos centros urbanos. Os objetos que as comunidades indígenas utilizam são construídos a partir da própria natureza. Quando analisamos em imagens de satélite as terras indígenas mantêm a floresta em pé, poucas alterações em algumas partes são visíveis, onde a clareira indica onde estão estes povos.

As percepções dos indígenas, em relação ao espaço ocupado por eles, são diferentes da visão da sociedade envolvente. Para estes povos o lugar onde eles habitam é um lugar que seus antepassados surgiram, por esta razão deve ser protegido. O espaço é, também, essencial para sua sobrevivência.

## 2.2 TERRITÓRIO

O conceito de território vem sendo usado em amplas discussões nas décadas recentes, não só pela Geografia, mas, também, pelas outras ciências como política, antropologia, biologia.

Ratzel (1990) define o território como uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano e, dessa forma, o território é posto como um espaço que alguém possui e lhe atribui identidade. No espaço vital se manifesta a necessidade territorial de uma sociedade tendo em vista seu equipamento tecnológico, seu efetivo demográfico e seus recursos naturais disponíveis. Seria, assim, uma relação de equilíbrio entre a população e os recursos, mediada pela capacidade técnica.

Para Raffestin (1993, p. 143) o território se forma a partir do espaço e é o resultado de uma ação do homem em qualquer nível. Ao se apropriar de um meio, concreto ou abstrato, o ator "territorializa" o espaço. A partir do momento em que o homem está inserido no meio, começa a modificar o espaço geográfico construindo limites como o território nacional, as redes, circuitos e fluxos. Para muitos autores o território está relacionado ao Estado-Nação, poder, delimitado ou com as fronteiras. Souza (2013) define como território um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, ou seja, um campo de forças.

Haesbaert (2007, p. 51), ao resgatar o pensamento de Bonnemaison e Cambrèzy, destaca que "a ligação dos povos tradicionais ao espaço de vida era mais intensa porque, além de um território fonte de recursos, o espaço era ocupado de forma ainda mais intensa através da apropriação simbólica e religiosa". Relacionando esse pensamento com a realidade dos povos indígenas, para estes o espaço habitado por eles é percebido como fonte de vida, onde retiram o sustento da família; neste espaço também existem os lugares importantes deixados por seus ancestrais que podem se apropriar ou não dependendo da situação específica de cada povo.

O território está ligado ao poder e para Haesbaert (2007) não é diferente, uma vez que se define, antes de tudo, com referência às relações sociais ou culturais e, também, com as relações de poder.

Ladeira (2008) realizou estudos com os povos Guarani-Mbya e, para ela, o significado do território para um indígena é completamente diferente do território da

modernidade ou ocidente. Assim, a noção do território para o Guarani está associada à percepção de mundo e vinculado a um espaço geográfico onde desenvolvem relações em um determinado modo de vida. As questões do território incluem a perspectiva da manutenção de um mundo ou que esteja nele contida. Para muitos povos indígenas o espaço habitado não foi conquistado e, sim, dado por seus deuses; cada lugar tem suas especificidades, cada o rio, serras, lagos, etc. Para eles existem seus donos invisíveis, por isso estes povos respeitam cada pedaço (ou espaço) da terra. Os pajés conversavam e pediam autorização para que os grupos pudessem habitar naquele lugar. Resumindo, a visão dos indígenas sobre seu espaço, os seres humanos vivem junto com os seres invisíveis e donos de cada lugar.

### **2.2.1 Território para os Ye'kuana**

Para maioria dos povos indígena da Amazônia, existe a origem de cada povo que habita esta terra, como os brancos e os indígenas. Cada povo, principalmente os povos indígenas da América, tem seus mitos, seus heróis místicos e seus criadores. Para povo Ye'kuana não é diferente, tem seus heróis, criador do mundo e, além disso, existem os donos dos rios, dos animais, das montanhas, das pedras, do ar, da chuva e da floresta.

Neste sentido vamos abordar o território do ponto de vista Ye'kuana. Os Ye'kuana são originários da cabeceira do rio Kuntanaama, localizado fronteira Brasil/Venezuela, região do rio Kuntanaama, na *Serra Ye'kuana*. Conforme a wätunnä, o primeiro Ye'kuana a chegar nesta terra foi na região da cabeceira do rio Kuntunama, e chamava-se Yuduwaana, mais precisamente na Serra do Ye'kuana (SILVA, 2014, p.23). De acordo com Diniz (2006), o território tradicional dos Ye'kuana se situa na Camasoinha, o coração do território Ye'kuana, que a considera como a primeira comunidade desenvolvida. Segundo a história oral desse povo, os Ye'kuana partiram da serra Ye'kuana e se expandiram, ocupando outros lugares.

Um dos heróis míticos Ye'kuana, o Kuyujani, demarcou uma área Ye'kuana, segundo o wätunnä. A partir disso, os Ye'kuana consideram o seu território tradicional, o espaço onde eles podem viver, habitar e implantar novas comunidades. Conforme Andrade (2012, p.193), Wanaadi deu a tarefa de demarcar

o território ye'kuana, então Kuyujani partiu de *Kamasonha*, local onde construiria a primeira *ättä* ao fim de seu percurso.

Kuyujani saiu de Ye'kuanajödö e seguiu pelo rio Metacuni para demarcar o território ye'kuana. Ele atravessou o Monte Wa'shadi [*wa'shadi* – anta; *wa'shadijödö* é a serra onde vive o *ädhajö* destes animais], nas cabeceiras do rio Ventuari, e percorreu um longo caminho até voltar a Ye'kuanajödö [monte Ye'kuana, local de origem dos Ye'kuana]. Kuyujani morava em Kamasonha, e lá havia inimigos Maiyetödö, então, ele resolveu partir. No rio Metacuni, em Metakuninha, Kuyujani trocou de nome, e passou a se chamar Takuiyena. Lá estavam os Maku, então, Kuyujani seguiu para Kiyakuniinhanö, e passou a se chamar Wakaiyiadi. Lá também havia inimigos, Tawenkadimä, então, Kuyujani partiu para o rio Merewari. Lá, passou a se chamar Kuduminaadi. Ele continuou a viagem e chegou a um lugar chamado Aködöjadanhä. Lá, o inimigo era Föwöna waiche. Ele partiu mais uma vez, para Fadawa nonodö iye'kai, e passou a se chamar Chuwaduni. Quando chegou a Kudutunha, os inimigos eram os Wai-wai e os Wapishana. Ele foi embora para um lugar perto da fronteira com o Brasil, chamado Mikiadiinha, e passou a se chamar Mikidua. Lá, o inimigo era Kaiawade. Ele se mudou para Dedewata nonodö iye'kai e passou a se chamar Kukudawana. Lá os inimigos eram os Wadowado, então, ele foi para Entawade nonodö iye'kai, e passou a se chamar Adawachawana. Lá estavam os luana, então, ele se mudou para Shiwomonha. Lá, o inimigo era Kodowadima. Lá está a serra do caatitu, Fakiyajödö. Ele seguiu para Kiawajö Kanköi, na boca do rio. Passou a se chamar Kudakudawana. Lá estava Cajushäwä. Havia um lago, kuadekukejiu. Os inimigos lá eram Shajaatuni e Wadajichu. Ele partiu para Medadänha, onde hoje está a cidade La Esmeralda [Venezuela], e trocou o nome dele para Edawakuni, no campo Kadanawadö. Lá, os inimigos eram Maiyewakuni e Kudiymä. Também estavam lá Maokajano, o chefe dos Sanumä, e Wadiwasaani. Havia tantos inimigos que Kuyujani decidiu seguir viagem por baixo da terra. Ao chegar a Kenewännha, ele saiu de dentro da terra, e passou a se chamar Ejasedöne. Lá, os inimigos eram os Mawiisha. Ele seguiu para Kudetännha pelo rio, onde passou a se chamar Kudewekuduana. O inimigo lá era Kudujashi, então, ele seguiu para o lago Kudujushi, onde o inimigo era Täjichu. Ele foi para Kawännha e mudou seu nome para Sumesudöana. Lá, o inimigo era Sajmakune. Ele partiu novamente. Depois de dar nome aos rios e igarapés e a todos os lugares, Kuyujani voltou para Kamasonha, onde se encontrou com suas três irmãs (ANDRADE, 2012, p. 194)

Algumas comunidades estão localizadas fora do que é considerado como território Ye'kuana, isto é, o espaço demarcado pelo seu herói místico Kuyujani. Este é o caso da comunidade de Waikas que está localizada no médio rio Uraricoera. Próxima à comunidade está uma serra chamada Wata'jödö, que foi construída pelo Yudeeke, outro ser místico Ye'kuana, umas das místicas que construíram casa redonda “*ättä*”.

Território em Ye'kuana é nonoodö, assim, para os Ye'kuana nonoodö é tudo aquilo que foi demarcado pelo Kuyujani. As comunidades indígenas Ye'kuana são autônomas, não têm poder de influenciar outras localidades. Então, a demarcação do místico Kuyujani torna-se uma ambiguidade ao se definir exatamente o território

Ye'kuana. Para esta pesquisa, não vamos entrar em detalhes nesta questão. Vamos abordar o uso do território pela comunidade indígena Ye'kuana.

Como foi dito, o Kuyujani demarcou o território Ye'kuana com uma extensão muito grande, mas, no interior desse território Ye'kuana, o nonodö, tem suas divisões classificadas pelos rios, pelas localizações das comunidades e pelas cachoeiras. No território ou nonodö estão os lugares de antigos povoados, dos caminhos, das roças, lugares de seus ancestrais, algumas serras importantes do povo, lugares dos seus mitos, lugares dos poços de água, das pedras e dos lagos.

Quando voamos de Boa Vista em direção a região de Auarís, passando por cima de comunidades indígena; parece que não tem nada, só avistamos algumas casas, mas existem diversas trilhas na floresta formando verdadeiras veias debaixo das árvores.

Os novos assentamentos dos povoados Ye'kuana sempre acorrem com o aval do föwai (pajé) ou achudi eyaamo (sábios), para que estes possam consultar os donos não-humanos dos lugares. Para Silva Monterrey (2015), a preparação espiritual, se o föwai ou achudi eyaajä acharem apto de morada humana, a partir disso, começa a preparação física local onde será a nova comunidade e os pais de famílias escolhem os locais das roças.

Neste sentido, para os Ye'kuana o território ou nonodö não é um espaço vazio, mas existem vários espíritos bons ou ruins. Conforme Silva Monterrey (2015), para os Ye'kuana existem os seres invisíveis que vivem em qualquer parte do espaço: na água, na terra e nas serras. Os objetos da natureza, como as árvores, as frutas, os animais, as montanhas, as pedras, correntes de água tem seus donos (eyaajä).

Quando os Ye'kuana afastam de seu território ou seu domínio territorial, tomam muito cuidado, utilizando as plantas para proteger os seus espíritos contra os espíritos ruins que podem causar doença.

Enquanto percorre o caminho, o neófito deve adotar uma postura compenetrada, respeitosa. Não pode participar dos chistes e das pilhérias que fazem os demais, não pode brincar, deve evitar qualquer tipo de conversa. O território está repleto de lugares de poder, segundo a concepção dual ye'kuana em que forças invisíveis correspondem ao mundo sensível. As histórias *wätunnä* nos dão a conhecer a natureza desse poder: o poder de transformação. De acordo com esta concepção, todos os seres e objetos têm um correspondente invisível, cujas forças podem se voltar contra determinados indivíduos, causando-lhes danos e até mesmo morte. É preciso aprender a manipular tais forças invisíveis, seja através do canto,

do uso de plantas mágicas, da pintura corporal ou pela simples observância de algumas regras de etiqueta que marcam a realização de atividades da vida cotidiana. Essa natureza dual se reproduz em diversos aspectos da cultura ye'kuana, constituindo-se uma marca de sua própria epistemologia (ANDRADE, 2012 p. 191)

Essa autora tem razão. Ela participou de algumas viagens acompanhando a mudança da comunidade de Kudatanha. Ela presenciou como os Ye'kuana levam a sério o cuidar de seus *akaato* (alma) contra outros seres invisíveis que podem prejudicar sua vida. Para Viveiros de Castro (2002), o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas. O espaço ocupado por seres visíveis e invisíveis, como experimentado pelos Ye'kuana, e abordado também por Viveiros de Castro.

Em uma comunidade Ye'kuana existem outros donos do território denominamos como não humanos que habitam Föö tawoono (das serras), i'ja awoono (dos poços de água), inha'tadö awonkomo (dos lugares proibidos) e além desses, tem outros que vivem na floresta e chamam-se yoodadai e maawade, sendo que este não tem morada fixa e vivem passeando na floresta.

Para os moradores da comunidade de um determinado território, as suas almas se familiarizam com os não humanos habitantes daquele território. Mas, as pessoas que vivem ali sempre respeitam os donos invisíveis do território. Caso contrário, a comunidade ou pessoa pode sofrer alguns ataques desses espíritos ruins se desrespeitarem esses sujeitos, situação que pode levar a morte.

Quando os moradores fazem as grandes expedições indo para outros rios, precisam tomar muito cuidado: precisam proteger suas almas utilizando awaana, woi, etöödö toojo, quando estiverem com as crianças, a água precisa ser yaichumadö antes de a criança beber. Principalmente, a pessoa que faz a primeira viagem, precisa muito se proteger, não pode dar risadas quando um animal aparecer, a cada boca de rio ou grandes cachoeiras Yennökatojo tem que tomar wananha no olho (água de gengibre). Tudo isso são sinais de que as pessoas que não estão familiarizadas com essas situações, isto é, como os donos não humanos do território demonstram que a visão indígena vai além de objeto concreto.

Um determinado povoado ou comunidade indígena, em sua maioria, possui seu domínio territorial de acordo com sua população. O território de uma comunidade Ye'kuana pode ser definido por: a) lugar de caçadas coletivas longas. b) as localizações das roças. c) os rios. Estes são os elementos e atividades

delimitadoras de um território das comunidades Ye'kuana.

O lugar de caçada de uma comunidade marca seu domínio, de uso dos recursos naturais onde retira a sua subsistência; neste espaço estão as trilhas, os acampamentos, lugar de alegria ou da tristeza, estes limites precisam ser respeitados pelas outras comunidades. Respeitando o limite da comunidade A e comunidade B, ambas terão a auto-sustentabilidade por mais tempo, assim evitam a falta de caça, da pesca e palhas para construir as casas.

Outro indicador dos limites do território são as roças. Estas são mais dominadas ou mais utilizadas pelos indígenas e, nesse caso, outras comunidades não podem fazer roças em território de outra comunidade sem autorização.

Os rios também fazem os limites do território de uma comunidade Ye'kuana. Por exemplo, se a comunidade A está localizada no rio Auarís, quando os moradores quiserem caçar em outro lugar, precisam conversar com a comunidade B que está localizada em outro rio, como no rio Yemeeekuni e estes devem autorizar a caçada.

### 2.3 TERRA INDÍGENA

Ao longo do tempo no Brasil, desde a chegada dos europeus na América, especialmente os portugueses, aconteceram sucessivos movimentos de expansão das fronteiras territoriais do Estado e da sociedade europeia, que se confrontaram com os povos indígenas sendo que, na maioria das vezes, estes povos foram perdendo seu espaço, área que habitavam. Assim, os grupos tradicionais foram forçados a deixar as terras que ocupam.

A questão indígena com o Estado brasileiro vem desde quando o Brasil se torna Estado Nacional e “no período Imperial inicia-se um tentar ordenar a ocupação da terra, que perdurará em grande parte da República brasileira na demarcação de terras indígenas, confinando os indígenas em pequenas extensões de terras” (SILVA, 2010, p. 2).

Dentre as áreas da ciência humana, a antropologia envolve mais nas questões indígenas e nas demarcações ao trabalhar o conceito de território indígena. Para a Ladeira (2008, p. 87), o “espaço físico onde uma determinada sociedade desenvolve relações sociais, políticas e econômicas, segundo suas bases

culturais, isto é, espaço suficiente para o desenvolvimento de todas as relações e vivências definidas pelas tradições e cosmologias”.

A categoria terra indígena está na Constituição de 1988 para definir as áreas destinadas aos índios:

As “terras ocupadas”, de acordo com a Constituição Federal, as “áreas reservadas” (destinadas a posse e ocupação dos índios, sem confundirem-se com as de “posse imemorial”), e as “terras de domínio indígena” (de propriedade plena do índio ou da comunidade indígena), não inclui a noção de territorialidade. Todavia, uma vez que a área revela o seu valor fragmentário, e reserva o conteúdo de confinamento, foi produzido a categoria da Terra Indígena, cuja semântica associa-a ao significado mais amplo de território, com todas as suas suposições e implicações (Lei nº 6.001-dezembro de 1973, Título III “Das Terras dos Índios”) (LADEIRA, 2008, p.87).

Para ter o direito à terra, os indígenas se mobilizam em alguns lugares do Brasil e as lideranças indígenas foram reconhecidas e assim, conseguiram ter um capítulo na Constituição Federal com os direitos dos povos indígenas no Brasil, principalmente a terra, no artigo 231, capítulo VIII - dos Índios, no parágrafo 1º:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. § 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as delas habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

Apesar de garantidos os direitos na Constituição, os indígenas nos últimos anos estão preocupados com as ameaças sofridas com as últimas legislaturas do Brasil. As terras demarcadas na Amazônia no momento anterior à nova Constituição são consideradas como terras em ilhas e, atualmente estes povos sofrem alguma forma pela delimitação de seu território, quando muitos recursos naturais ficaram de fora. A categoria terra indígena, muitas vezes, é delimitada de acordo com a percepção do Estado nacional e não pela dos povos. Mas, a forma mais adequada encontrada foi para que o grupo indígena possa manter sua sobrevivência física e cultural.



Para o reconhecimento do território Yanomami foi necessária a criação de uma organização não governamental, pela Igreja Católica a Diocese de Roraima, que assumiu a defesa dos menos favorecidos em Roraima. Foi então, criada em 1978, a CCPY que é uma organização não-governamental brasileira sem fins lucrativos dedicada à defesa dos direitos territoriais, culturais e civis dos Yanomami. Seu objetivo foi lutar pela demarcação da Terra Indígena Yanomami. Esta organização lutou em ampla campanha nacional e internacional de modo a informar e sensibilizar a opinião pública e pressionar o Estado brasileiro para efetuar a demarcação de uma área contínua e adequada às necessidades dos Yanomami (Figura 13).

O território tradicional do povo indígena Yanomami sofreu com várias invasões pelos garimpeiros, aventureiros, caçadores, pescadores ou pelos colonos. Uma dessas invasões ocorreu na abertura de um trecho da estrada Perimetral Norte entre 1973 a 1976 no sudeste do território Yanomami. Atingindo várias comunidades indígenas, os trabalhadores levaram doenças para as aldeias indígenas.

Outro a invasão do território indígena Yanomami, foi quando um (Projeto Radar da Amazônia/RADAMBRASIL) voltado para o levantamento dos recursos naturais Projeto de Levantamento dos Recursos Amazônicos RADAMBRASIL em 1975 detectou a existência de importantes jazidas minerais na região, principalmente na serra do Surucucu. Esse anúncio desencadeou, a partir de 1980, um movimento progressivo de invasão garimpeira, que acabou agravando-se no final dos anos 1980 e tomou a forma, a partir de 1987, de uma verdadeira corrida do ouro (RELATÓRIO LAUDO ANTROPOLÓGICO, 1984, p.30)

A invasão garimpeira no território Yanomami trouxe grandes problemas ambientais, sanitários e sociais para as populações indígenas Yanomami e Ye'kuana.

A FUNAI, através da Portaria nº 1817/85, reconheceu como Terra Indígena Yanomami uma área contínua de 9.419.108 ha. Mas, a Portaria Interministerial 160 declara como terra de posse permanente dos Yanomami uma área aproximada de 8.216.925 ha, considerando, no mesmo espaço, duas florestas nacionais e um parque nacional. A proposta da Portaria 160 do Governo José Sarney a terra foi dividida em porcentagem: Floresta Nacional de Roraima 33%, Floresta Nacional da Amazônia 15%, Parque Nacional do Pico da Neblina 23% e 19 colônias indígenas 29%, ou seja, 19 terras em ilhas. Este formato estava muito vulnerável para

atividade de mineração e outros projetos. Para demarcar em área contínua era muito importante de acordo com laudo antropológico da Terra Indígena Yanomami (1984, p.08):

E necessário tomar em conta o fenômeno desse processo histórico para entender a rede de aliança existentes e a necessidade de movimentação entre as comunidades aliadas, ou em procura de aliança, processo vital para manter viva a estrutura social e econômica. Se representamos a ocupação territorial da população Yanomami como se fosse um continuum de aldeias, digamos, de A a X, mesmo que estas últimas, especificamente, não se comuniquem diretamente, nem tenham conhecimento uma da outra, os laços entre as aldeias intermediárias A-B-C-D, etc., resultam numa cadeia de elos contínuos. O efeito desses elos é o de uma vasta rede de interligação de comunidades, uma verdadeira trama tecida em plena floresta, criando conjuntos de aldeias cujos raios de influência e comunicação se justapõem aos de outros conjuntos, assim sucessivamente, cobrindo todo território Yanomami. Os espaços entre as aldeias que, num mapa estático convencional representando a simples localização de malocas num dado momento histórico apareceriam como “vazio”, são, na realidade, totalmente utilizados pelos Yanomami, de uma maneira racional e perfeitamente condizente as coisas condições ecológicas de seu habitat.

Uma nova proposta de demarcação não levava em consideração as mobilidades das comunidades indígenas, que poderia quebrar a estrutura social e econômica dos povos que habitam na terra indígena. De acordo com Boletim Urgente Yanomami, em 1989 reúnem-se as lideranças Yanomami pela primeira vez para tratar da invasão do seu território pelos garimpeiros. Coordenada por Davi Kopenawa, estavam nesta reunião outros líderes como Geraldo Kuesithere Yanomami, do Demini, Ari Pakidari Yanomami, do Ajuricaba, e do Catrimani os tuxauas Karera Puxim Korihanatheri Yanomami e José Honi Wakathautheri Yanomami. Para os Yanomami era necessário exigir das autoridades a retirada imediata dos invasores das suas terras e, também, dar reconhecimento dessa terra como Terra Indígena Yanomami. Os Yanomami tentaram reunir com o governo de Roraima e com FUNAI local, mas sem sucesso. Outro problema enfrentado pelo grupo é o fato de que não tinham documentos pessoais de identidade e não conseguiram obtê-los. Ainda pelo Boletim Urgente Yanomami, com a ajuda da CCPY o grupo de Yanomami conseguiu a chegar a Brasília para as audiências com poderes do Estado brasileiro.

Em 12 de setembro de 1989 os Yanomami foram recebidos pelo Presidente da Câmara dos Deputados Paes de Andrade, onde falaram da situação vivida pelo seu povo e depois pela Procuradoria Geral da República onde foram recebidos então pelo Procurador Dr. Aristides Junqueira e outros

procuradores. No dia seguinte foram Supremo Tribunal Federal onde foram recebidos pelo Presidente STF Ministro José Néri da Silveira. As manifestações ocorreram nos dias 11 a 14 de setembro de 1989 em favor dos povos Yanomami com o apoio do CIMI. Ao mesmo tempo foi feito um documento para entregar ao Presidente da República assinado pelas 67 nações e 14 organizações indígenas, determinando a imediata retirada dos invasores e devolução de 70% da Terra Indígena Yanomami. Os indígenas caminharam em direção ao Palácio do Planalto liderado por Davi Kopenawa, mas, infelizmente não conseguiram entregar e foram barrados pela guarda presidencial e pelos policiais militares (BOLETIM URGENTE YANOMAMI, 1989).

Na luta pela demarcação da Terra Indígena Yanomami nem todas as comunidades indígenas participaram e, principalmente, os Ye'kuana. De acordo com Lauriola (2010), chama a atenção a *pouca participação Ye'kuana nas ONGS* que atuam no território Yanomami e o fato de não participarem do processo de demarcação de suas terras no Brasil. Por isso, não passaram pelo processo de reivindicação pela posse e defesa de suas terras, mas, isso não significa que não tenham se apropriado desde espaço físico e simbólico. Os Ye'kuana são os únicos que não são Yanomami e que habitam a área indígena, mas, seu território tradicional faz parte da área que foi demarcada e homologada como Terra Indígena Yanomami. Conforme a autora, os Ye'kuana abriram a porta para envolver com garimpo no final de década de 80, porque não tinha pressão sobre eles, ou seja, os males aconteciam longe do seu território.

Lauriola tem razão sobre a não participação dos Ye'kuana na luta pela demarcação da terra indígena Yanomami. No que se refere ao envolvimento com o garimpo; o pesquisador (e morador) lembra pouco deste acontecimento. Entre 1986 a 1987 foi descoberto o garimpo em Tukushemeinha pelos Ye'kuana do Waikas. O garimpo estava numa área na cachoeira, e nessa época só duas comunidades garimpavam, Waikas e Fuduwadunha, mas depois notícia espalhou para outras comunidades Ye'kuana da Venezuela.

No início do ano de 1988 vieram várias comunidades indígenas da Venezuela, para o garimpo. Depois desceram até capital Boa Vista para comprar materiais manufaturados. Esta viagem aconteceu pela última vez pela via fluvial. A viagem para o garimpo dos Ye'kuana aconteceu antes da invasão do rio Uraricoera pelos garimpeiros. No final de 1988 o rio Uraricoera foi invadido pelos garimpeiros, especificamente na comunidade Waikas, onde ficou como ponto de chegada das pessoas e materiais de garimpo por causa de pista de pouso de aeronaves. A partir desse ponto, eles precisam de outro transporte para chegar a seu destino, o fluvial e

é aí que precisavam da mão de obra dos Ye'kuana, os únicos que poderiam ajudar porque tinham canoa e motor de popa. Assim, alguns homens Ye'kuana começaram a fazer este tipo de trabalho transportando as pessoas e materiais subindo o rio Uraricoera. Por causa disso os Ye'kuana ficaram conhecidos como “índios de garimpo”. Deste aquele tempo até dias de hoje enraizou dessa cultura em Waikas. Essa atividade foi passando de pai para o filho.

Através da Associação do Povo Ye'kuana do Brasil/APYB e outras organizações indígenas, na comunidade Waikas, que tem membros no corpo da diretoria da APYB, foram iniciadas as conversas e conscientização sobre o perigo da atividade de garimpo na terra indígena.

Em abril de 1991, finalmente o presidente Collor revoga os decretos de Sarney (160 e 250). Segundo o Boletim Urgente Yanomami (1991), o Diário Oficial da União publicou no dia 25 de julho de 1991 a resolução do presidente da FUNAI aprovando a delimitação da Terra Indígena Yanomami com 9.419.108 ha em área contínua nos estados Amazonas e Roraima. A demarcação da Terra indígena Yanomami foi através de Portaria de 15 de novembro de 1991 e a homologação acontece pouco antes da Conferência do Meio Ambiente-RIO-92, quando foi assinada pelo presidente Collor, em 25 de maio de 1992.

Finalmente, os Yanomami podem comemorar a homologação do seu território, iniciada em pelo CCPY em 1978, apoiado pelo senador Severo Gomes e pelo grande líder Davi Kopenawa Yanomami, que lutou bravamente em favor seu povo. Até hoje eles continuam lutando contra invasores da Terra Indígena Yanomami e em defesa do seu povo Yanomami e Ye'kuana.

### 3. OCUPAÇÃO HUMANA EM AUARÍS

Na região de Auarís não temos estudo mais detalhados, principalmente na área da arqueologia, que poderia desvendar alguns aspectos da ocupação humana na região. De acordo com Silva Monterrey (2015), os dados sobre os povos antigos da região dos rios Caura, Ventuari, Alto Orinoco e Cunucunuma, indicam que a área era ocupada, majoritariamente, pelos Ye'kuana. Provavelmente, toda a região das cabeceiras dos rios acima citados, foram habitadas por outros povos. Assim,

Basándose en una combinación de datos lingüísticos y arqueológico, se ha establecido que hacia 3.500 a.C, se inició desde la parte media de la cuenca amazónica un movimiento de población de hablante de un idioma proto-arawak, el cual hacia 1.500 a. C, estaba en las cercanías del Orinoco derivado ya en una forma considerada como proto-maipure, idioma que dio origen a diferentes variaciones de los idiomas arawak, entre ellos los desarrollaron en esa cuenca (SILVA MONTERREY, 2015, p. 39).

Estes lugares, pelo que tudo indica, eram habitados por povos do tronco linguístico aruak. A família linguística aruak era muito grande na América do Sul, ocupando desde Cuba, Bahamas, Brasil até o Uruguai (STEWART, 1950 apud SILVA MONTERREY, 2015). Existem várias hipóteses sobre a ocupação da área, entre elas a que aponta que por volta do ano de 1.000 A.C. inicia-se uma expansão dos povos caribes na região de acordo com registros encontrados no sítio arqueológico Corobal, situado no rio Ventuari. Não se sabe se ocorreram as disputas armadas ou conflitos pela ocupação da região, mas de acordo com a mesma autora, quando os europeus chegaram ao continente americano, especificamente espanhóis, a família linguística caribe já estava estabelecida na bacia do rio Orinoco no século XV, como ocorre até dias de hoje.

De acordo com Avello-Jimenez (1974), o povo Ye'kuana acredita que seus antepassados surgiram na Serra Ye'kuana jödö localizada na região próxima de Camasoinha, na cabeceira do rio Cuntinamos, afluente do Padamo. Atualmente ainda é habitado por este povo.

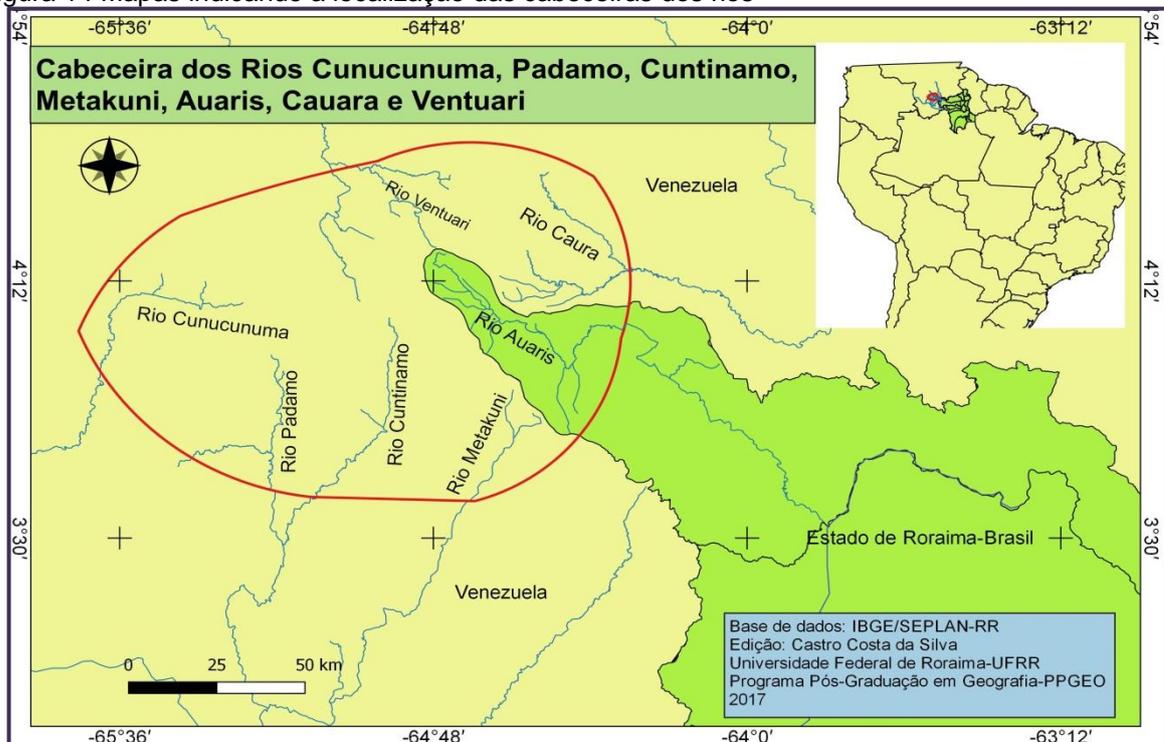
No maciço Guianense, entre as divisas das águas do rio Amazonas e do rio Orinoco, vivem os Yanomami, porém, vários subgrupos deste povo se expandiram em várias direções, ocupando outros territórios. Segundo Ramos (1980) os Yanomami-Sanumã vieram ao sul da região de Auarís que, antes, era dominado pelas famílias linguísticas Caribe e Aruak.

A partir das informações coletadas com a história oral dos Sanumã, eles viveram na serra Parima, mas foram perseguidos pelos outros subgrupos Yanomami. Assim, começou a peregrinação em direção ao norte até que alcançaram os rios Padamos, Auarís, Ventuari e Merewari. Segundo Jabur (2014), as primeiras notícias que se tem sobre o povo conhecido como “yanomami” no século XVII, é através de relatos de exploradores e pesquisadores. Nos primeiros relatos, da Comissão de Limites Portuguesa em 1787 quando esses índios foram denominados como Oayacas (Waikas), e viviam nas cabeceiras do rio Parima.

### 3.1 OS POVOS QUE HABITAM A REGIÃO E A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO

O lugar que denominamos como “região de Auarís” significa toda a bacia hidrográfica do rio Auarís, desde sua nascente até sua foz no rio Uraricoera. Trata-se de um rio muito importante para os povos que habitam a região.

Figura 14 Mapas indicando a localização das cabeceiras dos rios



Organizado por Castro Costa, 2017

A área povoada pelos Ye'kuana desde tempos imemoriais, refere-se as cabeceiras dos rios Cunucunuma, Padamo, Cuntinamo, Ventuari, Metacuni e

Medewadi<sup>3</sup> (Figura 14) que são afluentes do Orinoco na Venezuela, o rio Auaris que é afluente do rio Uraricoera no Brasil. Porém, Arvello-Jimenez (1974) coloca o surgimento do povo Ye'kuana na serra do Ye'kuana (próxima ao rio Cuntinamo) e que o primeiro povoado foi Camasoinha e, a partir deste povoado, inicia-se expansão do povo.

Já os Sanumã teriam chegado à região por volta do século XVIII, ocupando um território até então dos Ye'kuana. Vieram do Sul, da serra do Parima, onde é um território tradicional dos povos Yanomami. Segundo o que os mais velhos Sanumã relataram durante as entrevistas realizadas, eles foram perseguidos pelos outros grupos Yanomami denominados por eles como shamatari.

Posteriormente, os Ye'kuana passaram por um novo evento que modificou a dinâmica territorial com a migração de várias pessoas. Os sábios ou mais maduros da comunidade Fuduwaduinha afirmam que as dispersões ocorreram por causa da invasão do explorador da borracha, o Fune. Este evento é citado por Arvello-Jimenez (1974), ao explicar que as dispersões teriam ocorrido por causa da invasão do explorador da borracha, Tomas Funes e, também, devido às invasões pelos Sanumã. Para inchonkomo<sup>4</sup>, na época do Funes a sociedade Ye'kuana experimentou o pior da sua história. Os homens, as mulheres e as crianças foram levados para serem escravos na área onde era explorada a borracha e muitos não resistiam aos maus tratos. Por esse motivo os Ye'kuana começaram a fugir ou esconder. Nesta época eles ultrapassaram seus territórios e não ficavam muito tempo no mesmo lugar; sempre escondendo, passaram muito necessidade “a fome”. Muitas pessoas voltaram para seus lugares de origem e outras optaram por 54 retornar.

Em entrevista o senhor Pery fala a respeito das fugas na época da invasão do caucheiro a mando de Tomas Funes, quando os Ye'kuana sofreram muito. Segundo ele, sua mãe foi levada pelos invasores quando era adolescente. Muitas pessoas abandonaram suas aldeias, deixando para trás suas roças; foi a pior experiência vivenciado pelo povo. Assim, os Ye'kuana começaram a ocupar outros territórios que não eram deles. Como mencionei, algumas pessoas ficaram nos novos assentamentos e permanecem até hoje, construindo um novo território para o

<sup>3</sup> O termo Merewari está na língua Ye'kuana. O mesmo rio recebe, também, o nome de Caura na língua espanhola.

<sup>4</sup> Inchonkomo são os sábios ou as pessoas mais maduras da comunidade; dentro da sociedade Ye'kuana eles são bem respeitados e são eles que tomam as decisões da comunidade.

povo Ye'kuana. Para Moreira (2005, p. 98), “os Ye'kuana no final de do século XIX e início do XX, foram inseridos na exploração da borracha, principalmente nos anos 1913 e 1923, período que marca o mais intenso extermínio dos Ye'kuana, durante o governo de Tomas Funes no Amazonas/Venezuela”.

Podemos ressaltar, também, o comércio realizado pelos povos Ye'kuana. Através desta atividade conheceram outros territórios e, de acordo com Moreira (2005), conheceram toda bacia do Orinoco, do rio Negro e seus afluentes até chegarem a Georgetown. Portanto, o território utilizado por esse grupo vai muito além das fronteiras Venezuela e Brasil, mas inclui parte da atual Guiana.

Segundo wätunnä, o território Ye'kuana foi demarcado por Kuyujani e este é o território que os Ye'kuana consideram, isto é, onde Kuyujani teria andado ou morado. Moreira (2005, p.129), “ressalta que, de acordo com a tradição contada pelos Ye'kuana, o território que lhes foi deixado por Kuyujani, o qual faz referência às localidades como Orinoco, Roraima, Metacuni, Parima, entre outros rios e montanhas da região fronteira entre o Brasil e a Venezuela”.

Atualmente a região de Auarís é compartilhada por dois povos, não sendo uma situação específica, uma vez que ocorre em outras regiões da Venezuela. Neste espaço acontecem as trocas de mercadorias e, também, força de trabalho onde os Sanumã procuram oferecer a mão de obra para os Ye'kuana, adquirindo objetos industrializados através dos Ye'kuana. Isso ocorre porque poucos Sanumã são assalariados e os Ye'kuana são, em sua maioria, assalariados.

O espaço geográfico de Auaris se tornou muito importante para os Sanumã, pois é onde eles encontram outros povos e culturas, sendo que os Ye'kuana se tornaram a principal fonte para eles adquirirem ferramentas industrializadas. Por outro lado, os Ye'kuana estabeleceram redes de trocas de mercadorias com outros povos, principalmente os povos do lavrado de Roraima, além dos Piaroa da Venezuela. Este povo foi viajante e conhecedor de toda a região do Amazonas e Orinoco.

Mais tarde, com a chegada do não-indígena na região de Auarís, mais pessoas foram atraídas para este lugar, principalmente por passarem a oferecer atendimento de saúde e as possibilidades de adquirir materiais manufaturados vindo da cidade, que eram bem cobiçados pelos moradores de Auaris e entre dois povos.

Historicamente, os próprios Sanumã reconhecem que vieram do Sul de Auaris, mais precisamente da serra do Parima, em busca de fartura e fugindo de

seus inimigos, como eles denominam “os shamatari”.

Atualmente, Auaris tem a presença de órgãos do governo, organizações não governamentais e organizações indígenas. A chegada desses novos personagens na região promoveu uma alteração no espaço até então produzido pelos grupos indígenas que ali habitavam. Percebe-se a produção e (re) produção do espaço quando novos elementos são inseridos, como é o caso da pista de pouso asfaltada em plena floresta Amazônica, as escolas estaduais, o posto de saúde, o quartel (5° PEF), convivendo com as comunidades indígenas e as roças, além das várias trilhas que levam a lugares mais distantes, considerando que, antes, havia apenas o rio Auaris como o caminho (Figura 15).

Figura 15 Imagem aérea da pista de Auarís



Fonte: Bezerra, 2003

Atualmente este espaço é o epicentro da região; tudo é feito a partir deste local, como o acesso à cidade (o avião que chega e leva alguns moradores para a capital Boa Vista), a entrada das coisas de fora, isto é, da “cidade”, e a entrada dos não-indígenas (Figura 16).

Figura 16 Imagem de aviões na pista de Auarís



Foto: Castro Costa, 2016

Esta movimentação ocorre, principalmente, nos dias 11 e 26 de todos os meses do ano, quando fazem a troca da equipe de saúde na região. Auarís é um polo base<sup>5</sup> de saúde e, a partir deste lugar, é feita a distribuição do pessoal da saúde para os oito subpolos base, sendo quatro subpolos atendidos através transporte aéreo e quatro por via fluvial. São nestes dias de todos os meses que acontecem os maiores movimentos de aeronaves na pista de pouso de Auarís, normalmente, entre 08 e 10 aeronaves que fazem operações, além de um helicóptero destinado as missões nas comunidades de difícil acesso ou que não possuem pista de pouso para aviões.

A pista foi construída pelos próprios indígenas da região, com ajuda dos militares da Força Aérea Brasileira (FAB) e dos missionários da Missão Evangélica da Amazônia (MEVA), que deram as ferramentas para abrir a pista. Segundo o seu Pery, que foi uma das pessoas que projetaram para ter a pista em Auaris, “nós Ye'kuana sempre quisemos a presença não-indígena na região, nós que fomos atrás

---

<sup>5</sup> Os Polos-base são estruturados como Unidades Básicas de Saúde e contam com a atuação das Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena (EMSIS) compostas, principalmente, por médicos, enfermeiros, nutricionistas, dentistas e técnicos de enfermagem, entre outros profissionais.

deles para trazer para nossa região, e, nunca imaginamos chegar neste estado atual da região”. Ele está se referindo ao aumento de população Ye'kuana e Sanumã que, atualmente, sofrem com a falta de recursos naturais, devido alta exploração destes.

Sem dúvida nenhuma, a pista de pouso foi um fator modificador da região de Auarís, pois, a partir dela aquelas comunidades que já se encontravam em locais próximos à pista permanecem até a data de hoje, e a aquelas comunidades mais distantes aproximaram-se mais da pista. Foi responsável, também, por acabar com a mobilidade das comunidades indígenas da região, principalmente as comunidades de Fuduwaadunha (Ye'kuana) e Ashikama (Sanumã), que já tem existência de mais de meio século.

### 3.1.1 Ye'kuana

O povo Ye'kuana pertence à família linguística Caribe; estes povos estão situados em sua grande maioria ao sul da Venezuela nos estados de Amazonas e Bolívar; no Brasil estão localizados no extremo noroeste de estado de Roraima, nos municípios de Amajari e do Alto Alegre, na Terra indígena Yanomami. Os Ye'kuana têm outras denominações dados pelos seus vizinhos. Silva (2014, p. 19) ressalta que:

O povo Ye'kuana (significa YE de “árvore” KU de “água” ANA de gente” traduzindo gente de pau da água e gente da canoa) teve sua primeira denominação pelos não índios, Ye'kuana, em 1912 por Theodor Koch Krümborg. São, também, conhecidos como Maiongong (esse nome foi dado pelos Pemom, significando cabeças redondas, indicando o tipo de corte do cabelo) e Maquiritare (nome dado pelos Arawaki, MAKIDI e ARI significa o povo de rio e da água).

Diferenciam-se, também, de acordo com sua localização. Aqueles que vivem ou habitam as cabeceiras dos rios chamam-se Yujuduana e os que vivem nos rios a baixo são denominados como aneinhankomo. Além desses, existe outro tipo de classificação de acordo com a localização geográfica ou determinada bacia hidrográfica: aqueles que vivem no rio Medewadi (rio Caura) são denominados de Medewaadinhankomo, do rio Yawadejudi (Auaris) são os Yawaadejunhankomo, do rio Entawaade (rio Ventuari) chamam-se Entawaadeinhankomo, do rio Kuntanaama (rio Cuntinamo) denominam-se Kuntanamainhankomo, do rio Kunu (rio Cunucunuma) são os Kununhankomo e do rio Fayaamu (rio Padamo) são os

Fayaamunhankomo.

No Brasil, atualmente, temos três comunidades sendo duas na margem do rio Auarís (comunidades Fuduwaadunha e Kudatanha) e outra na margem direita do rio Uraricoera. A comunidade Pedra Branca está localizada próxima à cabeceira do rio Auarís, mas ela está se desfazendo, pois, os moradores estão mudando para Fuduwaadunha. Provavelmente não vai mais existir.

O povo Ye'kuana está, em sua maioria, no território da Venezuela. De acordo com (CÁCERES 2011 apud COSTA, 2013, p.17), “o último recenseamento na Venezuela indicou 6.500 pessoas que vive entre o estado Amazonas e o estado Bolívar”. No Brasil informações coletadas na SESAI é de 525 pessoas (2015, SESAI). Em nossa área de estudo comunidade Fuduwaadunha, a população é de 270 pessoas (SESAI, 2015).

### 3.1.1.1 Aspectos culturais do povo

O povo Ye'kuana, como a maioria dos povos da Amazônia, tem os conhecimentos transmitidos oralmente, quando as crianças aprendem com seus pais participando das atividades do dia a dia do seu povo. Os meninos aprendem com o pai e as meninas com a sua mãe.

Na sociedade Ye'kuana existe a divisão de trabalho entre os sexos. Os homens têm atribuições como: trazer a carne de caça para casa, pescar, fazer roça, limpar os caminhos da roça, construir a casa de sua família, fazer tönköi yedö (estrutura de onde o tipiti é colocado para espremer a massa de mandioca), fazer tipiti, fazer faja (balaio - objeto para colocar beiju) construir canoa e zelar pelo bem-estar da sua família e, também, tem responsabilidade com o bem-estar da comunidade e do seu povo, ou seja, participar da política em sua comunidade. O papel da mulher dentro da sociedade Ye'kuana tem muita importância; é ela quem cuida a casa, dos filhos, cuida da roça, prepara alimentação do dia a dia, busca água, vai buscar Yajantadö (lenha para assar beiju), tem a tarefa de ralar a mandioca, fazer wöwa (cesta para carregar mandioca), fazer os ralos usados para ralar mandioca e cozinhar. Segundo Silva Monterrey (2016, p. 280) “as mulheres não intervêm abertamente em política, no qual parece ser uma tradição, pois a análise da memória genealógica sobre os cargos políticos nos mostra que estes não eram ocupados por mulheres”.

Até hoje mantêm essas divisões de tarefas entre os sexos. O mais interessante do povo é a coletividade. Quando constroem uma casa, todo mundo ajuda, tanto os homens, quanto as mulheres. As mulheres trazem o chibé ou Yadaki, assim, os homens não precisam ir comer na sua casa e passam o dia inteiro no trabalho.

Coletividade é muito importante na vida dos Ye'kuana, a união entre os membros da comunidade é essencial para realizarem suas atividades, porque a união faz a força para vencerem os obstáculos da vida na comunidade indígena.

Os Ye'kuana são excelentes construtores de canoa, que na linguagem Ye'kuana é “kudiyada” e foi através deste objeto construído que conseguiam chegar além do seu território tradicional. Arvello-Jimenez (1974), relata que Aramari foi um navegante incansável e comerciante muito ativo e que fez as viagens ao Brasil que duravam de 1 a 3 anos. As rotas de suas viagens eram através do canal de Casiquiare, rio Negro, Manaus, rio Branco, rio Uraricoera, rio Auaris e voltava para a Venezuela pelo rio Padamo, depois o rio Orinoco e, finalmente, o rio Cunucunuma. Estes povos tinham muita habilidade para construir canoas e os grandes obstáculos não eram limites, como as cachoeiras; atravessavam estas cachoeiras e faziam outra canoa (no retorno era reaproveitado) e, também, atravessavam para outros rios lá faziam outro barco e, assim, seguiam suas viagens. As viagens pelo rio exigiam muito esforços físicos porque viajavam com o remo. Provavelmente estas viagens teriam iniciados nos séculos XVIII ou XIX. Estas viagens ocorriam para conseguir material industrializado. Atualmente os Ye'kuana não fazem mais a viagem através de canal Casiquiare, rio Negro, rio Branco e rio Uraricoera. Mas, por exemplo, para os moradores de comunidade Fuduwaadunha as viagens acontecem para Boa Vista por via aérea, diferente os tempos atrás, que desciam de barco até a capital de estado de Roraima.

### 3.1.1.2 Produção de alimentos

Os Ye'kuana são excelentes agricultores e cultivam várias variedades de maniva, vários tipos de banana, batata, abacaxi, milho, raízes como inhame (tu'da, madiicha e madaawi), cará, batata-doce, abóbora, suka, cana-de-açúcar, tabaco e as frutas como a pupunha. A dieta alimentar tem sua base nos derivados da mandioca, como beiju, farinha de mandioca, chibé, yadaki (bebida tradicional dos

indígenas). Além disso, cultivam as pimentas e produzem seus derivados como a jiquitaia, kāsakidi, waduuwe. Esses são os produtos encontrados nas roças dos Ye'kuana. Em cada família a mãe e suas filhas casadas são responsáveis por cuidar roça.

Os produtos da alimentação estão presentes nas histórias repassadas pelas gerações entre o povo Ye'kuana. Uma delas é a história de ädeejä (mandioca) contado através de wätunnä:

Os Ye'kuanas comem as frutas do mato e argila porque não havia mandioca. As pessoas buscavam argila bem longe. Certo dia as crianças ficaram sozinhas na aldeia enquanto os pais foram buscar argila. Quando chegou meio dia as crianças começaram a chorar de fome, então Wanaasedu ficou com pena das crianças e enviou seu auxiliar para Terra Edaawisheewedu e trouxe todos os tipos de alimentação presas ao seu corpo, quando os pais chegaram as crianças não quiseram mais comer argila. Desconfiado os pais começaram a perguntar: porque não estão comendo? Mas Edaawisheewedu disse as crianças para não falarem aos pais. Mas mesmo assim, as crianças comentaram “alguém veio deixar comida”; eles entregaram aos pais e provaram que era muito bom. A partir de então o chefe do grupo chamado Maseewi mandou seu povo procurar. Uma delas era kuchui que saiu a procura de alimento gostoso; ele amanheceu no lavrado de Roraima, ali encontram com os wedema (passarinhos tipo andorinhas) o kuchui metamorfoseou como passarinho, ele pediu para ir com eles porque ouviu a conversa deles “vamos passear na plantação da mãe” e ele acompanhou-o e foram para o céu. Chegaram no tal plantação e disseram para ele não tocar na planta porque a mãe deles era muito brava, ele ficou curioso “porque os wedema pediram não tocar!”, ele tocou para testar. Quando tocou tropeçou nas serras de Madakanaadu jödö e Watashu'jödö (são serras de ädeejä). Depois voltaram para casa da mãe wedema. No outro dia foram novamente voar por cima da plantação da mãe wedema; desta vez Kuchui quebrou o galho se escondeu na toca da árvore caída. Udeenadiwa, dona da plantação de mandioca (ädeejä), perguntou a seus filhos o que eles fizeram com sua planta e os Wedema disseram que tinha outra pessoa com eles e que talvez ele teria mexido com a planta sagrada. Udeenadiwa transformou-se como arco-íris por cima da planta para vigiar e encontrar a pessoa que teria mexido ou roubado. A avó dos Wedema transformou-se como raio e encontrou dentro da toca. Udeenadiwa foi lá e tirou ele; perguntou se ele tinha roubado, mas Kuchui disse que não mexeu nem roubou. Então Udeenadiwa resolveu tirar o couro de Kuchui para encontrar e em seguida quebrou a coluna, matou-o e fizeram uma cerca. O kuchui tinha escondido debaixo da unha um olho de maniva e, nessa hora, chega a irmã do Kuchui, a Wishumau, que disse a eles: “porque vocês mataram meu irmão?” “Porque roubou nossa ädeejä”, disse Udeenadiwa e foram embora. Wishumau colocou folha de tabaco em cima do seu irmão e depois fez kawai e soprou com fumaça de kawai sobre ele e kuchui ressuscitou; as folhas de tabaco tornaram-se como pele e foram para um lago para salvar ädeejä, deram o banho a ädeejä com os peixes, jacaré, poraquês e entre outros. Depois trouxeram para o planeta terra onde vivem. Junto vieram os passarinhos kawayuumä, ajishaamä, sekodoodiya entre outros. O Kuchui plantou onde ele tinha amanhecido ou onde ele encontrou com wedema. Outro dia já estava muito grande e com muitas frutas. Kuchui voltou para seu povoado em yujuudunha e, quando chegou não avisou para ninguém. Ele saía de noite escondido para comer a fruta de ädeejä. Certo dia, odooma (paca) desconfiou, porque kuchui ficava

dormindo durante o dia. Odooma foi cheirar a boca dele e o cheiro era gostoso. Ele ficou de olho nele, quando o Kuchui saiu ele saiu atrás. O kuchui andava nos galhos de árvores mais rápido, quanto o odooma andava por baixo e, em certo ponto, ficou para trás e perdeu de vista. Ele decidiu ficar ali mesmo e esperar outra noite para seguir ele. Quando chegou a noite ficou esperando e não demorou muito lá veio Kuchui; desta vez acompanhou até onde estavam as frutas de ädeeja; chegando lá odooma achou muita fartura e comeu bastante. O odooma voltou e contou para todo mundo, principalmente para o Maseewi. O Maseewi mandou seu povo dizendo “traz para cá”, referindo a yujuudunha (nas cabeceiras dos rios Auaris, Ventuari, Merewari, Cuntinamo, Paramo e Cunucunuma). No outro dia derrubaram a árvore sagrada e colheram a muda. Escolheram Edanhekaawa (pajé) como responsável por transportar a muda. Ädeeja foi transportada no ar, de onde hoje fica o Monte Roraima, para Yujuudunha, nas cabeceiras dos rios Auaris e outros rios da Venezuela. Os inimigos estavam acompanhando odoshankomo e, quando estava passando por cima de serra de Maduuda jödö, foi roubado pelo Manawedu, um morador de esta serra. Manawedu resolveu plantar e quando estava fazendo roça ele deixou a maniva em certo lugar. O Kawaadatu achou a ädeeja roubado. Desta vez resolveram transportar por debaixo da terra e foram escolhidos Maduuda e Fa'jadi para transportar, entraram na cachoeira de Fomä shoodö e saíram na Katanadu toja ai. Quando saíram, outro odo'sha estava de olho chamado Mashushuwena. Os responsáveis de ädeeja escolheram o lugar e plantaram, durante a noite ninguém ficou para vigiar. Nessa hora Mashushuwena aproveitou para molhar com kadiimani e'kudu anaajäke e com wiyu kasaiche. A planta amanheceu sem crescer e com tadeesewiye. As pessoas ficam sem saber o que fazer e onde levar; demorou alguns dias. Certo dia o nambu e maami cantaram “wädumäyawa wetä de'kai”, assim que ouviram o canto imediatamente pensaram em transferir a muda de ädeeja para wädumäyawa wetä de'kai, só que precisavam fazer a ponte para atravessar, colocaram adanne (madeira). Entraram na cachoeira Yaka shoodöi e saíram na cachoeira de Majiiyada shoodöai, a partir de desse ponto levaram por cima da terra até a terra do Wädumiyaawa. Plantaram e cresceu rápido, ficando muito alto até no céu e no outro dia já tinham muitas frutas. Durante esse tempo não faltou comida, porque tinha muita fruta da árvore sagrada e as frutas caíam com muito perigo. Certo dia teve uma fatalidade: odooma foi atingido por fruta que caiu em cima dele e ele morreu. Avisaram para o Maseewi o ocorrido. Maseewi resolveu derrubar e mandou seus auxiliares para convidar os pássaros como picapau entre outros, esses tinham machado para derrubar e tinham a responsabilidade de derrubar tronco de árvore grande. A árvore não caía e outro dia não tinha mais corte começavam de zero novamente. No terceiro dia o Kajushuwa mandou seu auxiliar Monenkawe para trazer doença mätaakinhu e jogou por cima de trabalhadores e adoeceram todos. Para curar essa doença usaram Asenaku Fomiyäke (pimenta), depois disso reiniciaram a derrubada desta até conseguir. Porém, sofreram muito para derrubar a árvore, porque tinha um tipo de corda que estava amarrada lá em cima e, por isso, não caía. Mandaram o kusukusu para cortar a corda, e assim conseguiram derrubar. A partir daí as mudas de mandioca foram entregues para os Ye'kuana e outros povos também.

Entrevista do professor Martim Albertino Gimenes (21/10/2016).

Para o povo Ye'kuana, muitos lugares são considerados sagrados, principalmente, Dodoimä jödö (Monte Roraima) e Madawaka'jödö (Serra Marauaca), pois possuem uma forte relação com os alimentos. Para o senhor David, atual liderança da comunidade Fuduwaadunha, que nós consideramos um dos sábios, as

“primeiras roças foram feitas por Fudumanhadi; ele fez Wanoodi localizado no Alto Orinoco e Wanaatu fez Faduwaka na região de Ventuari”. Assim, estas foram as primeiras roças e, a partir delas, hoje os Ye'kuana fazem suas roças.

Ramos (1980, p.26), ao falar dos Maiongong ou Ye'kuana, assinala que “em geral, as roças Maiongong são maiores e mais sortidas que as Sanumã. Esse fato parece dever-se a uma tradição mais longa que têm os Maiongong no desempenho de atividade agrícolas”. Outro pesquisador que também presenciou a forma como se produz a roça foi Koch-Grünberg (1979, p.278) que destaca “el suelo es muy fértil, según se puede comprobar con las extensas plantaciones exuberantes em donde creen gigantescas raices de yuca outras frutas”. Para os Ye'kuana a alma da maniva já faz parte de sua alma, por isso eles cuidam bem de suas roças, não deixam o mato tomar conta dos roçados. A dona da roça, considerada como a mãe da roça, vê uma plantação nova de mandioca como uma criança e, por isso, deve ser bem cuidada. Como foi contada pelo wätunna, os Ye'kuana são agricultores milenares e têm larga história, tem rituais para isso e as restrições para suas roças.

Uma dessas preocupações com cuidado com a roça o pesquisador presenciou em Fuduwaadunha. As donas das roças resolveram fazer uma colheita coletiva, situação que há muito tempo não era realizada na comunidade. Em uma das reuniões anterior as pessoas cobraram a revitalização das práticas tradicionais, pois consideram que a cultura está se perdendo. Chegou o dia marcado das colheitas e realizaram a atividade bem cedo; o rezador (a) é disputado pelas donas das roças. Numa dessas colheitas, quando elas estavam voltando carregadas de mandioca por um caminho que passa bem na beira do rio, umas das meninas escorregou e a mandioca caiu no rio e, como o rio estava muito cheio, não foi possível resgatar. Devido a esse ocorrido, as lideranças resolveram fazer um ritual, para trazer a alma da mandioca porque ela está com wiyu (a cobra grande mãe da água).

A forma de complementar a alimentação cultivada é através dos animais de caça e, entre as mais consumidas pelos Ye'kuana, estão os veados, as pacas, as queixadas, antas e alguns pássaros como mutum, tucano, arara, inambu e jacamim. Na época da chuva consome-se em Auarís o kudu (minhocachu), algumas lagartas comestíveis e as formigas como sedi e ködhakwä. Mas, atualmente, a região sofre com a escassez de animais devido ao aumento demográfico e também pelo uso de arma de fogo pelos moradores durante as caçadas.

Wätunnä - através deste homem os Ye'kuana constroem seu mundo, conforme Andrade (2009, p.16),

De onde vêm os nomes pessoais ye'kuana? Wätunnä. Onde se aprende a construir a casa ou ättä, réplica do mundo celeste? Wätunnä. Onde se aprende a preparar o alimento de maneira adequada? Wätunnä. Onde se aprende como deve se comportar um verdadeiro ye'kuana? Wätunnä. Onde se aprende como e quando devem ser realizadas as festividades? Wätunnä. Todo conhecimento Ye'kuana está ligado ao wätunnä. O comércio que os Ye'kuana faziam era porque conheciam através de Wätunnä a localização geográfica. A criação do mundo é contada através de wätunnä. Rezas de alimentos são feitos de wätunnä.

Atualmente na comunidade Fuduwaadunha ou em outras comunidades Ye'kuana tem poucos sábios de wätunnä. A sociedade Ye'kuana precisa refletir ou discutir sobre o papel das escolas indígena ou da própria comunidade no revitalizar os conhecimentos de wätunnä. Para Silva Monterrey (2015) “reforçar a ‘ye’kwanidade’ é nutrir os valores do povo”.

Nos últimos anos em Auaris, particularmente na comunidade Fuduwaadunha, ocorreram grandes mudanças sociais e econômicas no pós-contato com o homem branco. A introdução de políticas públicas na comunidade, como escola, posto de saúde e os benefícios sociais do governo, mudou o cotidiano das pessoas da comunidade. Hoje não realizam mais caçadas coletivas, caçadas de manawaka. O “grande chefe” dessa mudança se chama escola. A escola mexeu com o calendário do povo. A comunidade precisou se adequar ao calendário escolar. As crianças e os jovens estão na escola, enquanto os pais ficam sozinhos para fazer atividades do dia a dia da família.

Outro ponto a destacar é a inserção do mercado de trabalho renumerado do povo Ye'kuana. Isso afetou muito as realizações de atividades tradicionais do grupo, porque o empregado deve cumprir suas obrigações junto ao contratante. Mesmo assim, as pessoas não deixavam participar quando tem atividades comunitárias ou grandes celebrações e cerimônias culturais.

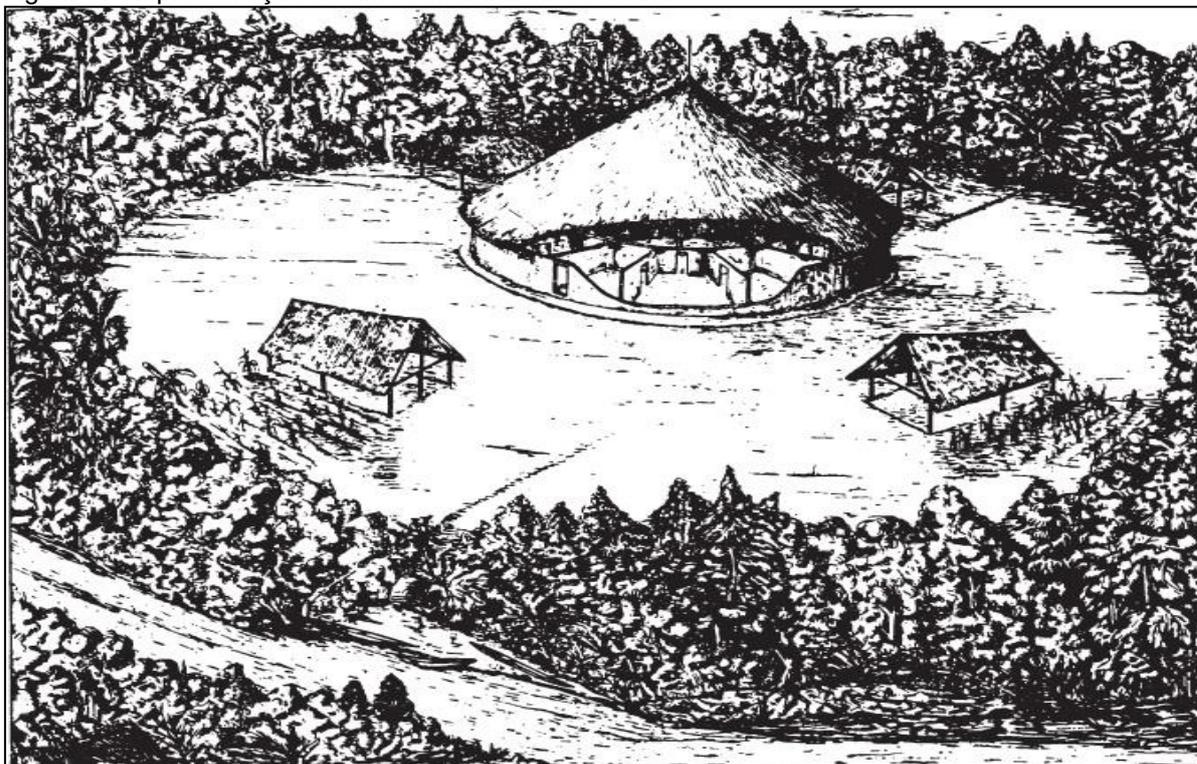
Com o aumento do poder aquisitivo, as pessoas procuram comprar na cidade itens para suprir as necessidades de proteína. Hoje em dia observa-se a entrada de alimentos industrializados, frango congelado, ovos e os pães, porém, isso não quer dizer é que os Ye'kuana sobrevivem somente com isso. Na verdade, a comunidade cultiva mais 99% de sua subsistência. Mas a tendência é aumentar a entrada de produtos produzidos fora da comunidade. Segundo um levantamento

realizado pelo Instituto Socioambiental/ISA, a região de Auarís tem uma entrada de dinheiro só para comunidade Fuduwaadunha, estimada em aproximadamente de R\$ 57.880,00 reais mensais e, anualmente o montante gira em torno de R\$ 694.560,00 reais. Esses recursos têm como fonte os salários dos professores, dos trabalhadores de saúde e dos aposentados. Cabe destacar que toda a alimentação produzida pela comunidade não é vendida, mas é usada na subsistência das famílias.

### 3.1.1.3 Habitação

Os Ye'kuana procuram morar sempre próximo aos rios ou igarapés, para facilitar suas vidas. A água serve para o consumo e os rios são os caminhos da região e permitem a navegação, além de servirem para a pesca. O rio principal, o Auarís, serve para as grandes viagens e, através dele conseguem chegar em outros lugares da região. Para escolher o lugar de habitação precisa pedir autorização dos donos sobrenaturais: espíritos das serras, de lagos, remansos, antigos pajés que viveram no espaço geográfico escolhido.

Figura 17 Representação de uma comunidade Ye'kuana

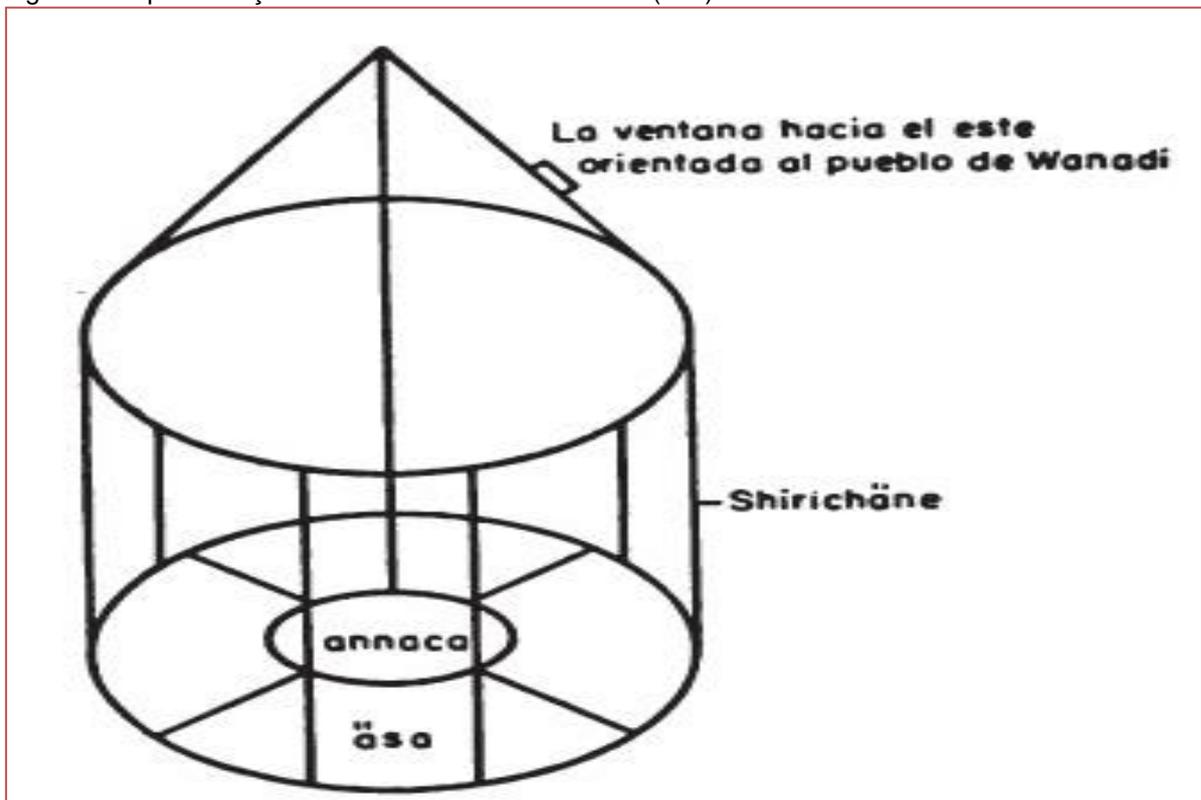


O ato de conversar com os espíritos é assumido pelos Fuwai (pajé) e o achuri eyaamo, pois eles têm um papel muito importante que é diagnosticar a área pretendida ou negociar com os donos. De acordo Silva Monterrey (2015, p. 135), “uma vez concluída a etapa de preparação espiritual do lugar, inicia-se a preparação física, construindo a casa provisória para abrigo e até estabelecerem-se definitivamente, ficam fazendo a limpeza, cortando os matos e plantando suas roças”. Na verdade, eles não mudam de uma vez; as pessoas vão esperar as roças ficarem prontas e aí sim, podem mudar definitivamente (Figura 17).

Segundo Arvello-Jimenez (1974, p. 47), um espaço circular em meio da selva já denuncia a presença do povoado Ye'kuana.

Para Koch-Grünberg (1979, p. 270) “las casas de parentela de los Yekuaná y Guinau son puras cabañas de techo cónico. Exteriormente se asemejan a las de los Makuschí y Taulipáng, pero por regla general están construídas mejor más cuidadosamente”. A casa cônica como autor refere, em na língua Ye'kuana chama-se ättä (Figura 18) e pode ser chamada casa redonda. Os indígenas de lavrado de Roraima chamam de malocão.

Figura 18 representação de casa tradicional Ye'kuana (ättä)



Fonte: Arvello-Jimenes, 1974

As famílias Ye'kuana abrigavam-se numa casa coletiva e a mais utilizada foi a casa redonda, ättä na linguagem Ye'kuana. Arvello-Jimenez (1974) classifica a divisão interior da casa da seguinte forma: no centro está “Anna”, onde dormem os homens solteiros e é um lugar de comer e de festas. A “ä'sa” é o lugar do fogo, onde ficam as famílias junto com filhos menores e filhas adolescentes. Na parte externa da casa encontra-se o födoodo (parte externa de casa).

Os Ye'kuana também constroem as casas que chamam de famaakadi (Figura 19) que significa casa queda de água. Os sábios dizem que Wanaadi construiu Kushamakadi em formato famaakadi (retangular). Muito tempo depois os irmãos Yedeeke e Shimanamä construíram a ättä pela primeira vez e construíram Watajödö.

*Figura 19 Casa Famaakadi da década de 1980*



Foto: Jandyra Dominoni, 1986

Em comunidades Ye'kuana, geralmente tem a presença da ättä, principalmente nas comunidades da Venezuela, mas nas comunidades Ye'kuana no Brasil não tem muito esse tipo de construção. Desde ano de 1999 na comunidade Fuduwaadunha não tinha, em 2016 foi construída ättä da comunidade (figura 20). Atualmente em Waikas a casa de reuniões também foi alterada e construída uma

nova com o formato quadrado e telha de cavaco (de madeira).

*Figura 20 Imagem de uma ättä*



Foto: Maxwell Rodrigo, 2017

Ao longo do tempo as mudanças socioeconômicas e o contato com homem branco geraram alterações nas moradias dos Ye'kuana. Na década de 1960, na época da construção da pista, os Ye'kuana tinham casa comunal, onde as famílias viviam e abrigavam quase toda comunidade, a casa era ättä (casa redonda). Quando mudaram para Fayaku'jainha, em 1974 construíram uma casa famaakadi coberta com a palha de bacabeira. Essa casa era comunal, porém, algumas famílias tinham construído suas casas separadas. No final de década de 1980, quando mudaram para outro lado do rio Auaris, cada pai de família construiu sua casa separada e já se observa que havia repartições internas onde a filha casada ou genro ficavam com os filhos.

No início do ano 2000, com aumento do poder aquisitivo, algumas pessoas começaram a comprar as telhas de alumínio por razões de falta de palhas e a durabilidade de material. Atualmente as casas Ye'kuana são, em sua maioria, cobertas com a telha de alumínio e o que tudo indica, as mudanças sociais e

econômicas ao longo do tempo foram determinantes, muitas das vezes, este material é comprado em Manaus, fato que aumenta muito o custo com o frete e as despesas para transportar até a aldeia. Para efeito comparativo sobre o custo para a aquisição de telhas, sabe-se que um frete de avião está, aproximadamente, R\$ 6.000,00 reais e, mesmo assim, as pessoas compram.

Figura 21 Imagem atual das casas dos Ye'kuana



Foto: Castro Costa, 2016

Nas casas construídas hoje em dia, cada casal tem seu quarto, ou seja, tem privacidade, diferente de outros tempos (Figura 21). Ao lado da casa coberta de telha de alumínio geralmente há uma casa menor coberta por palha, onde fica a fogueira, local onde se prepara a comida e onde mora a pessoa mais idosa da família, porque essas pessoas são acostumadas sempre aquecer com fogueira, principalmente durante a noite. Em décadas passadas era impossível de aquisição de telhas de alumínio, uma vez que eram consideradas muito caras.

Outra coisa importante a ressaltar é que, atualmente, a ättä nas comunidades Ye'kuana não é habitada por ninguém, e esse espaço é usado para reuniões, festas e um lugar onde todas as a noite os homens se reúnem para dar informações do dia a dia da comunidade e repassar as notícias do dia que chegam

pela radiofonia, este espaço chama-se Anna em linguagem Ye'kuana.

#### 3.1.1.4 Manifestações culturais

Os Ye'kuana realizam três tipos de festas comemorativas: äuddajä edeemi'jödö, ättä ou mma edeemi'jödö e ma'ji edeemi'jödö, sendo estas as principais festas. Recentemente os Ye'kuana começaram a comemorar a festa de embelezamento das meninas que em décadas anteriores comemoravam de forma coletiva, isto é, faziam a festa com a participação só dos parentes próximos. Atualmente, toda comunidade participa. Isso mostra que a cultura ela é dinâmica.

Figura 22 Imagem da festa de äuddajä edeemi'jödö



Foto: Jandyra Dominoni, 1992

Äuddajä edeemi'jödö comemora-se a encerramento do trabalho na roça e pode durar até dois dias; os homens chegam à comunidade tocando momi iji'jä e com os machados na mão (Figura 22).

A festa comemorativa de äuddajä edeemi'jödö tem como objetivo dar saúde

para as novas plantações (ewankä'näjöödö); para chamar a alma da mandioca (ädeejä), no centro da casa estão colocadas as manivas, as Mada (as plantas são variáveis, não comestíveis, utilizados em rituais em várias maneiras) e o kawiiyojo (pó de folha de planta kawiiyojo, utilizado para ingredientes bebida tradicional).

Os cantos que narram como os personagens trouxeram a mandioca (ädeejä) para o mundo dos Ye'kuana, com o Monte Roraima, Serra Marauhaca e as histórias das primeiras roças feitas: Wanaatu fez Faduuwaka (roça) e o Fudumainhadi fez Wanoodi (roça), então, ädeemi eyaajä conta, através do canto, todos os acontecimentos com ädeejä, como chegou, onde passou, quem foi buscar, quem plantou, quem cuidou, etc. Durante essa festa a bebida tradicional não pode faltar, assim, a "yadaaki" é oferecida pelas mulheres. Durante essa festa os Ye'kuana são proibidos de ter relações sexuais.

Figura 23 Imagem de madeira pintada para a construção de casa



Foto: Castro Costa, 2016

Ättä ou mma edeemi'jödö é uma festa onde se comemora a finalização da construção de uma casa. A construção de uma ättä ou mma tem etapas para cumprir:

- a) Escolha do local de construção da casa;

- b) Quando colocam as madeiras de sustentação da casa colocam-se as plantas (mada) dentro de um buraco onde vai ser colocada a madeira. Essas madeiras são pintadas (Figura 23).

Figura 24 Imagem da festa de inauguração casa nova



Foto: Jandyra Dominoni, 1994

- c) Durante construção as mulheres (kodokodomadi) vão caçar minhoca; quando elas chegam, passam argila branca nos rostos das pessoas anfitriãs e, em seguida os homens preparam para enfrentar as kodokodomadi. As mulheres lutam contra um homem, quando o homem é derrubado de barriga para cima coloca argila com água na boca; nesta hora outro homem o substitui e assim sucessivamente;
- d) Quando conclui a cobertura da casa e a parede com barro, fazem a cerimonia de *odo'shankomo enno'jadö* (mandar ir embora satanás); começam ao anoitecer e termina por volta de quatro horas de madrugada. Este ritual tem como objetivo pedir aos donos da terra autorização para morar, para que os futuros moradores não sofram algum tipo de malefício. Pede-se, também, ao Sol para vigiar bem os moradores da nova casa;
- e) Depois que terminam a *odo'shankomo enno'jadö*, de manhã inicia-se *ättä* ou

mma edeemi'jödö, com o canto de achudi eyaajä (Figura 24).

Os cantos relembram como Wanaadi construiu a primeira casa, o Kushamaadi (casa retangular); os irmãos Yudeeke e Shimaanamä construíram a Waata'jödö que tem um formato cônico, e Uduujede construiu Wayantajö em formato retangular.

Figura 25 Imagem construção de uma ättä



Foto: Castro Costa, 2016

A comunidade Fuduwaaduinha está construindo uma casa redonda ättä (Figura 25), pois desde anos de 1990 não tinham a casa redonda. Hoje em dia a casa é usada para as reuniões e festas, mas ninguém mora nela, diferente do que ocorria em décadas anteriores, e essas mudanças ocorreram após o contato com a sociedade envolvente. Porém, os Ye'kuana da região de Auaris mantêm sua cultura tão viva e isso deve ser bem reforçado.

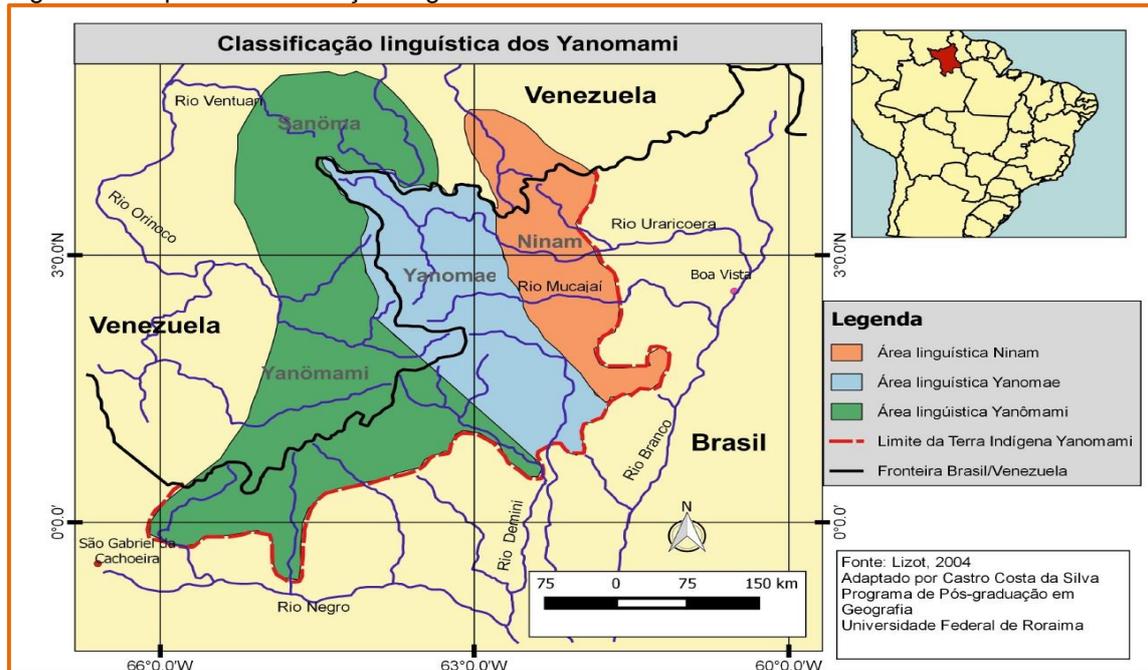
### 3.1.2 Sanumã

Os Yanomami são originários habitantes da serra do Parima. De acordo com Ramos (1990, p. 25), “os Yanomami têm se espreado ao longo dos séculos até



foram atacados por Xirixana no médio rio Uraricoera, na Wajau antadõnha (ilha do Açaí), onde mataram um homem, foram levadas várias moças e saquearam seus pertences. Atualmente, este grupo autodenomina-se como Xirixana, uma vez que os Ye'kuana deram o nome a partir deste tempo, chamando os outros subgrupos Yanomami como shidishana, é uma hipótese.

Figura 27 Mapa de classificação linguística dos Yanomami



Fonte: Lizot, 2004, editado por Castro Costa, 2017

Segundo levantamento de Jabur (2014), os Yanomami estão divididos em seis grupos que habitam o território (tabela 01).

Tabela 1 Subgrupo Yanomami-etnônimos por região

Subgrupo Yanomami – Etnônimos	Regiões geográficas
<i>Ninam</i> ( <i>Xiriana, Xirixana</i> )	Ericó, Baixo Mucajaí, Alto Mucajaí, Palimiu
Yanomae	Surucucu, Demini, Toototopi, Arathau, Parahuri, Hakoma, Missão Catrimani, Homoxi, Xitei, Haxiu, Waputha, Novo Demini, Kataroa
<i>Yanomama</i>	Papiu, Kayanau, Catrimani I
Yawaripë	Ajarani e Serra da Estrutura (grupo em isolamento voluntário)
<i>Waika</i>	Apiau e Baixo Catrimani
Sanuma	Auaris, Cachoeira Tucuxim e Parafuri

Fonte: Jabur, 2014

Para Carvalho (2015), o que se denomina, hoje, de povo Yanomami foi uma construção e apropriação de uma designação étnica que se baseou na ideia de homogeneidade e autoafirmação de vários grupos étnicos frente a sociedade envolvente. Assim, o termo Yanomami é um etnônimo produzido pelas transcrições e pronúncias da expressão *yanomami thëpë*. Atualmente estes povos são conhecidos como Yanomami pela sociedade não indígena, denominação que é usada, também, para a terra demarcada e homologada, a Terra Indígena Yanomami.

Os Sanumã são um dos subgrupos dos Yanomami e habitam numa região mais setentrional do território Yanomami, nos rios Auaris (no Brasil), Ventuari, Erebató e Caura na Venezuela, onde compartilham o território com os Ye'kuana (JABUR, 2014). De acordo com Ramos (1990), eles se autodenominam como *sanima dïbï* (*sanima*, “gente”; *dïbï* “plural, mais de dois”).

De acordo com Ramos (1990, p.26) “os Sanumã escolhem os locais de residência em terreno alto, longe dos grandes rios, o que torna, as vezes, a mais de 45 graus de declividade”. Como moradores de altos terrenos, eles não têm a cultura de navegar pelos rios e percebem o rio Auaris como uma grande expansão líquida, principalmente para aqueles que residem longe dele e estão acostumados a igarapés que conseguem atravessar sobre os troncos caídos.

Na época da pesquisa de Alcida Ramos e Kenndy Taylor no fim dos anos 1960 e início de década de 1970, ainda era bem inicial o contato com os não-indígenas em Auaris e, também, haviam poucas comunidades. Esses pesquisadores conseguiram fazer um levantamento da população Sanumã nesta época (Tabela 2).

Tabela 2 população Sanumã em 1968 a 1970

<b>Comunidade</b>	<b>População</b>
Mosonawa	40
Kalioko	42
Sabuli	28
Lalawa	48
Kadimami	52
Sogosi	41
Mamagula	33
Total	284

Fonte: Ramos, 1990

Quando foi realizado este levantamento as duas comunidades não estavam

localizadas no Brasil, as comunidades de Mamagula e Azagozi. No espaço-temporal entre 1970 até dias de hoje, Auaris mudou muito em vários aspectos, como aumento da população, quanto no social e econômico.

Os Sanumã sofreram muito com a invasão garimpeira na década de 1980 e prosseguiu por epidemias de malária levada por garimpeiros para região de Auaris. A doença atingiu não só Sanumã, mas também seus vizinhos Ye'kuana. Ramos (1991) relata a situação de uma comunidade Sanumã, a Kadimani, onde o índice de casos de malária ultrapassava o total de moradores: foram registrados 151 casos em população de aldeia que era de 133 pessoas, com um porcentual de 114%. Outras comunidades também foram afetadas pela malária. Destaca-se o caso da comunidade Kadimani por ela estar localizada em meio ao trânsito de garimpeiros que vinham do garimpo Ximara Woche, em busca de alimentos com Sanumã e os Ye'kuana.

No dia 27 de março, chegou a primeira leva de doentes numa desoladora fila indiana de gente desnutrida, amparada em bastões ou nas costas dos mais fortes, arrastando-se até a casa onde se instalara a equipe de saúde. A semana que se seguiu foi pautada pelo trabalho frenético de atender a todos, dia e noite, ao mesmo tempo em que nos desdobrávamos para conseguir alimentar toda aquela gente com os limitados recursos que adquiríamos dos habitantes de Auaris. Foi necessário trazer gêneros alimentícios de Boa Vista para fazer frente a demanda de 133 pessoas famintas e desnutridas (RAMOS, 1991, p.11)

Na região de Auaris levou-se uma década para controlar essa doença e isso só foi possível quando assume URIHI-SAÚDE YANOMAMI, a partir do ano 2000, que passou a atuar em toda a Terra Indígena Yanomami. A partir desse atendimento, a mortalidade entre os Sanumã diminui e, conseqüentemente, observa-se um aumento da população na região. Atualmente a população Sanumã é de 2.925, divididos em 46 comunidades (SESAI, 2015).

O atendimento de saúde junto aos povos Yanomami e Ye'kuana melhorou consideravelmente, principalmente no combate à malária; atualmente tem poucos registros de morte por malária na área indígena, porém muito ainda precisa ser realizado no que se refere ao atendimento à saúde desses povos. Importante destacar que o aumento populacional não é decorrente apenas das melhorias na saúde e redução da mortalidade, mas tem como uma de suas causas o processo migratório com chegada de novos moradores para a região.

Aos poucos alguns Sanumã foram inseridos no mercado de trabalho

renumerado, principalmente na área de saúde e educação. Na área de saúde estão os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e alguns estão cidade como interpretes na Casa de Saúde Indígena (CASAI). Na área da educação estão os professores seletivados (processo de contratação temporária pelo Governo do Estado de Roraima) que atuam nas escolas estaduais. Outra fonte de emprego e renda é o quartel 5º PEF, onde alguns Sanumã trabalham. No ano de 2015 foram dispensados 4, em ano 2016 foram alistados 4.

### 3.1.2.1. Cerimonias realizadas pelos Sanumã

Entre as cerimonias realizadas pelos Yanomami, a mais importante é a homenagem ao morto, e com os Sanumã não é diferente. Em Auaris é comum este tipo de cerimônia. Quando morre um Sanumã quase toda comunidade participa do choro, principalmente os parentes próximos. Como assinala Guimarães (2010), as mulheres reúnem-se na casa do morto, chora em louvor a ele e lamenta a falta que ele faz. As mulheres relacionadas ao morto correm pelas casas com seus pertences, cantando em tom de lamúria: “*Piza wai, piza wai, uuu. Iba de iba de. Piza wei, piza wei, uuu*” (Meu filho, meu filho, o meu, o meu, meu filho, meu filho).

Depois dessa fase o corpo é cremado e os ossos são guardados pelos parentes próximos. A família do morto será responsável pelas atividades, como caçada e cerimonia do morto. Como morador de Auaris foi possível presenciar algumas dessas cerimonias. A festa começa antes dos caçadores saírem e todas as noites têm ensaio, ainda sem presença dos convidados. Um dia antes de ir para caçada, tem festa e caxiri (bebida tradicional). O grupo de caçadores vai permanecer, pelo menos, uma semana caçando na mata. No dia da chegada dos caçadores os convidados estão presentes que, neste momento, reúnem-se com os aliados. Neste sentido:

O tratamento cerimonial do morto supõe a convivência com outros, o reforço de alianças e a interação entre aldeias. Além da celebração do morto, o termo *sabonomo* enfatiza a necessidade de se reunir ou estar com outros, num excesso de convivência prolongada. Nesses momentos de intensa convivialidade, visitantes e anfitriões trocam muito – bens, informações e relações sexuais/matrimoniais (GUIMARÃES, 2010, p.115).

Os rituais de cremação são muito fortes em Auarís, os Sanumã mantêm sua

cultura bem viva. Toda vez que alguém morre são realizados os rituais, convidando as comunidades para compartilhar a festa.

### 3.1.2.2. Produção de alimento

Os Sanumã são bons coletores e caçadores com muitas habilidades. Eles conseguem subir nas árvores altas para coletar frutas, tiram o mel do meio do tronco de uma árvore sem precisar derrubar, além de flechar com precisão um alvo. Também são agricultores. Segundo Ramos (1980) os Sanumã cultivam a mandioca brava como seu alimento básico; além de mandioca plantam inúmeras variedades de banana, cana-de-açúcar, abacaxi, pupunha e mamão. Para esta autora, as roças dos Ye'kuana (ou Maiongong) são maiores e mais sortidas que as dos Sanumã, fato que pode estar associado há mais tempo na tradição de cultivar.

Depois do contato com outros povos, entre eles os Ye'kuana, e do fim das hostilidades, os Sanumã adquiriram conhecimento técnico e passaram a produzir objetos para processar a mandioca, transformando em beiju e chibé. Isso resultou que a dieta Sanumã diferenciasse dos demais subgrupos Yanomami, tornando-se mais parecida com a dieta dos Ye'kuana. Assim, “os Sanumã produzem e consomem uma mistura de pimentas secas que recebe o nome de jiquitaia, um produto tipicamente Caribe, o que não é comum em outros subgrupos Yanomami, com exceção dos Ninam” (JABUR, 2014, p, 58).

A caça é principal atividade do homem Sanumã, que é responsável por trazer a carne para a família ou para toda a comunidade se for uma caça maior quando é repartida para todas as famílias da comunidade. Dentre as caças, as mais apreciadas são: anta, porco do mato, paca, várias espécies de macacos, caititu e cobras. Mas, com a escassez de caça em Auaris, os Sanumã incluíram algumas que não faziam parte sua dieta, como a minhoca e minhocaçu.

### 3.1.2.3 Habitação

Na Terra Indígena Yanomami observa-se uma variação nas habitações de acordo com a região geográfica das comunidades. As comunidades que se encontram nas terras altas fazem suas moradias nas serras, longe dos rios; por outro lado, as comunidades que estão nas terras baixas, fazem suas casas sempre

próximas dos rios. Na década de 1970, quando Alcida Ramos fez sua pesquisa de campo junto aos Sanumã, descreve que estes escolhem os terrenos altos e, realmente, nessa época algumas comunidades estavam nesses terrenos. Mas, com o tempo, aquelas comunidades se aproximaram dos rios, como é o caso da comunidade Kadimami que na década 1970 e 1980 estava longe do rio Auaris e, atualmente com o nome de Kululu, está localizada bem nas margens do rio Auaris.

A arquitetura das casas dos Sanumã é diferente dos demais subgrupos Yanomami (JABUR, 2014). Alcida Ramos e Kenneth Taylor descrevem que tiveram a impressão de que os seus vizinhos Ye'kuana teriam influenciados os Sanumã no que se refere à construção de suas casas em formato retangular com as paredes de ripas cobertas de palha, diferentes das casas dos outros subgrupos Yanomami, que são cônicas, fechadas do chão ao teto ou em formato de anel abertas no centro. Segundo Ramos (1990, p.44) “em 1968 na comunidade Lalawa, viu uma construção em forma de pentágono, com telhado em pirâmide já negro, assemelhando-se um pouco as malocas cônicas dos Yanomam”. Talvez seja a última casa em formato tradicional dos Sanumã, depois naquela ocasião nunca mais foi construída uma casa tradicional Yanomami.

Atualmente, a maioria das casas Sanumã é retangular, semelhantes aos Ye'kuana (Figura 28). Jabur, que trabalhou juntos Sanumã durante alguns anos, assinala:

As Sanumã são retangulares, dispostas de forma oval ou de maneira aleatória. A maioria possui paredes cobertas de barro, mas algumas são construídas apenas com ripas. Outras casas são abertas sem paredes. Em geral, são cobertas de palha de ubim ou bacaba e poucas casas são cobertas com telhas de alumínio (JABUR, 2014, p.52).

Figura 28 Casa da família Sanumã



Foto: Castro Costa, 2016

Figura 29 Imagem de casa Sanumã coberta com telha de zinco



Fonte: Jabur, 2007

Hoje as comunidades indígenas de Auaris enfrentam sérios problemas, entre eles a falta de material para construir as casas, pois “as palhas” estão acabando. Por isso, algumas famílias Sanumã buscam alternativas, adquirindo a telha de alumínio (Figura 29); algumas famílias conseguem no quartel ou com os missionários, pois este material muito caro, além de não tem como transportar até Auaris.

Hoje em dia, as casas dos Sanumã, não são mais coletivas e sim, familiares. Sobre as habitações coletivas, Ramos (1990, p.46) assinala:

Cada construção pode conter de um a seis compartimentos familiares, marcados pela fogueira central em torno da qual são armadas as redes. Se a família é grande, os quatro lados em volta não são suficientes, criando-se então duas ou mais camadas de redes para acomodar filhos, genros, netos e, de vez em quando, hóspedes. Essa não é aleatória. Num compartimento muito cheio, os maridos têm a rede acima das mulheres. Se for uma família poligênica, o marido fica acima da mulher mais nova. As mães dormem com os filhos de colo na mesma rede e as outras crianças penduram as suas acima da mãe ou diagonal sobre ela. As esposas de um mesmo homem dormem em lado opostos da fogueira e, evitação mútua. As redes mais baixas são quase sempre das mulheres, encarregadas de manter acesa a fogueira durante a noite. É característica a batida compassada do abano a intervalos regulares durante toda a noite vinda das várias fogueiras que esquentam as famílias. Às vezes, quando a fogueira está em baixa, o frio tira um dos homens da rede e o leva a atizar ele mesmo o fogo, aproveitando para, acorçado, ficar uns minutos aquecendo o corpo antes de voltar a dormir.

As casas Sanumã de hoje em dia tem as paredes de barro para evitar o frio, porém, todas as casas de famílias têm fogueiras que são utilizadas para esquentar o corpo durante a noite e, também, para preparar as comidas.

### 3.2 HISTÓRIA DE COMUNIDADES FUDUWAADUNHA E ASHIKAMA

As duas comunidades selecionadas para a pesquisa, Fuduwaadunha e Ashikama, possuem uma história em comum, além de ocuparem o mesmo espaço geográfico. Mas, são povos diferentes cultural e linguisticamente. Os pontos em que as histórias dos povos se encontram no tempo e no espaço são abordados a seguir, apontando as características e modo organização social e econômico de cada uma das comunidades.

### 3.2.1 Fuduwaadunha

Atualmente no Brasil temos três principais comunidades Ye'kuana Fuduwaadunha, Waikas e Kudatanha. Nas décadas de 1960 e 1970 existia apenas uma comunidade no Brasil e a maior parte da população Ye'kuana se encontrava no território venezuelano. Na década de 1980 a comunidade Fuduwaadunha se desmembra e sete famílias descem o rio Auaris e Uraricoera para fundarem a comunidade de Waikas, localizada no meio do rio Uraricoera. No final do ano de 2005, mais uma vez, a comunidade Fuduwaadunha foi desmembrada e cinco famílias desceram para o baixo rio Auaris, com a finalidade de escolher um local para a nova moradia, surgindo, assim, a comunidade Kudatanha ou Tukuxim. Então consideramos a comunidade Fuduwaadunha como “comunidade mãe” de todas as comunidades Ye'kuana que estão no Brasil.

Importante começar desde a gênese do povoado que chamamos hoje de comunidade Fuduwaadunha, seus habitantes e suas trajetórias. Os Ye'kuana viviam cada um com seu grupo de pessoas. Cada grupo tinha autonomia para decidir politicamente, como ocorre até hoje, isto é, cada comunidade é autônoma e a comunidade A não interfere na comunidade B. O senhor Pery, com seus 85 anos, desenhou com a ajuda dos professores da comunidade, a trajetória dos seus antepassados como seus avos e seus pais que foram o seu grupo. Com base nas informações fornecidas durante a entrevista é possível descrever o caminho por eles percorrido até a comunidade Fuduwaadunha. Os Ye'kuana vivem em vários grupos, formando as comunidades. Outros grupos ou comunidades têm outras histórias. Nosso estudo está focado com os Ye'kuana que vivem no Brasil, especificamente comunidade Fuduwaadunha.

Meus avos viviam em lugar chamado Jekudeinha, próximo a serra Wanäjödönha, no igarapé Wanä afluente esquerdo do rio Kuntanaama. Eles eram yujuduana. Meu pai chamava-se Kodoka e pai dele chamava Kodokaijä (pai do Kodoka). Depois foram para Metakuninha, onde o Sedeewakaijä nasceu, de lá mudaram para Ködhakunnha afluente direito do rio Auaris, quando eles estavam morando neste lugar foram atacados por shidishana (Sanumã) levando tudo seu pertence, assim decidiram a mudar para Kudaimadunha (igarapé de Kudaimadu) afluente direito do rio Auaris, por medo de nova ataque dos Shidishana, depois se mudaram para Wedeewedeinha (igarapé da Mosca) afluente de Wadakuunä, em Wedeewedeinha estavam próximos dos povos Makus. De Wedeewedeinha mudaram para o rio Merewari na Venezuela, localizado próximo igarapé Kiidi, até aqui estava sob a liderança de Kodokoijä, mas, quando meus pais estavam morando neste lugar meu avô, foi fazer uma viagem para povoado

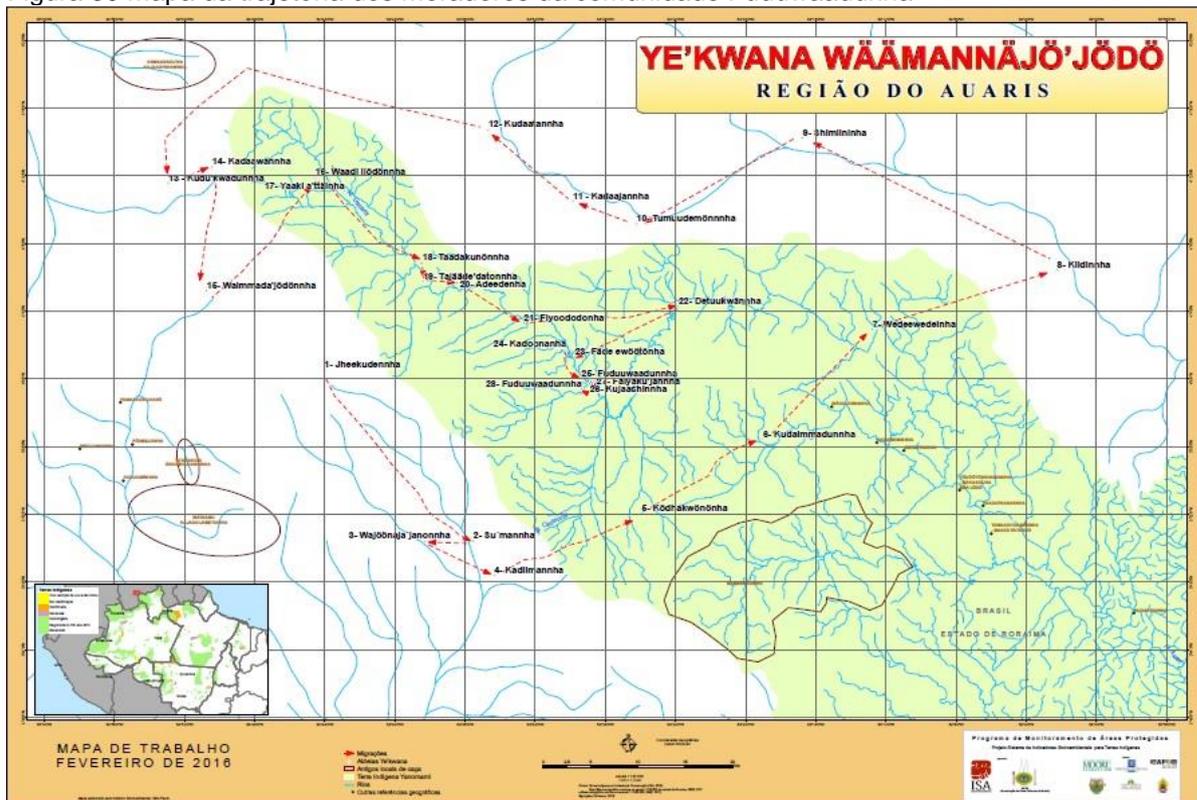
não indígenas no rio Orinoco, durante a viagem ele faleceu na região da cachoeira Salto Para. Com a morte *do meu avô assumiu como liderança do grupo foi o filho dele Sedeewakaijã*. Depois de morte meu avô “Kodokaijã”, foram para yujuduinha em Wä’sätäinha (rio Wäsätä) afluente do rio Ventuari, com o convite do senhor Kuyuuwi que era pai da mãe dos Albertino e do Chico. Eles não foram só uma vez, teve vários acampamentos ao longo da viagem. Primeiro Shimiinha, segundo Tumuudemönya, terceiro Kadajanha, quarto Kudatanha este ainda na região de Merewaadi. Finalmente alcançaram a região de Wäsätäinha lá que minha avó veio a falecer não sei muito bem o lugar exata porque não perguntei Wowe’jäyenö. Quando chegaram nessa região juntaram com o grupo de Wejji Umä, primeira comunidade nesta região foi Kudu’kwadunha, depois Kadawanha e depois Waimmada’jödönya. Lá não deram bem com ao grupo do Wejji Umä não queria que nosso grupo ou grupo do Sedeewakaijã morassem com eles, porque, Kawaichumä morreu por causa da mãe dele. Por isso eles mandaram de volta para cabeceira do rio Auarís chamado Waadijödönya, fizeram as roças com ajuda do pessoal do Wejji. Depois o Sedeewakaijã resolveu a descer o rio Auarís deixando para atrás a comunidade Waadijödönya, fizeram a comunidade Yaki A’täinha, depois desceram ainda mais na Taadakunönya e desceu mais um pouco na Tajäde’datonha, quando estávamos morando aqui meu pai faleceu ele foi fazer viagem em Fadiiminha lá ele morreu com kanaimä kanaadöje, desceram novamente mais para baixo desta vez em Adeedenha, deixaram novamente a comunidade desta vez mais longe em Detukwanha. Nossa liderança queria retornar para Ködhakuninha. Mas, o Sedeewakaijã morreu em Detukwa kanä, assim, não concretizou o plano dele para voltar Ködhakuninha. Com a morte de nossa liderança, assume edhaajä je Adaanawaijã. Adaanawaijã era muito amigo deles viveu como eles desde início do Sedeewakaijã. Adaanawaijã resolveu voltar, ou seja, subir do rio Auarís, trabalhamos muito para estas mudanças. Fizemos comunidade chamada Kadonanha. Nós éramos jovens na época, resolvermos não fazer as mudanças longas. Porque era muito trabalho. Adaanawaijã queriam voltar também para a região de Taka’me, lá que ele se criou. Ele mudou para Katadunha já pensando ir para Taka’meinha. Porém, nós não mudamos para Katadunha. Quando Adaanawaijã mudou para Katadunha, eu, Nery, Fadenaario seus filhos não mudaram com ele. Nós mudamos hoje onde está pista e fizemos nossas roças, segundo Nery era provisória depois íamos mudar para Katadunha. Outro motivo que levou desmembramento do grupo é as brigadas entre as famílias. Eu tinha roça na Täjudaja kanä lá às vezes passávamos dias e retornávamos para Kadonainha. Certo dia deparamos com ättä incendiada pelo grupo do Adaanawaijã, com isso nós fizemos comunidade onde está pista. Adaanawaijã estava com seu grupo na Katadunha e nosso grupo ficou liderado pelos Fadenario e Nery. Mas, o grupo do Adaanawaijã resolve retornar para rio Auarís fizeram suas casas na Dejooko Kanä “boca do Dejooko” assim, não concretizou o plano dele para voltar na região de Taka’me. Na época nem pensamos ou não imaginamos neste lugar ver o que hoje em Auarís

Pery Magalhães entrevistado em 10/08/2016.

A fala do seu Pery remete ao fato de que tudo está na trajetória do seu povo, e a gente fica imaginando que na época os Ye'kuana tinham muita mobilidade. O mapa, que espacializa essas mudanças, mostra que eles caminhavam longas distâncias e com muita paciência, obedecendo suas lideranças e, na verdade, a liderança tinha um poder junto ao seu grupo. Para periodizar esta trajetória fizemos

um trajeto aproximado junto com o professor Reinaldo Wadeyuna, partindo o nascimento do Sedeewakaijã: ele teria falecido com 1950 com 70 anos (Figura 30), assim, quando o grupo saiu da Ijekudeinha provavelmente dez anos antes do nascimento Sedeewakaijã, então era o ano de 1880, quando teria iniciado esta trajetória até onde, hoje, vivem os Ye'kuana no Brasil, chegando no ano de 1960 ao local onde está a pista pouso de Auaris, isso equivale a 80 anos de mobilidade do povo Ye'kuana no Brasil.

Figura 30 mapa da trajetória dos moradores da comunidade Fuduwaadunha



Fonte: ISA, 2016

Na entrevista o senhor Pery nos informou sobre o povo Ye'kuana, que reside atualmente no Brasil, e no final de sua fala mostra que nada foi planejado para viver naquele lugar, aconteceu por acaso, o plano era ir Takameinha, mas não aconteceu devido ao desentendimento entre as famílias.

### 3.2.2 Ashikama

O centro de origem do povo Sanumã está na região das nascentes do rio Orinoco e rio Parima. Os Sanumã tinham conflitos com outros grupos Yanomami que

eles denominam com shamathali ou kobali döbö. Com este conflito eles foram obrigados a deixar o seu território tradicional, fugindo para o norte até alcançar outros territórios indígenas. Como eles dizem:

Primeiro ponto de parada foi as margens do rio Saula u, afluente esquerdo do rio Padamo, na Venezuela. Os conflitos com os Shamathali continuaram forçando os Sanumã a se mudarem para a cabeceira do rio Ôkopi u. O estado de paz não durou muito e entraram em conflito com os Shikoi. Voltaram a fugir e foram para a cabeceira do rio Walopi u, onde entraram em guerra com os Yekwana e foram para a cabeceira do rio Mitiwali u, ou rio Caura, na região conhecida como Maamapi u, onde epidemias dizimaram grande parte da população Sanumã. Fugindo das doenças, foram então para as margens do rio Ashikama u ou rio Auaris, onde selaram uma aliança de paz com o povo Ye'kwana e onde permanecem até dias de hoje (ISA, 2016, p. 29).

O relato acima mostra a trajetória do povo Sanumã até se tornarem os atuais habitantes de Auaris. Percebe-se que não foi fácil chegar até o rio Auaris, enfrentaram vários obstáculos, conflitos com os subgrupos Yanomami, falta de alimento e principalmente a doença. De acordo com mais velhos, como o senhor Paulo Ilo, os Sanumã morreram muito por causa de doenças nessa época. No relato acima como eles denominam região de Maamapi u, nesta região eles pegaram uma epidemia e resolveram voltar para região de Ashikama u. Assim, teriam fundados suas comunidades ao longo do rio (Figura 31).

Figura 31 Mapa de trajetória dos moradores comunidade Ashikamau



Organizado por Castro Costa, 2017

De acordo com Ramos (1990), as comunidades Sanumã na década de 1970 eram sete: Sabuli, Mosanawo, Kalioko, Colonia, Lalawa, Katimami e Sogosi. Além dessas, havia na Venezuela mais duas aldeias que são Mamagula e Azagosi.

Atualmente a comunidade Ashima juntou-se a Mosanawo, Colônia, Azagosi, Mamagula e Lalawau. Na época em que Alcida Ramos fez sua pesquisa algumas comunidades ainda se encontravam na Venezuela, mas, hoje fazem parte da comunidade Ashikama.

Os grupos Sanumã que habitam a região de Auarís tiveram os primeiros contatos com os Ye'kuana muito antes da chegada o homem branco, e ocorreram hostilidades de ambos os lados. Passado este conflito, os contatos amistosos com os Sanumã trouxeram, pela primeira vez, um acesso regular às ferramentas de metal para produção de roças, principalmente terçados, machados e limas.

O contato com os Ye'kuana não só trouxe o material manufaturado, mas, também a cultura da mandioca nas suas roças, todo o processo de fazer beiju e farinha. Hoje esses produtos integram a dietas dos Sanumã de Auarís.

#### 4. ATIVIDADES E USOS DOS TERRITÓRIOS EM AUARÍS

Neste capítulo ressaltaremos a importância das atividades culturais realizadas nas comunidades Fuduwaadunha e Ashikamau. O calendário cultural é uma proposta teórico-metodológica que permite um levantamento das atividades desenvolvidas por uma comunidade indígena, relacionando-as a indicadores ambientais (animais, vegetais, astronômicos, climáticos) que servem de referência temporal para ocorrência das atividades. Através disso permitiu-se visualizar as formas de uso do espaço geográfico e das relações que se estabelecem entre o homem e a natureza nas comunidades indígenas Ashikamau e Fuduwaadunha. O calendário reflete a integração entre a sociedade e a natureza que caracteriza a sociedade indígena.

De acordo com Repetto e Carvalho (2015, p. 52) “a teoria de atividade nos orienta a compreender desenvolvimento humano e expressa em ações de transformação de natureza. Podemos pensar as ‘atividades humanas’ com categorias de análise para compreender este complexo processo de apropriação de mundo, por meio de delas se transforma a natureza e a cultura se manifesta”.

Com a base de esta teoria nós construímos o calendário sicionatural da comunidade Fuduwaadunha e da comunidade Ashikamau, porém este último, não foi construído o calendário gráfico e será apresentado apenas em tabela.

##### 4. 1 CALENDÁRIO SOCIONATURAL DA COMUNIDADE FUDUWAADUNHA

- No mês de **janeiro** (verão) é tempo de pescaria com timbó aproveitando que os igarapés estão secos; nesta atividade os homens e meninos vão buscar o timbó tipo cipó no mato, enquanto as mulheres e as meninas trabalham com timbó cultivado que estão na roça ou nos quintais da comunidade. As famílias caçam durante a noite (paca, o veado e anta). Na madrugada muitos pais de família saem para caçar mutum, pois nesta época começa o canto do mutum na região e jacu, bem como de outras aves. Aproveitando as férias escolares, muitos pais de famílias saem para caçadas longas, em de média de 10 a 15 dias. No conhecimento indígena dos moradores da região, este mês é época de algumas constelações ou estrelas como plêiades e escorpião; doenças aparecem como furúnculos, abscessos, tumores, terçol, febres entre outras

doenças. Outro conhecimento indígena nessa época é que as aves estão com ovos na barriga. Época de canto de cigarras. O clima é muito frio durante o dia e a noite também faz frio. Durante a construção calendário cultural, os convidados citam duas estrelas, as plêiades e o escorpião como indicadores astronômicos.

- No mês **fevereiro** (verão) as famílias começam a queimar suas roças e esta atividade é realizada tanto por homens quanto por mulheres. Continua a pescaria com timbó e caçadas durante a noite e caçando mutum, porque continua cantando, e outras aves. Nessa época os igarapés secam totalmente quando a estiagem é muito forte. Nesse período começa a floração de bacaba na região. Para indicador animal temos o fato de que as aves terem os ninhos e as lagartas comestíveis *Masoiya* estão em larvas, também é a época de a anta estar no rio. O clima muito quente no período do dia e a noite é frio. Época de verão e muito sol.
- No mês de **março** (verão), é a época que começam a tirar as mudas de banana, manivas e outras que serão plantadas nas roças novas. Tirar as manivas é atividade das mulheres, mas, os homens podem ajudar a carregar para a roça. Para tirar a muda da banana as atividades são compartilhadas entre homens e mulheres. Antes de iniciar o trabalho na roça nova o (a) sábio (a) achudi eyaajã faz um ritual para espantar os espíritos ruins que podem prejudicar a plantação e precisam pedir autorização dos donos de lugar (em língua Ye'kuana ewansokaadö). No dia seguinte, pode ser realizada a atividade na roça, vai depender se os donos querem convidar a comunidade para participar da atividade de auddajä shakaichadö (fazer buraco no solo) e aichädö (colocar a muda de maniva no buraco) ou não. Se o dono da roça decidir convidar ele precisa caçar dias antes. O homem convida os homens da comunidade e a mulher convida as mulheres. Quando a comunidade é convidada, todos participam adultos, jovens e as crianças de ambos os sexos. As mulheres levam Yadaaki (bebida tradicional fermentada), exceto as mulheres que estão menstruadas. Para quem vai construir a casa é época escolher as madeiras para construção. O clima é muito quente durante o dia e quando chega a noite, esfria. Época de canto de vários tipos de rãs na região, os moradores caçam estes animais; os nomes em Ye'kuana são: *komjakä*, *kudaadai*, *wadeeke*, *wa'wa*, *shinhaawe* e *fu'juku*, os peixes botam seus ovos

que não sobrevivem por causa da seca e as formigas comem os ovos. Época de floração de frutas comestíveis como Wöda, sadajui, waju'näämä, kudikudi, wakaadu e odoi. Para comer pela primeira vez de o ano dever se töyachuuma (canto de cura): as rãs, as largadas e frutas.

- Mães **abril** é o tempo de começar a construção de casa como ättä, início da primeira colheita das roças novas, onde participa toda a comunidade; os homens caçam ou pescam com timbó e as mulheres e as crianças vão para roça. Outra atividade realizada é caçar, com os cachorros, o veado e a anta, porque já começa a chover e depois da chuva facilita seguir rastejo do animal. Segundo o conhecimento indígena, as primeiras goteiras da chuva trazem sujeira e vários tipos de doenças, por esse motivo não pode ficar na chuva para não adoecer. Neste mês as frutas estão maduras. Último mês de canto do mutum, os filhotes das aves começam a voar e a época de desova das rãs, é a época de piracema na região. O clima neste momento é marcado com o início da chuva, que em Ye'kuana chamamos de eddu.
- No mês **maio** ainda são realizadas as atividades de construção de casas, é a época de caçadas com os cachorros. Ainda são realizadas as atividades de colheitas das roças novas. Nessa época os igarapés estão cheios com água muito barrenta e suja. Para as mulheres, nessa época, as plantas daninhas na roça crescem rápidas e dá mais trabalho, além da chuva que prejudica os trabalhos na roça. Indicadores vegetais nessa época referem-se a ter as frutas de shakuudu, täjö'seemö, wadaatani, ma'wiyu, änkutu, kuweedu para as aves. Os filhotes de aves ainda continuam a voar e é época de os cupins voarem, saúva e sedi. Tempo de muita chuva e as enchentes.
- Mês de **junho** marca o início das atividades de fazer roças de capoeira. Os igarapés para consumo continuam cheios e barrentos (sujos). Acontece, também, a renovação de folhas de algumas árvores nativas, como por exemplo, o dejoko. Dejoko é uma árvore de mata ciliar da região. Nessa época temos o canto de filhotes de passarinho adeedei. Os Ye'kuana chamam de se'sekaadö. Este mês, também, é o início da época de minhocaçus, quando chove os minhocaçus aparecem. O clima na região é de muita chuva, chamado Konoojo annadö.
- No mês de **julho** ainda temos a atividade de fazer roça, caçar quando não chove; neste mês os igarapés ficam cheios e muito sujos, aparecem as

doenças como diarreia. As árvores que renovam as folhas, ficam sem folhas e a mais comum é a dejoko. Época de minhocaçu que aparecerem muito quando chove. Nessa época, as pessoas caçam muito o minhocaçu, tanto os moradores da comunidade Ashikamau quanto de Fuduwaadunha. O besouro, que na língua Ye'kuana chamam de Dakäänä, corta os galhos das árvores. No conhecimento indígena o Dakäänä é muito importante, pois ele dá o sinal de que é a hora de fazer roças e para os indígenas Ye'kuana ele está fazendo roça dele. Não pode fazer roça em mata virgem antes de Dakäänä, é preciso esperar, se fizer antes os trabalhadores podem acidentar. Por isso é importante este conhecimento que deve passar para a nova geração. É um mês de muita chuva e os rios ficam bastante cheios, tornam muito difícil pescar nessa época.

- O mês de **agosto** é quando os pais de famílias escolhem o lugar para fazer roças, desta vez as roças serão feitas nas matas virgens. Os rios continuam cheios e sujos, água barrenta. Época de floração de árvores como ajiicha; quando está árvore fica com flor, anuncia que terá muitos trovões e raios. Outras árvores também florescem, como kuyuwiyu e emmadi. Neste mês os minhocaçus ficam em período fértil. O clima fica variável, a chuva começa a diminuir, mas, também acontece enchente de dejoko, que os Ye'kuana chamam de dejoko na'jödö e neste mesmo mês, também pode dar ensolarada chamada Waija wakuunadö e os rios começam a baixar.
- No mês de **setembro** as atividades acontecem como: fazer roças de mata primária, caçar com o cachorro; não chove muita nessa época e ocorrem as pescarias com timbó porque os igarapés baixaram e, também, pescaria com o anzol. Agora as frutas de árvores como emmadi e kuyuwiyu<sup>6</sup> estão maduras. Muitos passarinhos comem estas frutas, nessa época as pessoas caçam os passarinhos com sarabatana. Neste mês não tem indicador animal. O clima agora se apresenta com pouca chuva e o nível dos rios baixa.
- No mês de **outubro** ainda é tempo de fazer roças em matas primárias e caçar com os cachorros. Época em que as folhas das árvores estão renovadas. O tempo de renovação de cascas de cigarras e início do canto do mutum. Neste mês, também, tem verão de Wejuujä weyuudu ou weyuunawä (wejuujä é um

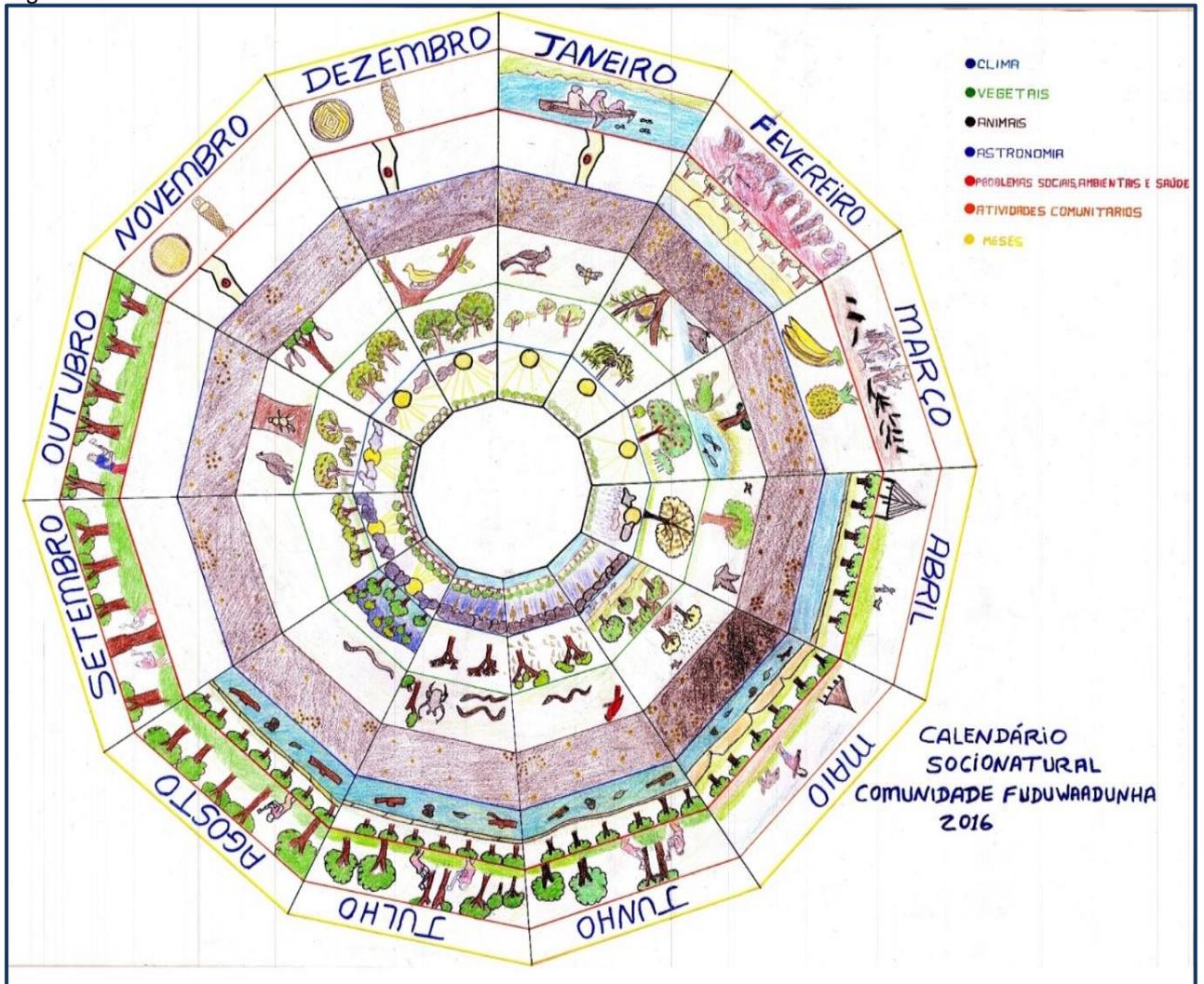
---

<sup>6</sup> São matas nativas, as frutas desta árvore, as aves e os passarinhos comem.

tipo cipó que fica próximo aos rios), para os povos ijuuduwaana, habitantes das nascentes dos rios, e para os povos aneinhankomo Dana weyuudu (jenipapo) para os povos que habitam nos grandes rios.

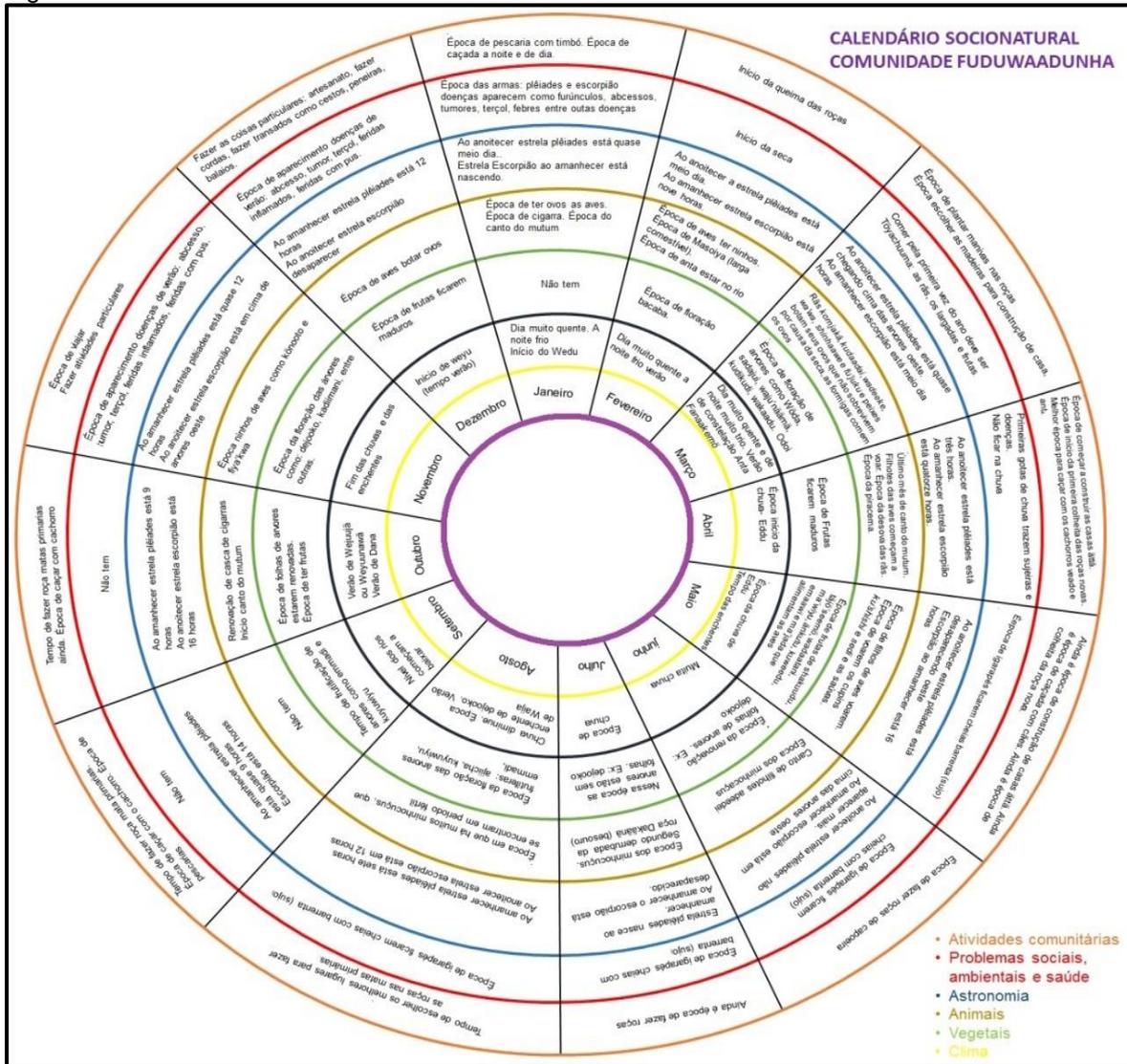
- Em **novembro** os moradores da comunidade Fuduwaadunha fazem as viagens para outras comunidades visitando os seus parentes no Brasil e na Venezuela. Tem as festas de roças auddajä edeemi'jödö ou toki. Época de fazer atividades particulares. Segundo o conhecimento indígena, nessa época aparecem as doenças de verão como: abcesso, tumor, terçol, feridas inflamadas, feridas com pus, são efeito de início de verão. Época de floração das árvores dejooko, kadiimani e entre outras. Época de japim fazer seus ninhos. Fim das chuvas e das enchentes na região de Auarís.
- No mês de **dezembro**, são feitas atividades particulares como artesanato, cordas, cestos, peneiras e balaies. Os efeitos do verão ou doenças de verão: abcesso, tumor, terçol, feridas inflamadas, feridas com pus; para evitar estas doenças o indivíduo deve levantar da sua rede bem cedo. As frutas de dejooko e kadiimani estão maduras. Época de início das aves chocarem os ovos. Início do verão que na língua indígena é Weyu. Foi desenhado calendário socionatural da comunidade Fuduwaadunha (figura 32) e calendário gráfico socionatural de comunidade Fuduwaadunha (figura 33).

Figura 32 Calendário Socionatural da comunidade Fuduwaadunha



Desenho: Castro e Sandro, 2017

Figura 33 Gráfico de calendário socionatural da comunidade Fuduwaadunha



Organizado por Castro Costa, 2017

## 4.2 CALENDÁRIO SOCIONATURAL DA COMUNIDADE ASHIKAMAU

- No mês de **janeiro** ocorrem as atividades como queimadas de roças, plantar, pescar com timbó e caçar animais como paca, mutum e veado. Época de ter frutas como pupunha e apia.
- Em **fevereiro** os animais cantam, como mutum e mutum marrom. Tempo de os rios secarem e pouca chuva. Neste mês continuam as atividades de janeiro: trabalhar na roça, caças e pescas. As frutas como pupunha e apia<sup>7</sup> continua e os cantos como mutum ainda estão presentes neste mês e são longos cantos. Tempo de seca em Auarís.
- Em **março** continua, ainda, as atividades anteriores como a queimada de roças, as atividades de caça e pesca; é o último mês de canto do mutum. Época de acasalamento das rãs. Último mês de seca.
- O mês **abril** tem como atividades a construção de casas, caça e caçar rãs e de pesca. Época de ter frutas como o asamaro<sup>8</sup>, bacaba, sawara<sup>9</sup> e mashirimã<sup>10</sup>. Período de piracema e canto de rãs. Época de início de chuva.
- No mês de **maio** ainda é tempo de caça e pesca; neste mês começam a caçar minhocaçu, tempo de ter fruta monama<sup>11</sup>. Tempo de chuva.
- O mês de **junho** é tempo de caçar e pescar, sendo que estas atividades não podem faltar, se não fizer passa fome. Tempo de ter frutas de sawara e odoshi. Tempo de ter muito minhocaçu quando chove. Tempo de muita chuva e os rios muito cheios.
- Mês de **julho** é tempo de caçar e pescar com muita dificuldade, devido à chuva. Este mês não tem indicador vegetal. Tempo muita cobra e poucos animais aparecem. Época de muita chuva.
- O mês de **agosto** é tempo de caça e pesca com muita dificuldade e época que cobras aparecem; tempo de muita chuva.
- No mês de **setembro** as atividades realizadas são caça e pesca; neste mês a

<sup>7</sup> É uma mata nativa grande pode chegar de 30 a 40 metros de altura, a fruta comestível, os animais como paca, veado, anta e outros animais comem.

<sup>8</sup> Asamaro também planta nativa frutas são comestíveis ficam próximos dos rios, arvore pequena.

<sup>9</sup> Sawara arvore nativa fica na terra firme, são pelos apreciados pelos Sanumã.

<sup>10</sup> Mata nativa fica próxima dos rios e também pode ser entrada na terra firme, as frutas são comestíveis.

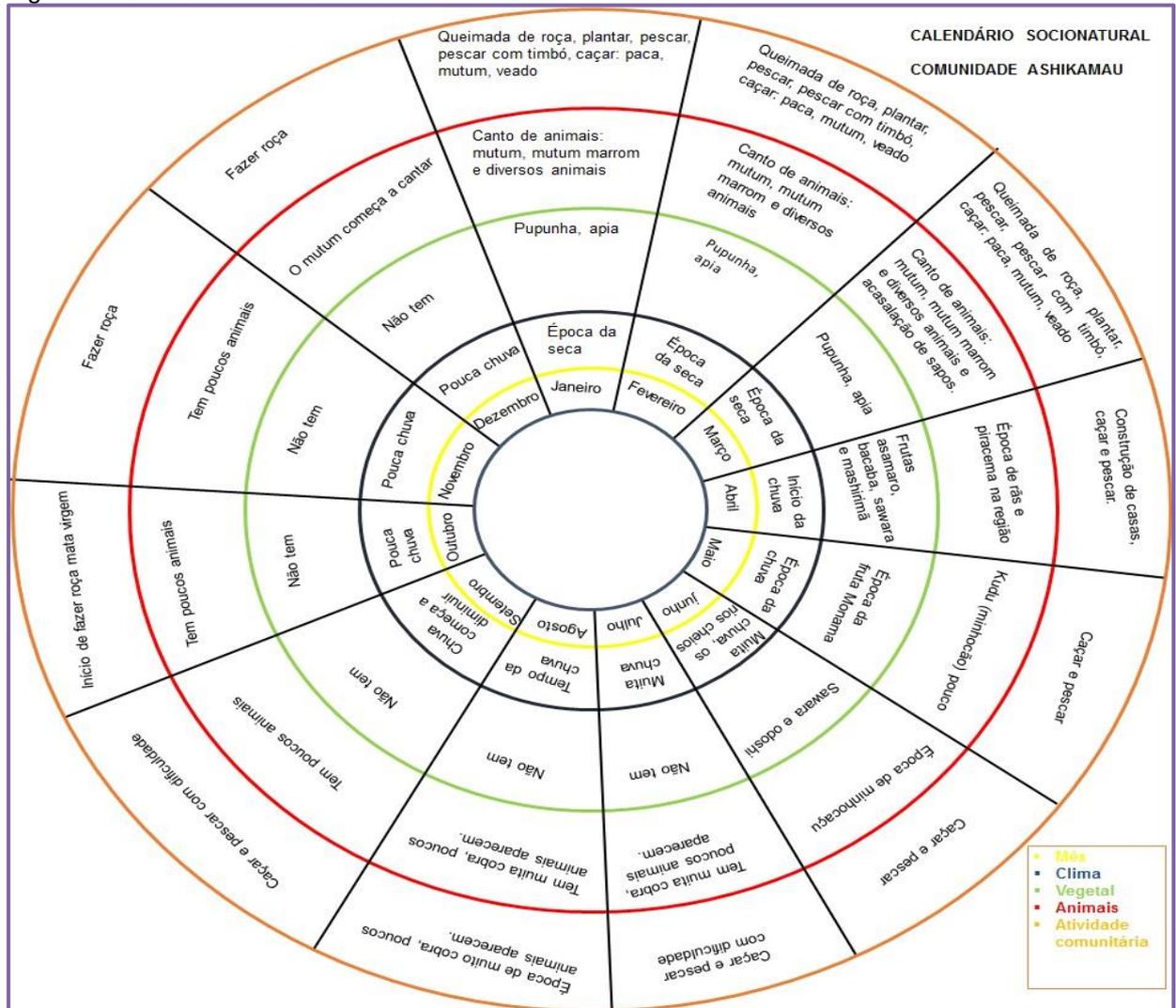
<sup>11</sup> Monama mata nativa, os moradores da região coletam muito as frutas são apreciadas em ambos os povos.

chuva começa a diminuir.

- No mês de **outubro** tem o início de fazer roças de mata virgem; não tem indicadores vegetal e animal. Tempo de pouca chuva.
- O mês **novembro** ainda é época de fazer roça e a chuva diminui.
- No mês de **dezembro** ainda é tempo de fazer roça, o mutum começa a cantar. Tempo de começo de seca.

Não foi possível desenhar calendário sacionatural da comunidade Ashikamau, devido ao tempo, mas, fizemos calendário em formato de gráfico (figura 33)

Figura 34 Gráfico do calendário sacionatural de comunidade Ashikamau



Organizado por Castro Costa, 2017

### 4.3 ESPAÇO DE PRODUÇÃO

Os povos habitantes da Amazônia são agricultores e a prática da agricultura é milenar; os conhecimentos foram adquiridos ao longo do tempo, passando para novas gerações e, muitas das vezes, foram repassados pelos contatos com outros povos vizinhos.

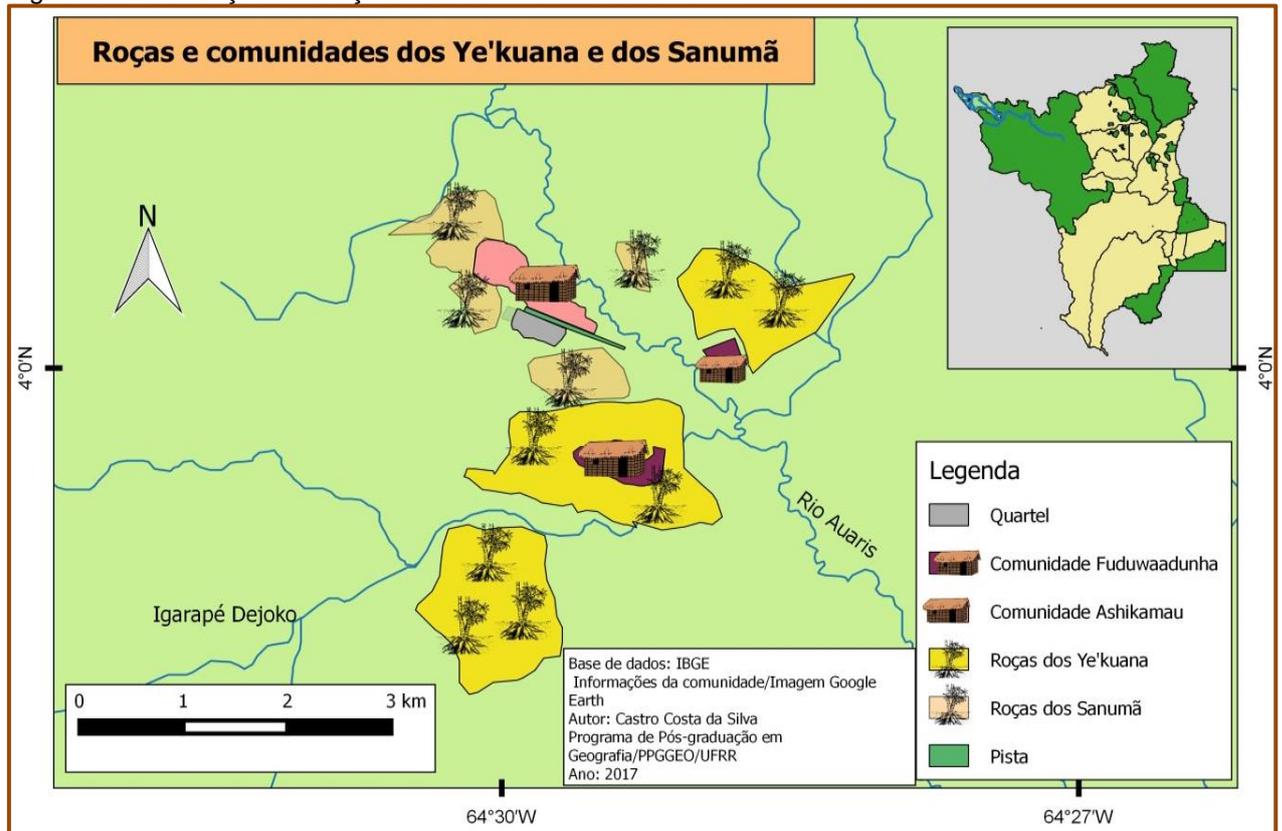
Os habitantes das comunidades Fuduwaadunha e Ashikamau fazem parte povo da Amazônia, são povos indígenas de etnias diferentes e os conhecimentos agrícolas também ocorreram em períodos diferentes. Atualmente compartilham mesmo espaço geográfico.

Provavelmente, os Ye'kuana têm mais tempo de atividades agrícolas, como afirmara Ramos (1980, p. 26) “as roças Maiongong são maiores e mais sortidas que os Sanumã. Este fato parece dever-se a uma tradição longa que tem os Maiongong no desempenho de atividade agrícolas”. Enquanto seus vizinhos Sanumã, provavelmente, tenham pouco tempo em que desenvolvem a atividade agrícola, porque este povo tem tradição de coletar e caçar, eles são caçadores em excelência.

Atualmente as duas comunidades, Fuduwaadunha dos Ye'kuana e Ashikamau dos Sanumã, tornaram-se sedentárias devido ao contato com o não indígena, o que mudou a forma de viver, os hábitos foram modificando. Com o tempo, os problemas começaram a aparecer. As comunidades ocupam-se naquele espaço geográfico desde anos 1950 e, com a construção da pista nos anos 1960, deu um ponto final na mobilidade das comunidades. Até hoje usam-se as mesmas áreas de roças várias vezes e algumas áreas de roças foram tomados pelas samambaias, contribuindo para a baixa fertilidade dos solos.

As áreas apropriadas para fazer roças estão cada vez mais afastadas das comunidades, o que dificulta a transporte do produto da roça para a comunidade (Figura 34). Aqui referimos uma distância de dois a três quilômetros, mas carregando um peso, em média de 50 quilos nas costas e, ainda, considerando as subidas, tornam-se longe, os moradores sofrem para transportar os produtos, porque as comunidades não contam com transporte animal ou de veículo.

Figura 35 Localização das roças dos Ye'kuana e dos Sanumã



Organizado por Castro Costa, 2017

As duas comunidades, na verdade, ficaram no meio das outras comunidades e estão rodeadas por todos os lados. Pelo rio poderia facilitar o transporte, mas, todos os lugares estão ocupados. As comunidades estão inseridas numa área montanhosa e isso dificulta expansão dos espaços para de fazer roças.

Ambas as comunidades produzem uma variedade de produtos sendo o mais comum: mandioca, milho, pimenta, batata-doce, abobora/jerimum, banana, inhame, cana de açúcar, cubiu, fa'da, cabaço. (Figura 35).

Figura 36 Imagem de uma roça Ye'kuana



Fonte: ISA, 2015

As comunidades indígenas Fuduwaadunha (Ye'kuana) e Ashikamau (Sanumã), atualmente enfrentam sérios problemas devido à centralização e sedentarização das pessoas e, por isso, estas comunidades usam várias vezes os mesmos lugares para fazer suas roças. Além disso, começaram a surgir as doenças e pragas que, hoje, atacam as plantas das roças das comunidades. De acordo com o Relatório da Consultoria no âmbito do Projeto Yanomami em 2012, realizado através do Instituto Socioambiental/ISA, identificou-se as doenças e tipos de pragas que atacam as roças dos Ye'kuana e dos Sanumã:

De acordo com Relatório produzido, pelo ISA (Pacheco 2012), as roças em ambas as etnias Sanumã e Ye'kuana, existem as doenças causado pelos fungos e as pragas como cochonilha, brocas das hastes de mandioca e da cana-de-açúcar.

Estes são os desafios que as comunidades indígenas em Auarís enfrentam, não só falta de solo fértil, mas, também, as doenças que surgiram ao longo do tempo, provavelmente com excesso de uso da terra mesmo lugar.

Com o diagnóstico socioambiental realizado pelo ISA (2016) na comunidade Fuduwaadunha, foram identificadas 67 roças de vinte mulheres donas de roças, que produzem alimentos para um total de 249 pessoas. Esta produção alimenta a população local e aqueles que estão na cidade, seja estudando, fazendo tratamento de saúde ou visitando um parente. Para a cidade são enviados produtos como beiju (feito à base de mandioca) e a farinha de mandioca.

Na comunidade Fuduwaadunha existem roças para produzir mandioca e roças para produzir bananas, estes lugares são utilizados de acordo com o solo. As roças para produção de bananas estão na Wakadu'jõnha (serra de Wakadu) onde o solo é bom para produzir, e a mandioca está nos locais mais próximos das casas.

Vamos abordar, aqui, a forma de trabalho nas roças de cada comunidade estudada, modo de produzir e os rituais da roça. Não vamos esquecer, também, que são povos diferentes culturalmente, na língua e modo de viver. Trata-se da explicitação de uma atividade, isto é, conhecer o passo a passo de sua realização para melhor compreender as relações que se estabelecem entre os homens e entre estes e o meio, incluindo os instrumentos ou ferramentas, as normas sociais, os rituais, a organização e divisão do trabalho, refletindo, dessa forma, as territorialidades constituídas pelos dois povos. A explicitação de uma atividade integra a proposta teórico-metodológica do calendário socionatural.

Primeiro vamos falar da comunidade Fuduwaadunha:

- a. Primeiramente as lideranças da comunidade se reúnem para marcar reunião com os pais de famílias, em data marcada convoca todos os pais de família para fazerem um levantamento; nessa reunião a liderança faz a pergunta: quem vai fazer roça? As pessoas se manifestam e aqueles que vão fazer roça devem dizer a quantidade. Na mesma reunião marcam a data do início dos trabalhos;
- b. Como foi feito a reunião anterior todos já sabem o início do trabalho e as pessoas se preparam para isso, as suas ferramentas de trabalho, as mulheres idosas preparam awaana (plantas para proteção), algumas mulheres fazem yadaaki (bebida tradicional);
- c. Os homens fazem auddajä chu'nä'tädö (demarcar o terreno) e plantam no meio da roça pretendida a woi e awaana (são as plantas para proteção);
- d. Chega o dia marcado: todos os homens são convocados. A primeira etapa é fazer a limpeza por baixo das árvores grandes, em todas as roças até terminar. Durante a limpeza as mulheres participam levando alimentação para os homens, como chibé e yadaaki. Durante o trabalho os donos da roça, homem e mulher, ficam como chefe, o homem fica responsável pelo trabalho dos homens e a mulher fica responsável trabalho das mulheres. Este trabalho de limpeza leva, em média, 7 a 10 dias dependendo quantidade das roças,

- depois é preciso dar uma pausa para as pessoas caçarem por uma semana;
- e. Durante essa pausa alguns homens preparam os cabos de machado;
  - f. Chega o dia da retomada do trabalho; na madrugada, por volta das 4 horas, os homens são convidados para comer annaka e a mulher é responsável do trabalho das mulheres e também responsável colocar pó de awaana nas cabeças dos homens; as 6 horas os homens partem para derrubada da roça, desta vez para derrubar as árvores grandes com o machado. Os responsáveis da roça convocam toda a comunidade para um almoço que acontece na roça que está sendo derrubada. Enquanto isso, os homens continuam trabalhando na derrubada das árvores e as mulheres servindo chibé e yadaaki. Quando são roças não muito grandes, fazem derrubadas, em média, de duas roças por dia depende quantidade dos trabalhadores, quanto mais gente, mais rápido;
  - g. Quando da última roça, os trabalhadores derrubadores de árvores deixam uma pequena parte para o dia seguinte;
  - h. Chega o último dia do trabalho. Derrubam a parte que foi deixada no dia anterior, por volta de oito horas já tudo está terminado. Agora se preparam para fazer momi iji'jä (casca de momi - momi é uma árvore de vegetação secundária encontrada nas roças velhas), momi iji'jä fazem como instrumento musical. A partir do momento que chegam à comunidade, iniciam o ritual de ädeaja, ou seja, festa de äudaajä edeemi'jödö, que dura três dias e três noites.
  - i. Os trabalhos de roça acontecem na comunidade Fuduwaadunha nos meses de setembro, outubro ou novembro, dependendo do planejamento da comunidade.
  - j. Aquelas árvores que não caíram na época de derrubada, dono da roça derrubam, esta atividade chama-se äuddajä ejöödökaadö.
  - k. A queimada das roças acontece nos meses de fevereiro ou março.
  - l. Coletar as mudas para plantar na nova roça, fica sob a responsabilidade das mulheres.
  - m. Depois da queimada acontece o ritual de mandar embora os maléficos que podem causar danos nas plantas, que na linguagem Ye'kuana é äuddajä ewansokaadö. Em todas as roças, os donos fazem o ritual;
  - n. Depois do ritual, fazem os trabalhos de plantio de todas as plantas cultivadas

- pelos Ye'kuana;
- o. Depois de semear a roça chega o momento de cuidar da roça para o mato não tomar conta;
  - p. Depois de 1 a 2 anos planeja-se para a primeira colheita; a dona da roça comunica ao seu marido ou mulher que não tem marido comunica para o seu irmão ou parente próximo. Durante a colheita os homens caçam e as mulheres ficam na roça. As mulheres Ye'kuana quando arrancam mandioca, já replantam de novo;
  - q. No dia seguinte os homens comem na casa comunal, as mulheres oferecem chibé doce, que os Ye'kuana chamam de kushi;

Estes são os procedimentos que os Ye'kuana fazem para produção de seu alimento, com muito cuidado, fazendo os rituais. Para as mulheres Ye'kuana, a roça é considerada a segunda casa delas, porque a maior parte do dia passa na roça. Para o Lima (2015, p. 39) existe a “noção de roça como área de cultivo e local de reprodução física e social, representada como material e imaterial”.

Para a comunidade Ashikamau dos Sanumã (subgrupo de yanomami) vamos abordar, aqui, como este povo trabalha no cultivo de subsistência. Como foi exposto anteriormente, os Sanumã cultivam quase as mesmas espécies que os Ye'kuana. Para Ramos (1980), os Sanumã cultivam várias variedades de banana que dão mais destaque, enquanto, os Maiongong (Ye'kuana) produzem tantas variedades de mandioca, provavelmente, a aquisição de mandioca por Sanumã veio através de contato com os Maiongong.

No relatório do Diagnóstico Socioambiental de Fuduwaadunha durante a reunião com os Sanumã, destacam a fala da liderança da comunidade Karonau Passarão:

Na comunidade Tápätatäuli, primeiro Xamathari, depois conheceram Ye'kwana, não conheciam canoa. Sanoma quebraram canoa e jogaram beiju fora, também não conheciam beiju. Aí teve briga, morreram muitos da comunidade Sipitatitäuli. Primeira vez não conheciam miçangas e Ye'kwana deixaram no jirau, Sanöma pegaram e jogaram fora. (ISA, 2015)

A fala do Passarão comprova que os Sanumã antes do contato com os Ye'kuana, não produziam mandioca e não consumiam seus derivados como beiju, produtos que, atualmente, fazem parte da dieta do dia a dia dos Sanumã.

Vamos abordar pouco como são realizadas atividades de roças na comunidade Ashikamau com os Sanumã.

- a) Os Sanumã fazem suas roças cada um por si; para a limpeza da roça de mata rasteira fazem sozinhos e isso leva vários dias, muitas vezes ninguém ajuda nem a mulher leva chibé durante o trabalho. Outro ponto interessante na cultura Sanumã é que o homem escolhe a menina desde criança para ser sua futura mulher e desde já trabalha para o sogro, caçando e principalmente fazendo roça sozinho para a família da prometida;
- b) Na derrubada o homem Sanumã também faz o serviço sozinho, uma atividade que pode levar vários dias até concluir o serviço;
- c) Depois queimam a roça;
- d) Começam a coletar as mudas para plantar a roça nova;
- e) Depois de queimar, vem a etapa de fazer o plantio; a partir desta etapa a mulher Sanumã começa a trabalhar na roça;
- f) A partir do plantio de mudas, agora é só cuidar da roça para não deixar tomar de mato;
- g) Começa a colheita, provavelmente a partir de um ano. Até acabarem elas não replantam maniva.

Agora temos pouco de noção como cada povo, habitantes de região Auarís, especificamente as duas comunidades Fuduwaadunha e Ashikamau realizam as atividades de produção de roças. Os problemas enfrentados por moradores são mesmos entre duas comunidades. O mapa mostra duas comunidades estão no centro, ao redor estão várias comunidades bem próximas, então, dois estão acudados no meio.

#### 4.4 ESPAÇO DE CAÇA E PESCA

A caça e a pesca são práticas de atividades que acompanharam o homem desde sua origem, acreditamos que o homem buscou para sobreviver através desta prática, posteriormente buscou objetos que poderiam ajudar a ferir sua presa. Esta prática não existe mais para sociedade ocidental, mas, estamos falando com os povos indígenas, estas práticas estão presente em cotidianos dos povos indígenas,

principalmente quando se fala os povos considerados como recém contato com sociedade nacional os Yanomami e Ye'kuana que habitam na Terra Indígena Yanomami.

Estes povos dependem de caça e pesca, a partir delas que retiram seu sustento e o da família inteira, às vezes as comunidades inteiras. Quando alguém caça ou pesca é repartida pelos membros da família ou até toda comunidade, depende da caça, se for grande toda comunidade é beneficiada.

Vamos abordar aqui a realidade das comunidades indígena Fuduwaadunha e Ashikamau. Antes da chegada não indígena em Auaris os Ye'kuana e os Sanumã viviam com maior mobilidade, não passam mais de cinco anos mesmo lugar, mudando-se onde havia fartura de caça e pesca. Os poucos Ye'kuana naquela época tinham armas de fogo, como eles são considerados viajantes pelos rios amazônicos e do Rio Orinoco na Venezuela, também são considerados como comerciantes, através desde comércio conseguiam as ferramentas como machado, terçado, munição e armas. Com a chegada dos missionários ainda mais facilitou a vida dos povos ali habitam, desta vez não só os Ye'kuana, mas também os Sanumã começaram se beneficiar a presença dos missionários adquirindo as armas de fogo, munições, ferramentas para pesca, machado e terçados são bem cobiçados pelos indígenas.

Os moradores mais antigos contam que antes da chegada dos missionários da região havia muito caça e pesca na região. Com a espingarda era mais precisão de acertar alvo, assim, facilitou a caça mais fácil, tanto aves, quanto os animais de médio porte paca, veado entre outras.

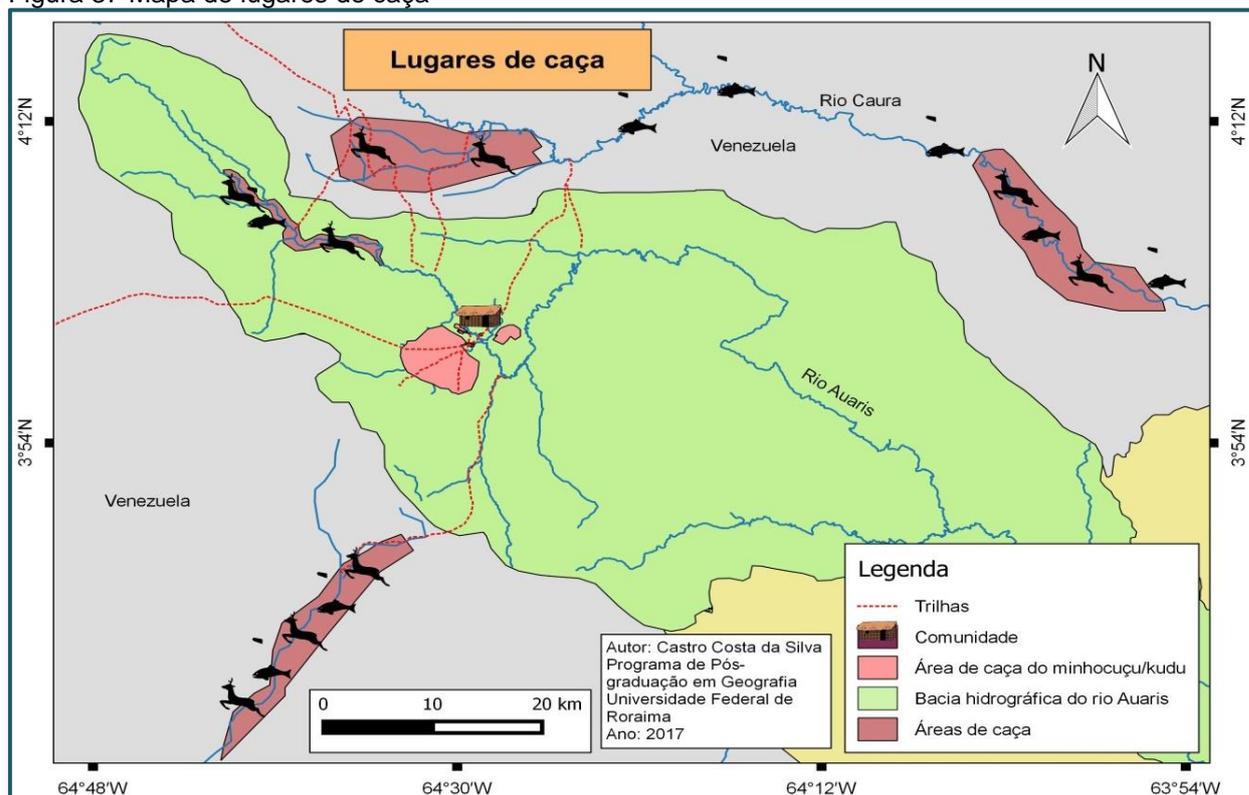
A partir daquele momento a caça começou a diminuir cada vez mais e a população cada vez mais aumentando, algumas comunidades começaram a aproximar atraídos pelos materiais manufaturados trazidos pelos não indígenas, com isso cada vez mais, muita pressão sobre recursos naturais principalmente com os animais e pesca.

Os peixes na região são pequenos devido ao rio Auarís ser muito encachoeirado, assim, os peixes maiores não conseguem subir. Com os peixes menores acontece a mesma coisa, o pesquisador morador da região teve oportunidade presenciar a chegada de malhador ou rede de pesca em década de 1980. Com a chegada deste material, muitas pessoas conseguiam boa quantidade de peixe, com aumento deste material, muitas pessoas pescavam. A pescaria

acontece com a rede de pesca durante a piracema sem controle, até hoje acontece isso.

Assim, cada vez mais a caça e da pesca firam mais difíceis e mais longes. Hoje em dia, ambos os povos buscam a caça em uma caminhada de 1 a 3 dias, atravessando a fronteira Brasil/Venezuela em direção leste, oeste e norte da região (figura 37).

Figura 37 Mapa de lugares de caça



Organizado por Castro Costa, 2017

A comunidade Fuduwaadunha os Ye'kuana, proíbem alguns lugares de caça para os Sanumã. Existem dois lugares: um está para cima do rio Auaris, começa a partir de cachoeira de Caranguejo vai até nascente do rio. Este lugar é respeitado pelos Sanumã não passam a cachoeira Caranguejo. Na entrevista do senhor Pery segundo ele tiveram reunião com os Sanumã no ano 1970, para que os Sanumã não poderiam passear por lá, porque havia uma comunidade que não tinha atendimento de saúde, atual comunidade Pedra Branca, os Sanumã poderiam levar a doença para estas pessoas, naquela comunidade havia um senhor já em idade avançada, qualquer doença poderia levar à morte. Assim foi feito acordo até hoje não há presença de Sanumã naquele território.

Outro está no igarapé Dejoko, este está próximo da comunidade Fuduwaadunha. Os Ye'kuana proíbem para os Sanumã para não pescarem e não caçarem. Mas, os Sanumã não respeitam. Então, a partir desrespeito entra conflito entre duas comunidades. A partir disso foi feito um portão para impedir a passagem dos Sanumã, não só caça e pesca, também para proteger suas roças de banana (figura 38).

Figura 38 Imagem de portão sobre igarapé Dejoko



Foto: Castro Costa, 2016

Este portão sofreu críticas e também custou caro, porque cada família teve que fazer as cópias da chave, então o chaveiro ganhou muito dinheiro com isso. A crítica aconteceu porque existem vários caminhos para este lugar e os Sanumã não precisam passar por ali, pois, eles têm outra rota para desviar desta barreira. Os defensores do portão afirmam que o objetivo é minimizar a passagem dos Sanumã e mostrar para eles que aquele espaço tem o dono. Nesse caso, podemos notar que existe um poder atuando sobre o território de domínio de um povo indígena, os Ye'kuana que delimitam as áreas de controle e constroem estratégias para impedir que os Sanumã acessem ou utilizem os recursos desses espaços.

#### 4.5 ESPAÇO PARA RETIRADA DE PALHA E MADEIRA

Muitos povos indígenas vivem e dependem de recursos naturais, tanto para se alimentar, quanto para construir seu lar ou seu abrigo. Os povos indígenas que vivem na região de Auarís, os Ye'kuana e Sanumã, praticamente vivem e dependem de recursos naturais. Os moradores mais antigos das comunidades da Fuduwaadunha e Ashikamau relatam que, no início (anos 1950/1960) tinha muita bacaba e açai. Estas duas espécies foram utilizadas muito por moradores das duas comunidades indígenas, para fazer cobertura de casas. Nos anos 1960 os Ye'kuana construíram a casa ättä (casa redonda), coberto por palha de açai. Em anos 1970 os mesmos construíram uma casa comunal, onde quase toda comunidade morava, esta casa era enorme, foi coberto por palha de bacabeira.

A comunidade Ashikamau dos Sanumã também utiliza muito esta palha. Na entrevista, o Moises, uma das lideranças da comunidade Ashikamau, “hoje nós precisamos caminhar longe para buscar a palha de bacabeira, aqui próximo da comunidade não tem mais”.

Ao longo do tempo de utilização desta planta começou a faltar, porque a utilização não tem manejo. As pessoas derrubam o pé bacaba e do açai, uma casa, por exemplo, 12X5 vai precisar para cobertura pelo menos 20 a 30 pés de bacaba, coberto por palha de bacaba é mais comum na região.

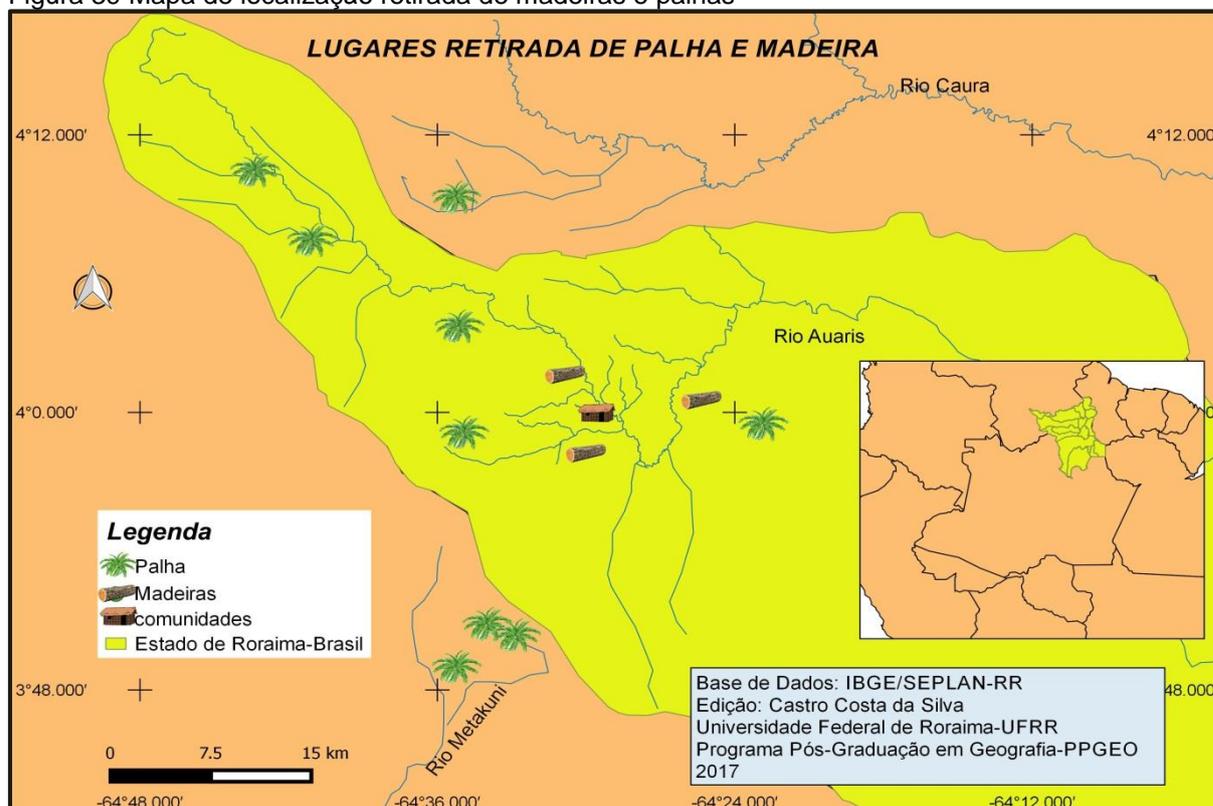
Por volta de 1980 os Ye'kuana mudam sua estratégia, começam a fazer suas casas cobertas de cavaco de cedro, esta utilização foi até final de 1999. Nessa mudança de estratégia muitos cedros foram derrubados. Este material durava mais tempo, entre 15 a 20 anos de utilização; palha dura menos tempo, entre 5 a 8 anos.

Com a mudança socioeconômica dos Ye'kuana, a inserção ao trabalho remunerado de alguns moradores da comunidade Fuduwaadunha, a partir ano 2000 começa-se a fazer as casas com a telha de zinco ou alumínio, comprado na cidade de Boa Vista ou de Manaus. Atualmente, quase todas as casas da comunidade Fuduwaadunha são cobertas por telhas de zinco ou alumínio. De acordo com os moradores tem muita durabilidade este material.

Ano passado comunidade Fuduwaadunha construiu uma casa tradicional ättä (casa redonda), para fazer cobertura eles precisaram caminhar 12 horas na Venezuela e buscaram também subindo o rio Auarís dois dias de viagem com motor de popa e muita cachoeira. De 12 horas de caminhada para puxarem a palha,

levaram quatro dias para chegar na comunidade, todos os moradores se envolveram nesta atividade, também as comunidades Sanumã Katana e Momoipu colaboraram com os Ye'kuana (figura 38).

Figura 39 Mapa de localização retirada de madeiras e palhas



Organizado por Castro Costa, 2017

Os moradores da comunidade Ashikamau ainda dependem muito de material de palha, todas as casas são cobertas com a palha. Por que será não que mudaram suas estratégias? Vou tentar responder este questionamento. Primeiro lugar, estes povos vivem da natureza, são coletores e caçadores, então, eles mantem sua tradição e sua cultura. Segundo lugar, os Sanumã têm poucos assalariados, ganham apenas um salário mínimo, a maioria são agentes indígenas de saúde, acredito que estes sejam os motivos da não mudança de estratégia. Atualmente, a comunidade Ashikamau sofre a falta de palha.

Madeira também é essencial para construção de casas, principalmente para os povos indígenas em geral. Para os habitantes de Auarís não é diferente, eles necessitam muito deste material, utilizado para fazer as casas. As comunidades Ashikamau e da Fuduwaadunha retiram muitas madeiras, como cedros, dentre

outras. Atualmente, as madeiras estão cada vez mais distantes da comunidade.

A derrubada de muita floresta para fazer a roça também contribuiu para este distanciamento, muitas madeiras são derrubadas na hora de fazer e não são aproveitadas pelos moradores, acham que a floresta não vai acabar. Os moradores das duas comunidades utilizam mais estas madeiras, não sabemos o nome científico e nem nome popular em português, vamos dar nomes na língua Ye'kuana: utilizados para construção de uma casa são wanaadi najojodö, sukujiimä ewöötö, wakaadu, tudakaani. Para construir canoa a madeira também está escassa, as mais utilizadas são yadiija, fidinha e ansamuudu. Também utilizadas as madeiras secundárias para construir a casa como momi e wa'sana'kwa.

#### 4.6 AS FRAGILIDADES NOS LIMITES TERRITORIAIS ENTRE OS SANUMÃ E OS YE'KUANA

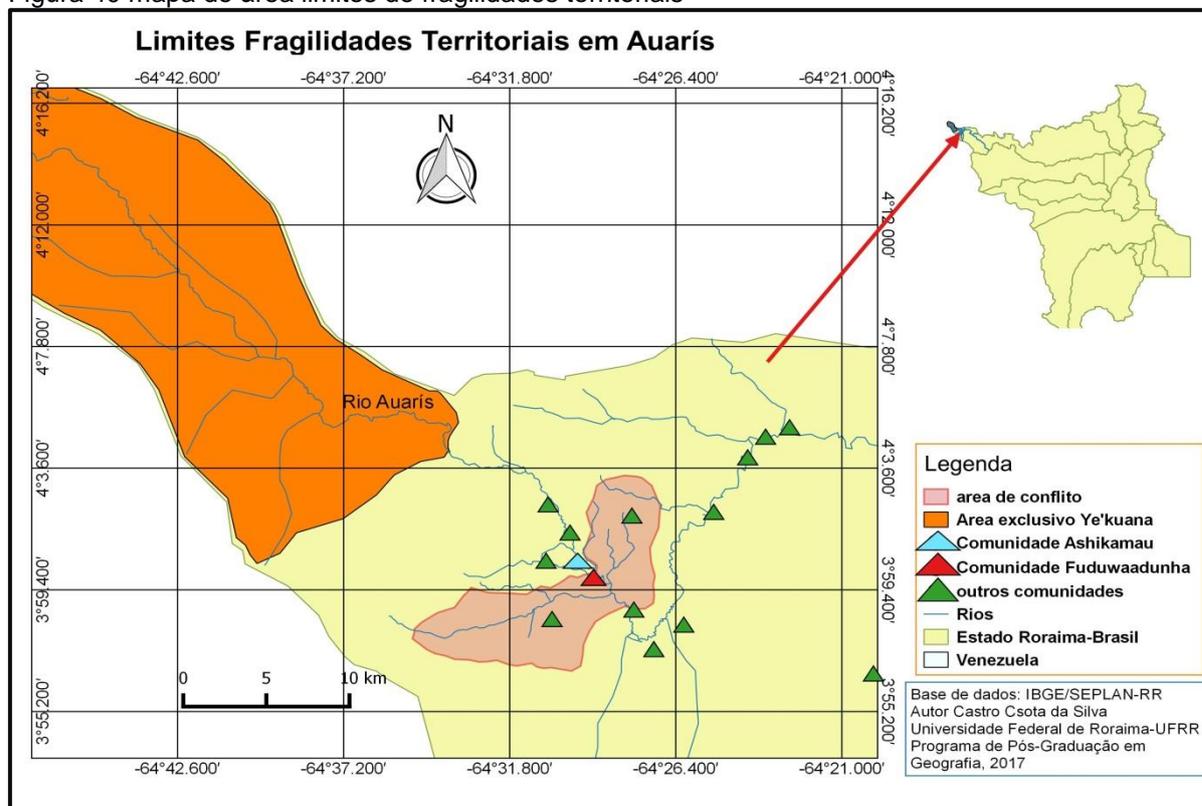
Atualmente, os povos indígenas vivem de modo diferente, as moradias ocupam-se o mesmo espaço por vários anos, principalmente aquelas comunidades onde tem a presença missões religiosas. Na terra indígena Yanomami as missões instalaram-se nos anos 1950 a 1960. Desde a chegada das missões religiosas, algumas comunidades até hoje permanecem ocupando os mesmos espaços. Outras comunidades aproximando-se.

No mundo indígena, organização social diferente da sociedade ocidental como Estado, para cumprir as ordens. Assim, como não há ordenamento do território, as pessoas fazem o que entenderem, fazem suas comunidades onde é melhor para eles, caçam onde tem caça, pescam onde tem peixe e tiram as frutas onde tem as frutas. Para os povos indígenas a terra é para todos usarem, foi feito por Wanaadi ou Omama (criador do mundo), então, não pode ser troca de mercadoria. A terra não é obra humana é uma obra divina. Mas, como teve as mudanças na forma de ocupar o território após contato com a sociedade ocidental, este contato trouxe instabilidade das pessoas ou das comunidades indígenas. Eu diria um problema social.

Nosso objeto de estudo são duas comunidades indígenas, é típico esse tipo de ocupação e ainda único da terra indígena Yanomami, porque se trata de povos indígenas de etnias diferentes. Os mesmos estão ocupando o mesmo espaço geográfico há vários anos, em torno de cinco gerações. Atualmente, duas

comunidades indígenas, enfrentam sérios problemas socioambientais nos seus territórios.

Figura 40 mapa de área limites de fragilidades territoriais



Organizado por Castro Costa, 2017

Como mencionamos anteriormente os primeiros contatos entre povos aconteceram hostilidades, até alguns casos de morte. Desde naquele tempo, os dois povos não se dão bem um com o outro. Os pesquisadores que passaram na região, estudando sobre os povos que ali habitam, uma delas Alcida Ramos:

Os Sanumá, como os demais subgrupos Yanomama, invadiram, em época relativamente recente, a área que havia sido, até então, território de grupos Aruak e principalmente Caribe, dentre os quais, os Maiongong. Dessa invasão, resultou o deslocamento de todos os grupos tribais locais, inclusive desses mesmos Maiongong. Mas, ao contrário dos outros, desapareceram totalmente da área, os Maiongong, depois de várias mudanças, conseguiram permanecer na região, que inclui ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela. (...) terminado o período de guerra, aceitos os invasores como novos residentes da área, estabeleceu-se então um sistema de relações intertribais bastante elaborado, onde o caráter simbiótico atinge, não só a esfera econômica, mas também a social e a religiosa. (RAMOS, 1980, p. 15)

Assim, os Ye'kuana consideram seu território tradicional invadido pelos

Sanumã, ocuparam-se seus lugares de caça, de pesca. Atualmente a comunidade Ye'kuana ficou no meio de várias comunidades Sanumã. A distância entre a comunidade Ashikamau e a comunidade Fuduwaadunha é de um quilometro e meio. Na (figura 39) mostra área sob o domínio dos Ye'kuana, quando os Sanumã caçam ou fazem uma roça tem reclamação por parte dos Ye'kuana.

Nós denominamos como área de limites de fragilidades territoriais, porque é um constante conflito entre duas comunidades, principalmente as queixas por parte dos Ye'kuana em roubo de roças e de canoas. Estes são as principais reclamações dos Ye'kuana. Teve vários encontros entre as lideranças das duas comunidades, fazem um acordo entre as lideranças, mas, acordos são quebrados rapidamente, por pessoas. Porque o tuxaua não tem poder de punir as pessoas que quebraram o acordo e fica por isso mesmo.

No início não houve planejamento de ocupação do território pelas comunidades. Como mencionei acima as pessoas fazem suas comunidades onde acharem melhor, assim, aconteceu em Auarís, não houve respeito de limites das comunidades. Por isso, atualmente sofrem em decorrência disso. Duas comunidades não podiam ocupar menos de dois quilômetros, para ter lugar de caça e de pesca. A forma como foi ocupada, as comunidades não têm como sustentar por vários anos no mesmo lugar, porque estes povos se alimentam dos recursos naturais. A pressão é muito grande sobre os recursos naturais, diferente das comunidades indígenas que estão próximas das cidades, na maioria das vezes estas comunidades buscam alimentos nos supermercados da cidade.

O problema das duas comunidades é a sedentarização, em 2003 a comunidade Fuduwaadunha fez uma reunião sobre a mudança de comunidade, mas, foi rejeitada pela maioria, uma parte mudou-se, atual comunidade chamada Kudatanha, em 2008. Desde anos 1960 a comunidade Fuduwaadunha carrega este nome, houve mudanças três vezes, em uma distância de menos de dois quilômetros, sempre próximo da pista. A maioria que rejeitou a mudança em 2003, mudou-se para uma distância de dois quilometro, mudou apenas o local de suas casas, continuaram usando as mesmas áreas para pesca, de caça e de roça. Praticamente não mudou nada sobre os recursos naturais. Segundo estas pessoas, ali é território tradicional dos Ye'kuana, por isso devem permanecer ali, o lugar ancestral Kuyujani. Mas, história do povo, a trajetória da comunidade Fuduwaadunha, mostra o contrário, as pessoas não ficavam muito tempo. Quando

foi feita a comunidade, foi por acaso, eles iam para Taka'mennha na Venezuela, as mortes de lideranças não concretizaram está viagem para território da Venezuela, naquela época não tinham noção da fronteira.

Por sua vez, os Sanumã sabem que eles vieram de outra região, mas, hoje consideram aquele lugar seu território tradicional, porque teve várias gerações da comunidade Ashikamau cresceram naquele território. Na entrevista do Paulo Illo Sanumã segundo “comunidade Ashikamau as pessoas se tornaram amigos dos Ye'kuana, eles chamaram nos ficar perto deles”, então olhar de um Sanumã é diferente do olhar Ye'kuana sobre os povos. Para os Sanumã os Ye'kuana são fontes de adquirir material de industrializado, acredito que esta razão que eles acham que são amigos. Mas, para os Ye'kuana, os Sanumã são “problemas”, quando analisamos mais profundamente as relações entre dois povos, muitas vezes ficam dependes um do outro. Exemplo disso, o serviço xama Sanumã é muito solicitado pelos Ye'kuana, em troca de materiais industrializados. Outros Sanumã fazem tipiti e vendido para os Ye'kuana, alguns Sanumã apropriaram este conhecimento, hoje vende para os Ye'kuana que eram detentores deste conhecimento. Também os Sanumã prestam serviço para fazer funeral “enterro do morto Ye'kuana”, os Ye'kuana não tocam o corpo morto, por isso, procuram serviço dos Sanumã, vale ressaltar que existem várias redes de relações entre os povos Sanumã e Ye'kuana.

Então, onde está o problema Sanumã? O problema que existe em Auarís é a falta de diálogo entre os dois povos, as lideranças não dialogam entre elas, assim, não chegam a um bom entendimento.

Em 2015, o projeto diagnóstico socioambiental através da ISA, parceria com APYB, na época de elaboração do projeto, nós sugerimos aos responsáveis do projeto, de que em Auarís habitam duas etnias, por isso devem trabalhar como as duas comunidades enfrentam os mesmos problemas.

O antropólogo Moreno Saraiva da ISA, trabalha desde 2010 com os Sanumã em Auaris, ele fez parte de equipe de fazer diagnostico em Auarís. Na visão dele única forma de melhorar problema social com os Sanumã, principalmente, na comunidade Ashikamau mudar para outro lugar, onde tem um espaço de caçar, de pescar e onde tenham recursos naturais disponíveis para os Sanumã viverem bem, aos poucos essa ideia começou a se concretizar. Em novembro de 2016 foi visitado o local pretendido para novas moradias para os Sanumã.

Mudar ideia dos Sanumã não foi fácil, muitos deles não queriam mudar para outro lugar, em março de 2016, o pesquisador participou de uma dessas reuniões na comunidade Ashikamau, onde estavam presentes representantes das instituições do governo como SESAI, FUNAI, exército, além da organização não governamental (ISA) e as organizações indígenas (Associação do Povo Ye'kuana do Brasil-APYB e Hutukara Associação Yanomami-HAY), a maioria das falas dos Sanumã era favorável à mudança, pedindo ajuda dos órgãos do governo para apoiar a mudança e também para os Ye'kuana porque eles conhecem onde tem o lugar que não tem a presença dos indígenas. Muitos homens diziam que saem para caçar e retornam sem caça para alimentar sua família, então, eles sofrem muito, as crianças choram. Não tem carne para dar, passam fome. Por isso, era necessária a mudança mais rápida possível.

Acreditamos que esse é um dos caminhos para solucionar esse tipo de disputas territoriais, chama-se “mudança da comunidade”. Esta mudança seja onde tem recursos naturais disponíveis, não é aquela mudança que os Ye'kuana da comunidade Fuduwaadunha fazem.

Agora devemos pensar a melhor forma de ocupação do território indígena Yanomami, analisando melhor as distâncias entre as comunidades, os lugares de caça e pesca e outros, esta comunidade possa usufruir recursos naturais destinados para ela e outras comunidades devem respeitar estes limites.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tratou dos problemas enfrentados pelas comunidades indígenas Fuduwaadunha e Ashikamau, localizadas na Terra Indígena Yanomami, noroeste do estado de Roraima. O território ocupado pelos indígenas é compartilhado entre dois povos nesta região, Auarís, é onde habita a única etnia não Yanomami, os Ye'kuana.

O problema começou lá no início do contato com a sociedade não indígena. Acredito que os indígenas achavam que teriam uma vida melhor, mas não contavam com a falta de recursos naturais no futuro e este contato acelerou a diminuição de caça e pesca devido a introdução de novos objetos e técnicas na região de Auaris, principalmente para os moradores das comunidades Ashikamau e Fuduwaadunha, que são detentores estes materiais. A arma de fogo acelerou a escassez de aves e animais de médio porte, como veados, anta, porco do mato, etc.; já na pesca foi a rede. Além disso, as mudanças ocorreram ao longo tempo e uma dessas mudanças foi a quebra de mobilidade no uso do território. Hoje os moradores da comunidade estudada colhem os frutos que foram plantados no início do contato, com a chegada da missão religiosa a MEVA.

Na Terra Indígena Yanomami existem três pistas asfaltadas: Auarís, Surucucu e Maturacá e estas três têm a presença de Exército. Em Auarís, a pista foi responsável pela concentração das pessoas e, a partir dela, chegam os materiais industrializados, os órgãos públicos e o atendimento a saúde, a saída para cidade se tornou mais rápida a partir da pista, permitiu salvar vidas como a remoção dos pacientes para os centros urbanos. A pista de pouso tornou-se polo de atração para as comunidades da região. Também é o único lugar que tem um pouco de infraestrutura para atendimentos à saúde, por isso, são procurados pelas comunidades indígenas da Venezuela.

A entrada não indígena em Auarís foi iniciativa dos Ye'kuana. Este povo tem um histórico como viajantes pelos rios da Amazônia e do rio Orinoco na Venezuela. Como menciona Mellati (2016), em 1840 Robert Schomburgk encontrou com os Ye'kuana no rio Essequibo e estes teriam partido do rio Cunucunuma, afluente do rio Orinoco, e desciam pelo canal de Cassiquiare até o rio Negro; depois subiam pelo rio Branco, rio Tacutu e rio Maú, cruzando o divisor das águas e, por fim, desciam

pelos rios Rupununi e Essequibo. Estas viagens eram momentos de troca de mercadorias, quando buscavam material de ferro, machado, terçado, munição e armas de fogo. A atual cidade de Boa Vista talvez fosse muito pequena e não tinha o material cobiçado por meus antepassados.

Com o crescimento da cidade Boa Vista, os atuais moradores da comunidade Fuduwaadunha começaram a fazer viagens com mais frequência. Nos anos de 1940 e 1950, numa dessas viagens para Boa Vista, conheceram os missionários da MEVA e pediram para que fossem na aldeia deles, mas, naquele momento era impossível chegar até a região. Os indígenas sabiam que com a chegada não indígena na sua aldeia, seriam beneficiados com os objetos de ferro, principalmente o atendimento de saúde, que era o principal objetivo dos Ye'kuana. Então, a chegada não indígena foi pressionada pelos indígenas, diferente de outros lugares da Terra Indígena Yanomami.

As mudanças culturais ocorreram em decorrência dos contatos e isto está muito claro em nossas reflexões. Como vimos as trajetórias dos povos, a mobilidade eram mais intensas e percorriam vários quilômetros e diversos rios, atravessando a fronteira Brasil/Venezuela. Atualmente, não existe mais esta mobilidade por parte das pessoas. A ocupação do território não é mais a mesma. Estes são os principais desafios para as novas gerações.

Para compreender esse universo tomamos como base os conceitos de espaço, região, território e terras indígenas. A partir destes conceitos, trabalhamos a realidade do nosso objeto de estudo e nossas discussões. Tornou-se necessário, também, compreender a concepção de território para os Ye'kuana e, assim, discutimos como os Ye'kuana definem seu território; em geral, os indígenas definem o mundo em que vivemos considerando que existem, além dos humanos, seres invisíveis que são donos das florestas, dos rios, das serras, das pedras e dos animais. Os seres humanos vivem no meio destes seres, por isso, devemos pedir autorização aos donos, e fazemos isso através do pajé que tem um papel muito importante na sociedade indígena, permitindo que se possa dialogar com estes seres. Nesse sentido, os indígenas respeitam as florestas, os rios, os animais, as serras, dentre outras coisas da natureza.

Necessário, também, compreender como se processou a ocupação humana na região que, de acordo com Silva Monterrey, no início era ocupada pelo tronco linguístico Aruak e, posteriormente, foi ocupado pelo tronco linguístico Caribe, que

inclui os Ye'kuana. Temos ciência de que precisa-se de mais estudos sobre este assunto, como um estudo dos aspectos arqueológicos da região, sendo que estes estudos poderiam desvendar detalhes da ocupação humana na região de Auarís.

Realizar estudos arqueológicos na Amazônia implica em enfrentar dificuldades de acesso e custos, nem sempre disponível e, por isso, acredito que ainda não tenha ocorrido este tipo de estudo em nossa região. Por outro lado, a antropologia está muito concorrida e já passaram muitos pesquisadores em Auarís, com os Ye'kuana e com os Sanumã. Na história da ocupação humana buscamos abordar elementos dos povos indígenas habitantes das comunidades Ashikamau e Fuduwaadunha, discutindo seu modo de viver, produção de alimentos e manifestações culturais de cada povo. Incluiu a violência contra os povos Ye'kuana no início século XX, praticada pelo espanhol Tomas Funes, um seringalista que levou muitos Ye'kuana para extrair a borracha, na condição de escravo, quando muitos foram mortos. Estas informações foram fornecidas pelos indígenas Ye'kuana, em contatos no dia a dia na comunidade.

Em um capítulo discutimos o uso do território pelas duas comunidades e este levantamento foi realizado através da construção de um calendário sicionatural e de entrevistas. Foram construídos os mapas com a localização das roças, da caça e pesca, além dos locais de retida de madeiras e palha. Discutimos, também, os limites e fragilidades dos territórios ocupados pelas duas comunidades.

Sobre este assunto, tema central do nosso estudo, buscamos alcançar o objetivo geral do trabalho que era compreender os usos do território na região de Auarís, considerando dois grupos indígenas que ali habitam, os Sanumã e os Ye'kuana. Essa preocupação partiu de situações e reclamações expostas em reuniões realizadas quando, sempre, os moradores de ambas as comunidades se queixam da dificuldade de caçar, pescar, das palhas para cobertura de casa e das madeiras, que não conseguem ter com sucesso na coleta desses recursos. Podemos dizer que a atual ocupação e uso dos territórios pelas comunidades indígenas é insustentável. Este modo de ocupação é influenciado pela sociedade ocidental.

A região de Auarís está localizada no Maciço das Guianas que representa uma das formações geológicas mais antigas do continente sul-americano. Os solos são extremamente pobres e inadequados à agricultura intensiva, de acordo com levantamento realizado pelo Radam Brasil em 1975. Além dos solos, também são

frágeis os recursos de fauna para caça e, assim, a renovação desses recursos dependem de um esvaziamento periódico das áreas utilizadas pelos indígenas.

O modelo de ocupação tradicional do território pelos Yanomami e Ye'kuana é o seguinte: uma comunidade explora num determinado espaço ou nicho ecológico por um período de três ou cinco anos, se passar deste período de ocupação, não poderá mais manter o padrão de vida, com recursos suficientes para a produção de roças, da caça e da pesca. Os solos começam a se esgotar, a caça começa a faltar e outros produtos da floresta ficam cada vez mais escassos. Por isso, são importantes as mudanças das comunidades indígenas para outro lugar, deixando aquele lugar que foi explorado recuperar os solos, fauna e flora. Dentro de 50 a 100 anos terá se reconstituído. Significa que em três ou quatro gerações poderão reutilizar os mesmos espaços utilizados anteriormente pelos antecessores. Assim, com esse tipo padrão de ocupação territorial os indígenas Yanomami e Ye'kuana têm conseguido manter a subsistência continua por séculos.

Atualmente, muitas comunidades indígenas Yanomami e Ye'kuana não seguem mais este padrão de ocupação. Devido a essa situação, sofrem as consequências da sedentarização que é a falta de recursos naturais e solos que não produzem mais como antigamente, além das pragas que estão atacando as roças. A população indígena nas comunidades Ye'kuana e Sanumã tem aumentado cada vez mais, enquanto os recursos naturais sofrem muita pressão pela ação humana em Auarís, uma vez que a demanda cresce junto com a população. O resultado deste problema é que, atualmente, as comunidades Fuduwaadunha e, principalmente a comunidade Ashikamau dos Sanumã, tem sofrido com a desnutrição das crianças.

Os povos que habitam as comunidades estudadas não têm a cultura de fazer o manejo florestal, pois não faz parte de sua atividade. Só praticam a extração e não renovam, e assim aconteceu com as retiradas de palha de bacaba, quando foram derrubados muitos pés de bacabeiras e não foram replantados. Até hoje fazem esta prática. O manejo das florestas não faz parte das pautas das reuniões realizadas nas comunidades indígenas. Então, os problemas ainda não estão no centro das discussões nas comunidades. Estas questões devem ser tratadas como agenda política importante na região pelos moradores. Por parte das comunidades, não tem iniciativa própria.

Atualmente precisa-se ter algum projeto voltado para minimizar este problema que envolve o sofrimento das comunidades Sanumã e Ye'kuana,

principalmente, aquelas comunidades que estão nas proximidades da pista. Em 2015 iniciou-se um levantamento socioambiental em Auarís pelo ISA com parceria com APYB. Outros projetos estão em curso como a “Elaboração do plano de gestão territorial e ambiental” da Terra Indígena Yanomami, também executado por Instituto Socioambiental. Em maio de 2016, discutiu-se sobre os problemas socioambientais em Fuduwaadunha, onde tiveram várias propostas para tentar solucionar estes problemas que afetam população.

Principais propostas:

#### 1- Caça:

- Área Especial de Caça: a partir da Cachoeira do Caranguejo (*Wadhakaniichadiiyö*), onde será permitida apenas a caçada coletiva e a caçada familiar;
- Não matar filhotes de animais e de pássaros, não tirar os ovos que estão sendo chocados;
- Não derrubar árvores que têm ninhos de pássaros;
- Organizar a criação de galinha por família e só criar galinha caipira.

#### 2- Pesca

- Não usar malhadeira e timbó na época da piracema (tempo de reprodução dos peixes);
- Definir grupo de fiscalização de áreas de reprodução de peixes;
- Após a piracema, o uso de malhadeira será permitido;

#### 3- Plantas da floresta

- Fazer o plantio de árvores frutíferas: *Köma*, *Wöda*, *Kujeedi*, *Odoi*, *Waju*
- Fazer o plantio de madeiras utilizadas na construção: *Fidiinha* (Cedro doce); no igarapé Dejooko; *Madudäimä* (cedro amargo).
- Fazer o plantio de palmeiras ubim, bacaba e açaí.
- Mapear áreas onde tem cipó.

#### 4. Roça

- Deixar as áreas de capoeira (*wijhä'jä*) descansar por 10 anos; para isso, é preciso: a) mapear as capoeiras; b) identificar a idade de cada capoeira; c) definir os responsáveis pela vigilância dos lugares para que o descanso seja respeitado;
- Recuperar as áreas degradadas e que estão, hoje, tomadas por samambaias

(*shiinijhã*) com plantio de ingá (*waju'nã*) no lugar. Não tocar fogo nessas áreas com samambaias.

Estas são algumas propostas da comunidade Fuduwaadunha para tentar organizar o uso dos recursos naturais na região de Auarís. Defendemos que é importante colocar em prática esta proposta, pois não adianta colocar só no papel.

A comunidade Ashikamau e outras comunidades Sanumã têm como proposta a mudança das comunidades para o médio rio Uraricoera. Neste projeto, estão envolvidos os órgãos públicos, organizações não governamentais e as duas organizações indígenas. No mês de novembro 2016 houve a primeira viagem para reconhecimento do local pretendido, onde participaram algumas lideranças das comunidades Sanumã. No mês de fevereiro de 2017 houve outra viagem, desta vez foram para fazer as roças e os xamãs foram para pedir autorização dos donos invisíveis do território.

Acreditamos que estes são alguns caminhos para resolvermos a situação que estão acontecendo com as comunidades Sanumã na região de Auarís. Retomar as práticas como eram antes a ocupação do território por Sanumã e Ye'kuana com grande mobilidade dos assentamentos, com a ajuda dos órgãos do governo, organizações indígenas e organizações não governamentais. As fixações das comunidades indígenas não são ideais para sobrevivência dos povos indígenas, principalmente aqueles que vivem e dependem dos recursos naturais para subsistência.

## REFERÊNCIAS

ARVELLO-JIMÉNES, N. **Relaciones políticas en una sociedad tribal**: estudio de los Ye'cuana, indígenas del Amazonas Venezolano. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

ANDRADE, K. V. **Construindo lugares, transformando pessoas**. A dialética do espaço entre os Ye'kuana. In: WILSON, T. F, et. Lugares, Pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. 2. Ed. Brasília: ABA publicações, 2012

\_\_\_\_\_, WÄTUNNÄ: a força de uma profecia Ye'kuana. *Tellus*, ano 9, n. 17, p. 11-31, jul. /Dez 2009 Campo Grande – MS

Boletim Yanomami Urgente. Disponível em  
<<http://www.proyanomami.org.br/v0904/index.asp?pag=htm&url=/apy/YU/0.htm>>  
Acessado em 01 nov.2016

BARBOSA, R. I. Distribuição das chuvas em Roraima. In: BARBOSA, R. I.; FERREIRA, E. J. G.; CASTELLON, E. G. **Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima**. Manaus: INPA, 1997. p.325-335.

\_\_\_\_\_, R.I. et al. Cinzas na Amazônia: incêndios florestais reencontram Roraima. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 207, p. 22-27, ago. 2004.

BRASIL, departamento Nacional da Produção Mineral. **Projeto RADAMBRASIL**, folha NA. 20 Boa Vista e parte das Folhas NA. 21 Tumucumaque, NB. 20 Roraima e NB. 21; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1975.

\_\_\_\_\_, Constituição (1988). CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DO BRASIL: promulgada em 5 de outubro de 1988. Coordenadora: Anna Maria de Lucena Rodrigues. Brasília: Senado Federal, 2015. 488 p.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. **Pedologia**: mapas de solos em nível exploratório. Diretoria de Geociências/IBGE. Rio de Janeiro, 2005. 1 mapa, color. Escala: 1:1. 000.000.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Instituto Brasileira de Geografia e Estatística/ IBGE. Censo demográfico 2010. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena\\_censo2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf)> Acesso em 22 jan. 2016.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Ministério do Interior- Fundação Nacional do Índio-FUNAI. Relatório Laudo Antropológico da Delimitação Terra Indígena Yanomami. Brasília, 1984.

CARVALHO, M.A.L. **OS MOVIMENTOS POLÍTICOS YANOMAMI**: análises da construção de suas demandas e reivindicações 2015. 162p. Dissertação (Mestrado

em antropologia social) pela Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras do Centro de Ciências Humanas, universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2015.

COSTA, I. C. **O NÚMERO EM YE'KUANA**: uma perspectiva tipológica. 2013. 126p. Dissertação (Mestrado em Linguística) pela Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

DINIZ, R.O. **MITOLOGIA YE'KUANA**: a imaginação gemelar. 2006. 162p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Rio de Janeiro, PPGAS-Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2006.

DOLLFUS, O. **Espaço geográfico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.  
GUIMARÃES, Sílvia. **O drama ritual da morte nos Sanumá**. Campo Grande – MS. 2010

HAESBAERT, R. **Concepção de território para entender a desterritorialização**. In: SANTOS, M.et. al. Território, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.p. 44 -71.

JABUR, C. C. **OS TIKO TÖPÖ**: uma reflexão sobre as categorias de alteridade dos Sanuma (subgrupo Yanomami). 2014. 132p. Dissertação (Mestrado em antropologia) - Universidade de Brasília. Brasília. 2014.

LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. 228 p.

LAURIOLA, E. M. Tecendo Novas Redes Sociais o Caso dos Ye'kuana, Roraima.2010. Disponível em:  
<<http://www.proyanomami.org.br/v0904/index.asp?pag=htm&url=/apy/YU/0.htm>>  
Acesso em 10. nov.2016

\_\_\_\_\_, Yekuana. In: ISA. **Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: < <http://www.isa.gov.br>>. Acesso em 22 jan. 2016.

LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4. ed. Paris: Ed. Anthropos, 2000). Primeira versão: início -fev.2006. 265p.

LIMA, L. A. P. **A ROÇA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE E DE AFIRMAÇÃO INDENITÁRIA**: estudo da relação dinâmica de resistência e garantia do território em situações sociais referidas a quilombolas e indígenas. 2015. 198p.  
Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2015.

MARX, K. ENGELS, F. **Ideologia alemã**. Traduzido por Luiz Claudio de Castro e Costa. Ed. Livraria Martins Fontes. São Paulo. 1998. 138p.70

MELATTI, J. C. Maciço Guianense Ocidental Retocado em 2009. Disponível em:<[https://www.google.com.br/?gfe\\_rd=cr&ei=YqAYVJP9IMnB8gfT4ID4Aw#q=MEL](https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=YqAYVJP9IMnB8gfT4ID4Aw#q=MEL)

[ATTI%2C+J%C3%BAlio+Cezar.+Maci%C3%A7o+Guianense+Ocidental+Retocado+em+2009](#) > acesso em: 16 abr. 2014

MORAIS, A. C. R. (org.). **Ratzel: Geografia**. São Paulo: Ed. Ática S.A, 1990.192 p.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. 2ª edição. Editora contexto. São Paulo. 2012.

MOREIRA, M. G. A. **EM BUSCA DO TERRITÓRIO PERDIDO**: o reconhecimento da terra indígena Kaxarari no Brasil e da terra Ye'kuana do Alto Orinoco na Venezuela. 2005. 140p. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciência Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

GASCHÉ; J. MENDONZA, N. V. **SOCIEDAD BOSQUESINA** Tomo I, Peru: 2011. IIAP-CONCYTEC- CIAS, 2011.

KATIA, M. P. SARAIVA, M. M. **Relatório de Avaliar o Processo de Implantação de Sistemas Agroflorestais e os Problemas das Roças**. ISA, Boa vista 2012. 38p.

KOCH-GRÜNBERG, T. 1979. [1917]. **Del Roraima al Orinoco**, traduit del'allemand par Federica de Ritter. Vol. III. Caracas: Ediciones del Banco central de Venezuela.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Traduzido por Maria Cecilia França. Ed. Ática S.A. São Paulo (SP) 1993

RAMOS, A. R. **Hierarquia e simbiose**: Relações Intertribais no Brasil. São Paulo: Hucitec. 1980.

\_\_\_\_\_, **Memórias Sanumá: espaço e tempo em uma sociedade yanomami**. São Paulo: Marco Zero; Ed. UnB, 1990.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, RAMOS, Alcida Rita. **AUARIS REVISITADO**. Relatório de viagem ao território Yanomami em Roraima 24 de novembro de 1990-14 de janeiro de 1991. Brasília, 1991.

REPETTO, M. CARVALHO, F. **Experiencias de investigación educativa intercultural en la formación de maestros indígenas en Roraima, Brasil**. 2015. Traducción: Marcelo Reyes Aravena. Em pdf disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/desacatos/n48/n48a4.pdf>> . Acessado em 20 maio de 2017

Sanöma samakönö sama tökö nii pewö oa wii tökö waheta: salaka pö= enciclopédia dos alimentos Yanomami (sanöma): peixes, crustáceos e moluscos. São Paulo: Instituto socioambiental, 2016.

SANTOS, M. **A NATUREZA DO ESPAÇO**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 384 p.

SILVA MONTERREY, N. R. **Poder, parentesco y sociedade los Ye'kwana del**

**Caura Venezuela.** Editora ABYA YALA. 1ª ed. Quito, Equador. 2015. 372p.

SILVA, C.C. **AUARÍS E A HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO:** população, recursos naturais e território. 2014. 71p. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação) Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2014.

\_\_\_\_\_, **População Indígena e Saúde na Região de Auarís terra indígena Yanomami.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE E FRONTEIRAS, 1, 2012, Boa Vista, p. 1-15.

SILVA, P. L. **A discussão do território no âmbito dos grupos indígenas.** XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 2010. Porto Alegre. 11p. Disponível em: <file:///C:/Users/Costa/Downloads/download(1868).PDF>. Acesso em 09 mar. 2016

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio** in: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac&Naify. 2002.

## APÊNDICES

APÊNDICE A- Entrevista dos moradores das comunidades: Ashikamau e Fuduwaadunha

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_ idade: \_\_\_\_\_

Nome da comunidade: \_\_\_\_\_ Ye'kuana ( ) Sanumã ( )

1. Quero que você falasse onde teus antepassados viviam?

R: \_\_\_\_\_

2. Você sabe explicar como e porque eles chegaram até ao rio Auarís?

R: \_\_\_\_\_

3. Você pode apontar as trajetórias do seu povo?

R: \_\_\_\_\_

4. Porque escolheram neste lugar para morar?

R: \_\_\_\_\_

5. Quero que você falasse como vocês viviam antes da chegada não indígena aqui em Auarís, vocês mudavam muito ou ficam mesmo lugar?

R: \_\_\_\_\_

6. Depois da construção da pista e com a chegada não indígena, você acha que teve alguma mudança na vida do indígena?

Sim ( ) Não ( )

7. Você pode apontar quais são as mudanças?

R: \_\_\_\_\_

8. Você pode me dizer quais são os pontos positivos depois de contato brancos?

R: \_\_\_\_\_

9. Você pode me dizer quais são os pontos negativos depois de contato brancos?

R: \_\_\_\_\_

10. Quais são principais os problemas enfrentados hoje pela comunidade?

R: \_\_\_\_\_

11. você pode dizer onde estão as roças, lugares de caçada, lugar de pesca, madeira e palha. Antigo e atual?

R: \_\_\_\_\_

## ANEXO A- Exercício de explicitação

Atividade:	
1. recurso natural	
2. participantes	
3. divisão do trabalho	
4. instrumentos	
5. regras	
6. finalidade	
7. produto final	
8. fim social	

## ANEXO B- Passo a passo da atividade: derrubada da roça

PASSO A PASSO	FORMA DE TRABALHO	CONHECIMENTO INDÍGENA
1. reunião	Coletivo	Dakäänä wä yaaka'jeje
2. escolher lugar da roça (enantädö tödöömä)	Individual	Escolher a terra boa onde tem as plantas como wanä katö e sem presença de pé de dimai.
3. demarcar a roça (chunä'tädö)	Individual	Chu'nä'tädö töjoodöjo'da
4. chujiyö (limpar por baixo das arvores grandes)	Coletivo	Kone'da äwäänetö'jödö tä'da
5. wöwö eju'tädö (colocar cabos de machado)	Individual	Escolher as madeiras boas: wöwö ejuudu, dajaaka, wakaadu.
6. yaakadö	Coletivo	Woowashinchänä audaajä awä (almoço na roça) ewaashinchadö (dar comida para roça)
7. tooki/ audaajä edeemi'jödö (festa de tooki)	Coletivo	Adonkadö (dar a saúde a mandioca)
8. Ejödökaadö	Individual	Muito perigoso na hora de derrubar.
9. odaajä ukwaadö (queimar a roça)	Individual	Wedunawä ukwaadö (queimar na época da seca)
10. kiyeedajä aiyodö (tirar maniva)	Individual	Toda vez que tira mandioca faz maniva
11. ewansokaadö	Individual	Ewansokaadö (plantar primeira maniva meio da roça pelo benzedor ou benzedora) afugentar espíritos mal que podem prejudicar crescimento de plantas.
12. shaakaichadö Aichädö	Coletivo ou individual	Töwäänema weinhä (proibido fazer sexo, não comer peixe embrulhado na folha e não comer kommakä e peixe).
13. limpeza da roça	Individual	Para manter limpa a roça. Quando a roça está com muito mato mandioca não fica boa.
14. primeira colheita quando completar dois anos	Coletivo ou individual	Ritual (ködheede ajäntädä) para afugentar as pragas e cobra da terra. Mandioca nova tem espíritos que pode dar doenças

## ANEXO C- INDICADORES AMBIENTAIS

Mês	INDICADORES					
	Astronomia	Climática	Animais	Vegetais	Problemas sociais, ambientais e saúde	Atividades comunitárias
Janeiro						
Fevereiro						
Março						
Abril						
Maio						
Junho						
Julho						
Agosto						
Setembro						
Outubro						
Novembro						
Dezembro						